



BILL HYBELS | A REVOLUÇÃO NO VOLUNTARIADO

Por que as pessoas fazem do servir ao próximo sua razão de viver



Digitalizado e Revisado Por: **Pregador Jovem**



Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

BILL HYBELS

A REVOLUÇÃO

NO VOLUNTARIADO

Por que as pessoas fazem do servir ao próximo sua razão de viver

Tradução

Valéria Lamim Delgado Fernandes



Editora Mundo Cristão

Eu frequentemente sofro com as dedicatórias nos livros.

*Mas não desta vez. Desde o dia em que me comprometi
com este projeto, mal pude esperar para dedicá-lo aos heróis
do voluntariado da Willow Creek Community Church.*

Eles viveram o sonho do

"cada membro, um ministro" mais

vigorosamente que qualquer igreja local

que já conheci no mundo.

Sei que cabe ao líder inspirar e motivar a equipe.

Em Willow, verdade seja dita, a equipe tem

motivado e inspirado o líder

mais do que ela imagina.

Eu já disse isso a eles centenas de vezes,

mas tenho de expressá-lo novamente aqui e neste exato momento:

servos de Jesus Cristo em Willow,

eu os tenho em grande estima.

Parabéns!

Sumário

Agradecimentos

1. É para isso que fui criado
2. Não acredito que tenho de fazer isso!
3. Servir: a grande jogada
4. A grande troca
5. O quê? Eu, um sacerdote?
6. Mergulhe de cabeça
7. Usando suas habilidades para descobrir sua
8. A paixão motivada por pessoas
9. Não se esqueça de pedir
10. A longo prazo
11. O poder de fazer o bem

Notas

Agradecimentos

NUNCA FIZ UMA ÚNICA COISA DE VALOR SEM CONTAR COM A ajuda de outros. Este livro não é exceção. A equipe da Zondervan enfrentou uma tempestade de neve em janeiro para expressar seu entusiasmo por este projeto. O pessoal é animado. Scott Bolinder e Bruce Ryskamp continuam a desafiar o velho ditado popular: "Amigos, amigos; negócios à parte". Temos feito livros juntos há quase vinte anos, e nossa amizade aumentou. Obrigado, rapazes.

Jim Mellado, presidente da Willow Creek Association, pressionou-me com carinho há anos para que eu colocasse no papel algumas reflexões sobre voluntariado. Deus usou esse homem mais do que ele imagina.

Nossa turma das quintas-feiras à tarde encontrou-se durante meses em meu escritório para desafiar as opiniões mútuas sobre voluntariado. Sua lima afiou a minha.

Tammy Kelley, que patrocina o voluntariado em Willow, enviava-me uma enxurrada de *e-mails*, lembrando-me de que a Igreja jamais atingirá seu potencial máximo de redenção sem números cada vez maiores de voluntários entusiasmados. Obrigado, Tammy.

E, por fim, minha esposa, Lynne, mergulhou de cabeça no mundo dos voluntários da Willow por mais de um ano na tentativa de entender o coração dessas pessoas. O coração dela

jamais será o mesmo. Seus talentos de escritora e habilidades de edição tornaram este livro possível, e eu não tenho palavras para agradecer.

CAPÍTULO 1

É para isso que fui criado

Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

EFÉSIOS 2:10

HÁ ALGUNS ANOS UM NOVO MEMBRO DE NOSSA EQUIPE NA igreja perguntou-me como eu tinha a coragem de pedir às pessoas, que já eram ocupadas no trabalho e em casa que se envolvessem como voluntárias na igreja.

— Quero dizer, você não se sente um pouco culpado por fazer isso? — ele perguntou. — Não é injusto colocar esse fardo sobre as pessoas?

Ele tinha razão. Mas eu tinha uma razão ainda maior:

— Nos próximos meses você conhecerá pessoas que ficam em pé ao lado de máquinas dez horas por dia, cinco ou seis dias na semana. Quando elas chegam em casa à noite, algumas sentem o prazer, o sentido e o propósito de vida que viram anunciados em comerciais de cerveja ou sistemas de computadores. São pessoas piedosas e conscientes, e agradecidas pelo trabalho que têm. Porém, elas não encontram satisfação para a alma nas máquinas.

"E você conhecerá pessoas admiráveis e trabalhadoras que trabalham em corretoras de imóveis e mostram trinta casas por semana. Se elas tiverem sorte, um comprador fará uma oferta, mas elas não têm essa sorte todas as semanas. Muitas são pessoas extrovertidas que gostam de mostrar propriedades e ajudar famílias a encontrar a casa certa, mas, mesmo assim, elas provavelmente não chegam em casa à noite sentindo uma profunda alegria interior por causa do último imóvel que mostraram.

"Você conhecerá vendedores de companhias de seguros que vendem apólices há vinte anos. Embora eles sejam gratos por saber que essa atividade coloca comida em suas mesas e manda seus filhos para a faculdade, a ideia de vender mais uma apólice provavelmente não é o que sustenta seu barco emocional.

"Você conhecerá revendedores de carros, corretores de valores, pedreiros, oficiais de polícia e encanadores que, a despeito de seu compromisso com a carreira e o trabalho, são honestos o bastante para admitir que sua vocação secular não oferece o verdadeiro sentido para satisfazer as necessidades mais profundas que revolvem em sua alma.

"Alguns deles amam o trabalho; sentem-se estimulados e revigorados por ele. Alguns até deixam seu local de trabalho todos os dias sabendo que honraram a Deus por meio de seu trabalho e seu amor pelas pessoas. Mas alguns deles diriam: *A vida se resume nisso*".

Olhei bem dentro dos olhos de meu jovem amigo.

— Você e eu temos de convidar estas pessoas para que sejam usadas por Deus de maneiras que nunca imaginaram. Temos a oportunidade de capacitá-las para que desenvolvam dons que não sabiam que possuíam. Podemos encorajá-las à medida que elas assumirem, com coragem, novos níveis de responsabilidade no Reino capazes de fazer seu coração transbordar. E temos de ver o olhar no rosto delas quando perceberem que Deus as usou para tocar outro ser humano.

— Não — eu disse —, nunca me senti de fato culpado por convidar as pessoas para serem voluntários em nossa igreja. Nunca.

EM UMA MISSÃO

Quando o autor do livro de Eclesiastes decidiu determinar seu propósito de vida, ele começou acumulando uma grande quantia de dinheiro e acabou descobrindo que isso não proporcionava o sentido que ele esperava. Então buscou poder, conse-guiu-o e descobriu que isso também não o satisfazia. Em seguida, veio uma escandalosa busca por prazer. Depois por fama e notoriedade. Finalmente, quando todos os seus esforços chegaram ao fim, ele disse suas famosas palavras: "Vaidade, vaidade, tudo é vaidade". Ou, como diz outra tradução: "Tudo isso é como correr atrás do vento".

Não fomos criados para correr atrás do vento. Fomos criados para nos unir a Deus em uma missão. Algumas pessoas pensam em Deus como alguém que está à toa em algum lugar, além das extremidades do universo, ouvindo uma música de adoração realmente boa. A Bíblia vê isso de um modo muito diferente. Ela ensina que Deus está agindo 24 horas por dia, por todo o mundo, enchendo seus seguidores de graça, misericórdia e poder para que reivindiquem, redimam e consertem este planeta falido.

E como se Deus estivesse de luvas para trabalhar. E ele nos chama para arregaçar as mangas e nos juntarmos a ele com nossos talentos, nosso dinheiro, nosso tempo e nossa paixão. Ele deseja que sua missão seja a nossa.

— Se você estiver correndo atrás do vento — ele nos diz —, você pode continuar a fazer isso. Ou pode juntar-se a mim e, juntos, transformaremos este planeta aflito.

Como seria encostar sua cabeça no travesseiro à noite e dizer: "Sabe o que fiz hoje? Trabalhei em equipe com Deus para mudar o mundo."?

O desejo de ser um agente de mudança do mundo está plantado no coração de todo ser humano, e esse desejo vem direta-mente do coração de Deus. Podemos sufocá-lo com o egoísmo, silenciá-lo com a conversa fiada de competitivas exigências ou deixá-lo para trás na rápida trilha que leva à realização pessoal. Mas ele ainda está lá. Toda vez que nos perguntamos se o trabalho maçante que fazemos todos os dias das oito da manhã às cinco da tarde ou nossas constantes tarefas como pais levam à vida, esse desejo divino se manifesta em nós. Toda vez que ficamos impacientes e insatisfeitos, o desejo sussurra em nossa alma. Toda vez que nos perguntamos como seria uma vida de verdadeiro propósito, o desejo nos chama para algo mais.

UM MUNDO TRANSFORMADO

Jesus deixou muito claro qual era a ideia de Deus de um mundo transformado, primeiro, dentro da comunidade de cristãos conhecida como Igreja, e depois, quando os valores dessa comunidade se espalham pelo mundo:

- Quando ele disse que deveríamos *amar ao Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma, mente e força, e ao nosso próximo como a nós mesmos*, ele nos chamava para trocar uma religião ritualizada por um relacionamento de genuíno amor com Deus e oferecer aos outros o mesmo tipo de atenção, honra e compaixão que damos a nós mesmos.
- Quando Jesus enfatizou seus ensinamentos com a *preocupação com os pobres, os impotentes e os oprimidos*, ele descreveu um novo sistema de valores.
- Quando disse: *Toma a tua cruz e segue-me*, ele nos dizia em termos explícitos que segui-lo exige sacrifício, sofrimento e morte de algo egoísta dentro de nós.

- Quando disse: *Ide por todo o mundo e pregai o evangelho, batizando em meu nome e dizendo a todos que ouvistes de mim*, ele deixava claro que sua vontade para nós inclui o chamado para a missão em escala mundial. Nosso chamado para amar o nosso próximo como a nós mesmos inclui tanto o nosso vizinho do outro lado do globo como aquele que mora ao nosso lado.

A transformação que Deus almeja muda tudo: casamentos, famílias, amizades, sistemas econômicos e políticos. Ela exalta os humildes, humilha os soberbos e atrai as pessoas independentemente de divisões raciais, sociais e culturais. Ela nos chama a viver de um modo pelo qual, como diz o pastor Rob Bell, da Mars Hill Bible Church, *o amor vence* — na discussão com seu cônjuge, na conversa com seu vizinho, no encontro com um estranho, na decisão que tomamos, na resposta para alguém em necessidade, na atitude para com nosso inimigo... na escolha que fazemos para servir.

UM MOMENTO FORTE

Ao perguntar aos voluntários antigos quando foi que "eles se comprometeram pelo resto da vida" — o momento em que decidiram servir na missão de Deus enquanto ele lhes desse fôlego —, eles quase sempre apontam um momento específico no serviço que selou seu compromisso. "Naquele momento", eles dizem, "senti que o Deus do céu e da terra me usa, e descobri que não há nada no mundo que se compare a isso. E algo que supera qualquer coisa que já experimentei!"

Quer tenham ensinado uma criança a orar, levado alguém à fé, ajudado na reconciliação de um marido e uma esposa, servido uma refeição a um morador de rua ou gravado um fita de áudio que transmitiu a mensagem cristã a alguém, eles sabiam que sua vida jamais seria a mesma.

Atos 13:36 fala sobre um personagem do Antigo Testamento chamado Davi. O texto simplesmente diz: "tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus...". Gosto da clareza desta única frase. Davi não perdeu tempo correndo atrás do vento. Ele decididamente se dedicou à missão de Deus e morreu sabendo que sua própria vida havia servido ao seu propósito maior.

UM PARTICIPANTE OU UM ESPECTADOR?

Nunca fui um grande atleta, mas joguei o suficiente para saber que quando o assunto envolve esportes, é muito mais emocionante para quem pratica do que para os espectadores.

Por cinco anos, no início da década de 1980, joguei com um grupo de amigos em uma liga de futebol americano em um campo do distrito. A maioria das equipes contra as quais jogamos contava com rapazes grandes que trabalhavam no ramo da construção e que pegavam pesado depois do trabalho. Quando chegavam ao parque, eles só queriam saber de acertar as pessoas.

Nós, rapazes de igreja, não éramos grandes nem ficávamos embriagados, mas, com velocidade e astúcia, nos saíamos bem. Vencemos várias vezes o campeonato do campo do distrito realizado na terça-feira à noite.

Durante esses mesmos cinco anos, servi como capelão da equipe de futebol americano do Chicago Bears. Várias vezes a equipe me deu ingressos especiais para os jogos no Soldier Field durante a espetacular campanha do Bears rumo ao Super Bowl.

Às vezes, nos domingos à tarde ou nas segundas à noite, lá estava eu no Soldier Field, sentado na linha das cinqüentajardas, vendo o Bears, no campeonato mundial, massacrar seus adversários. Tentava concentrar-me no jogo, mas via alguém pegar uma bola passada em espiral... e desejava que fosse terça-feira à noite para que eu pudesse pegar essa bola. Via alguém fazer um belo bloqueio... e me lembrava do choque que tive com um grandalhão na semana anterior. A despeito das contusões que carregava por causa de minha participação, eu queria trocar o Soldier Field pelo campo lotado do distrito. Queria estar *em ação*, e não só assistindo.

Minha paixão recreativa no momento é velejar. Por três vezes, pela graça de Deus, tive a oportunidade de assistir ao maior evento de corrida de barcos a vela do mundo, a Copa da América. Sentado no convés do barco de um amigo no meio das maravilhosas águas do norte de Auckland, na Nova Zelândia, vi os primeiros barcos de corrida e tripulações de velas estendidos em um percurso.

Mas, durante o tempo todo, pensei: *Seria melhor participar de uma de nossas regatas locais no Lago de Michigan em meu usado e surrado barco a vela com meus oito companheiros do que ser um espectador na final da Copa da América.*

Ser espectador jamais se compara às emoções e arrepios de estar no meio da ação. Eu preferiria ficar um pouco cansado participando de uma regata a beber uma limonada no conforto de uma espreguiçadeira no barco de um espectador. E não acho que sou o único que se sente assim.

Toda pessoa que frequenta uma igreja local tem de fazer uma escolha. Ela pode parar o carro no lugar de sempre no estacionamento da igreja, sentar-se em um lugar confortável em sua fileira preferida, assistir a um bom culto, conversar com os amigos e depois ir para casa. Essa escolha faz parte de uma bela e segura experiência de uma manhã de domingo. Ou ela pode lançar-se em uma aventura, arregaçando as mangas, jun-tando-se a uma equipe de servos com as mesmas opiniões e ajudando a formar a igreja local da qual Deus a chamou para fazer parte.

Recebo o tempo todo cartas e *e-mails* de voluntários que descobriram que servir é muito mais gratificante do que ser espectador. Aqui está um exemplo.

Há três anos você me desafiou a envolver-me como um voluntário. Hesitei a princípio, mas você não desistiu. Agora minhas palavras não são suficientes para lhe agradecer. O significado que tenho, a sensação de domínio que sinto, as amizades que tenho feito, o crescimento espiritual que tenho experimentado — tudo isso está diretamente ligado ao fato de eu ter encontrado meu lugar no servir. Serei grato a você pelo resto de minha vida por convidar-me a participar deste jogo.

Ao longo deste livro você encontrará muitos trechos de *e-mails* verdadeiros que recebi de voluntários, de nossa igreja e de outros lugares, que descobriram o propósito de sua vida quando finalmente assumiram o compromisso de servir.

A maioria deles não encontrou o lugar perfeito no voluntariado da noite para o dia. Muitos serviram fielmente em situações não tão ideais antes de descobrir aquilo em que eram realmente bons. Alguns não tinham a menor ideia de por onde começar. Entretanto, começaram mesmo assim. Experimentaram. Por mais que estivessem assustados ou pensassem que tinham pouco a oferecer, eles decidiram dar um primeiro e pequeno passo.

Algumas das pessoas sobre as quais você lerá tentaram, ao longo dos anos, silenciar a voz que as chamava para que deixassem de se concentrar em si mesmas e passassem a servir. Mas Deus não desistiu. E agora elas se tornaram os proponentes mais entusiásticos nesse serviço.

Um homem escreveu o seguinte:

Minha vida costumava girar em torno de uma coisa: eu era um rapaz que servia a si mesmo e que não tinha propósito nem paixão. Levava uma vida miserável, desperdiçando tempo e dinheiro com cerveja e emoções baratas. Então, um dia, entrei em uma igreja e ouvi a mensagem de Cristo: Dê sua vida aos outros e você a achará. Eu não tinha muito para dar, por isso decidi fazer uma tentativa.

Foi quando minha vida começou a mudar e Cristo tornou-se mais real para mim. Comecei a servir aos adolescentes e encontrei um propósito... uma razão para minha existência.

Faz 21 anos que entrei naquela igreja. Hoje minha vida é mais próspera do que jamais imaginei que pudesse ser. Servir aos outros fez a diferença. Foi uma das melhores decisões que já tomei.

Aqui está a experiência de uma mulher chamada Marty:

Há dois anos comecei como voluntária em nosso ministério com crianças que passam pela experiência de divórcio na família. Eu já havia me divorciado e me lembrava claramente do que era ser mãe solteira, lutando contra tudo o que estava acontecendo em minha vida e vendo que sobrava muito pouca energia para meus filhos. Quando fiquei sabendo deste ministério, convenci-me de que Deus estava me chamando para me envolver com ele.

A cada semana vejo crianças chegando com raiva e medo e saindo com esperança e paz. Como eu gostaria que meus filhos tivessem sido servidos desta maneira.

Tantas pessoas hesitam em ser voluntários porque têm medo de fracassar. Eu me sentia assim também. Mas quando deixamos Deus nos conduzir à posição onde ele deseja que sirvamos, sentimos uma incrível sensação de satisfação e alegria. Eu não desistiria disso por nada neste mundo.

Por que não me sinto culpado por pedir às pessoas que sejam voluntárias na igreja local? Porque sei que o que Marty diz é uma verdade. As pessoas que deixam Deus conduzi-las à posição onde ele quer que elas sirvam sentem "uma incrível sensação de satisfação e alegria".

E você? Não é hora de levantar-se das arquibancadas, atravessar alguns bancos, adaptar-se e sair para o campo? Garanto que é muito mais divertido

participar do que ser espectador. Por que ficar vendo os outros mudarem o mundo quando você pode se juntar a eles?

Mexa-se.

CAPÍTULO 2

Não acredito que tenho de fazer isso!

ERIC SABE LIDAR COM DINHEIRO, COMO BANQUEIRO EMPRESA-rial e internacional há quase trinta anos, eleja emprestou milhões e milhões de dólares e movimentou grandes quantias em todas as partes do mundo. E ele gosta de fazer isso. "Nunca me cansei do desafio", ele diz. Mas, a despeito do prazer e sucesso que ele encontrou em seu trabalho, outras dimensões de sua vida continuaram subdesenvolvidas e frustradas.

Antes de entrar para o ramo bancário, Eric trabalhou como professor em uma escola da periferia e nunca perdeu sua paixão de servir famílias e crianças sem recursos. Foi bom, pois, de repente, ele encontrou uma criança muito necessitada que morava dentro de sua própria casa.

Karen, esposa de Eric, decidira adotar uma criança depois que o filho mais novo dos quatro filhos do casal completasse 7 anos. Eric apoiou a decisão da esposa, mas disse-lhe que ela teria de fazê-lo sozinha, pois ele estava muito ocupado com os negócios e as viagens.

Entretanto, a adoção logo passou a ser um "ministério da família". As onze crianças que moraram na casa e no coração do casal durante os dez anos seguintes despertaram em Eric seus primeiros interesses.

Quando teve a oportunidade de aposentar-se, Eric "deixou o mundo dos negócios para fazer algo mais voltado para o coração, algo pelo qual tinha paixão". Nos anos que se seguiram, Eric tornou-se o que ele chama de "voluntário profissional".

Ele e seu jovem filho, que já é adulto, serviram por duas semanas no ano na construção e manutenção do campo de nossa igreja ao norte de Michigan. Eric estava também na *Equipe de Base*, que cuida de todo o paisagismo do terreno de nossa igreja. E ele começou a servir com a esposa e a filha em uma classe de escola dominical para crianças pequenas.

Com mais tempo para investir, ele se juntou a uma de nossas equipes conhecida como *Comércio & Engenharia*, um grupo de aproximadamente vinte voluntários que se reúnem em segundas alternadas à noite para fazer estudos bíblicos e trocar experiências em pequeno grupo; nas segundas livres, eles servem fazendo consertos mecânicos, elétricos e de marcenaria por todo o prédio da igreja, poupando à igreja milhares de dólares a cada ano

— dólares que podem então ser investidos em ministérios que diretamente tocam a vida das pessoas. "É uma questão de boa administração", diz Eric. "Por que a igreja deveria gastar dinheiro em tarefas que poderiam ser feitas por voluntários que gostam de fazer isso?"

Eric aproximou-se ainda mais de sua paixão inicial quando se juntou a equipes de voluntários que prestavam serviços de construção e reabilitação para ministérios de igrejas locais e internacionais em áreas de baixa renda. Ele começou à frente de equipes no *Ministério de Extensão*, que oferecia oportunidades de trabalho nos finais de semana para voluntários de nossa igreja em parceria com ministérios da periferia para servir aos moradores de rua, jovens em perigo, mães solteiras, presidiários, prostitutas e outros grupos carentes.

"A Bíblia nos diz que a fé sem obras é morta", diz Eric. "Esta é uma forma pela qual podemos colocar nossa fé em ação."

Como membro do departamento de conselho de nossos *Ministérios Internacionais*, a especialidade de Eric em finanças internacionais e línguas estrangeiras, bem como suas habilidades no ramo da construção, encontra uma válvula de escape perfeita. Numa semana, ele esquadrinha cifras em uma reunião do conselho em nossa igreja. Na semana seguinte, lá está ele martelando pregos no prédio de uma igreja em uma área sem recursos da América Latina ou consultando um de nossos parceiros de ministério de língua espanhola.

Karen também é voluntária em tempo integral. Além de cuidar de crianças adotivas, ela serve comida em semanas alternadas ao grupo de moradores de rua que fica em nossa igreja nas quintas à noite. Ela começou a fazer isso para atender ao desejo de sua filha adolescente, mas agora ela está encantada. "Não percebi como seria emocionante ajudar nossos convidados a relaxar e oferecer-lhes um pouco de conforto."

No último verão, ela e a filha passaram uma semana trabalhando em um orfanato na empoeirada península de Baja, no México. "Ver minha filha distribuir alimentos, lavar e cortar cabelos, fazer brincadeiras e cantar músicas com crianças em um campo de trabalhadores cheio de barracos de latão foi um dos melhores momentos de minha vida como mãe."

Karen é também voluntária uma manhã por semana em uma pré-escola sem recursos de uma comunidade perto do local onde mora. "A professora trabalha demais e realmente não gosta de fazer 'coisas artísticas'. Por isso

levo todos os apetrechos e ensino arte às crianças." Em uma mesa na sala de estar de Karen, ao lado de belas fotos de seus filhos adultos e filhos de criação, ficam fotos das crianças da pré-escola, exibindo com orgulho suas "obras de arte". Karen não consegue deixar de sorrir enquanto passa os olhos nas fotos.

"Pensei em renovar minha licença como terapeuta física", diz Karen. A filha mais nova de seus quatro filhos já é quase adulta, e atualmente está entre os filhos de criação. "Mas então penso: Por que eu faria isso? Tenho tanta sorte de ser voluntária. Estou me divertindo tanto!"

"Há anos", diz Eric, "meu trabalho era minha paixão. Eu trabalhava muito e acreditava que o sucesso tinha de vir do mundo empresarial. Mas isso mudou. Bons tempos."

Em uma carta de Natal, a filha de Eric escreveu: "Pai, quando você se aposentou no banco, você se viu diante de um novo capítulo de sua vida. Isso fez de você uma pessoa diferente. Você tem um coração grande, que brilha toda vez que volta de um projeto na periferia ou além-mar. Agora posso ver qual é sua verdadeira paixão". Isso, para Eric, é uma nova — e aprimorada — definição de sucesso.

AS RECOMPENSAS DE SER UM VOLUNTÁRIO

Uma das maiores emoções como líder é observar pessoas como Eric e Karen descobrirem que Deus pode usar seus pequenos e mais ocultos atos de amor e bondade para transformar vidas, igrejas, comunidades locais e, por fim, o mundo. Gosto de ver pessoas viverem em sua vida diária aquilo em que sinceramente acreditam: que os voluntários podem transformar a sociedade e, ao mesmo tempo, ter uma profunda satisfação pessoal.

Entretanto, às vezes leva muito tempo para transformar crenças há muito sustentadas sobre o voluntariado. Muitas pessoas acreditam que o voluntariado tem mais a ver com dever e trabalho árduo do que com diversão e realização.

Infelizmente, às vezes é assim.

Muitos voluntários dispostos de coração foram magoados "no serviço". Responderam a um convite para servir e acabaram em uma posição pouco compreendida, resultando em tarefas em que poucas pessoas se sentiriam realizadas. Ou aparecem para servir e descobrem que não têm nada para fazer; um coordenador de voluntários despreparado os fez perder tempo,

levando-os a perder horas preciosas que, de bom grado, conseguiram encaixar em sua agenda cheia.

Alguns trabalham com afinco em tarefas degradantes sem ao menos saber como seus esforços servem a uma causa nobre; recebem muito trabalho, mas nenhuma visão. Outros têm se sentido arrasados por conta de exigências irracionais para as quais não receberam treinamento adequado; em vez de estarem prontos para vencer, eles são colocados em um expresso que leva à frustração e ao fracasso.

Muitos foram prejudicados quando um líder coercivo le-vou-os a "preencher uma brecha" sem considerar seus dons ou talentos ou o que eles gostavam de fazer. Alguns dedicaram horas — talvez até anos — no serviço voluntário para uma organização ou igreja sem ouvir um simples "obrigado".

Mas as coisas não precisam ser assim. As histórias reais apresentadas neste livro dão testemunho tanto da profunda satisfação que os voluntários podem experimentar como do impacto profundo que eles podem ter sobre os outros. Karen e Eric não são exceções. Creio que a realização que eles desfrutaram como voluntários deve — e pode — ser uma regra.

Minha experiência com voluntários veio primeiro por meio da igreja que pastoreei por quase três décadas. Nos primeiros dias de aventura para implantação de nossa igreja, minha equipe e eu aprendemos algumas lições dolorosas sobre como tratar e como não tratar os voluntários. A dor que testemunhamos na vida de voluntários feridos nos forçou a reconhecer nossos erros e descobrir como apoiar e encorajar melhor esses desejosos servos.

Ao longo dos anos aprendemos — e ainda estamos aprendendo. Todo mês, na verdade, os líderes mais antigos de nossa igreja se reúnem para fazer perguntas concernentes aos voluntários:

Estamos cuidando adequadamente de nossos voluntários?

Estamos oferecendo o treinamento correto?

De que maneira poderíamos melhorar o recrutamento dos voluntários?

Quais são os fiéis voluntários de nossa igreja que estão de

fato tendo experiências?

Eles estão crescendo espiritualmente?

Eles se sentem como parte integrante de uma equipe?

Eles são revigorados pela visão geral de nossa igreja?

Então conversamos com os voluntários sobre essas questões para que possamos aprender com suas experiências e continuar a melhorar a cultura do voluntariado em nossa igreja. Este livro surgiu, em grande parte, graças a essas conversas.

APRENDENDO COM OS SUCESSOS

Nem todos têm a liberdade que Karen e Eric têm de ser voluntários em tempo integral. Mas muitas pessoas descobriram as recompensas do voluntariado nas horas apertadas entre trabalhos de tempo integral e responsabilidades de tempo integral como pais. Deixe-me falar sobre algumas pessoas que conheço.

Por volta das sete horas em um sábado de novembro, parei o carro no estacionamento da igreja. Vi várias equipes de voluntários do nosso ministério de base fazendo a limpeza de final de estação do terreno de nossa igreja, limpando os canteiros, varrendo folhas e plantando bulbos para a primavera. Uma vez que trabalhar na equipe de base é algo que oferece uma oportunidade sobretudo propícia para a família, vi muitas crianças entre os voluntários que trabalhavam nos sábados (e os filhos de voluntários muitas vezes tornam-se adultos voluntários).

"Toda vez que vou de carro para o terreno da igreja", diz um voluntário, "vejo as flores, as árvores e o lago, que são tão lindos e serenos, e sei que minha pequena contribuição ajuda a acalmar as pessoas quando elas vão para o campo e as prepara para ouvirem Deus falar com elas. Gosto de fazer parte disso."

Quando estacionei, vi dois semitratores verde-escuros com *trailers* de alumínio reluzente de 12 metros de comprimento estacionados na última fila do estacionamento da igreja. Os veículos pertencem a um dos voluntários de nossa igreja que é proprietário de uma empresa de alimentos; iríamos usá-los no final de semana para transportar milhares de sacolas de mantimentos para a despensa de nossa igreja que fica a alguns quilômetros de distância. As pessoas que frequentam nossa igreja regularmente reúnem-se para comprar

mantimentos, deixados em sacolas atrás dos carros durante cultos específicos nos finais de semana. Voluntários em caminhonetes passam recolhendo as sacolas durante os cultos e depois carregam os semitratores.

Alguns membros de nossa congregação, como meu filho de vinte e poucos anos e seus amigos, vão até as casas e batem na porta dos vizinhos, oferecendo às pessoas uma sacola vazia e a oportunidade de enchê-la para saciar a fome de famílias de nossa comunidade. "Se você deixar uma sacola cheia em sua varanda amanhã à noite, nós garantimos que ela chegará às pessoas carentes." Esses jovens voluntários recolheram quarenta sacolas de alimentos em uma noite, que foram levadas para a igreja e colocadas nos semitratores.

Quando os semitratores chegam na despensa, outros voluntários esvaziam as sacolas e reabastecem as prateleiras. Centenas de voluntários estão envolvidos nesse ministério. Outros cem voluntários servem fazendo turnos durante a semana na despensa, conversando, orando e repartindo comida com pessoas que muitas vezes estão tão sedentas em espírito quanto famintas fisicamente.

Patsy, uma mãe animada de quatro filhos, ajuda no controle de nossa despensa. Comentei com seu marido, Mike, que, como ele havia ajudado Patsy na grande tarefa de mudar a despensa e fazia parte de nosso comitê de reorganização do ministério, além da diretoria da igreja, era possível que os estives-

semos cansando. Sua resposta não deixou dúvida em minha mente de como ele e Patsy se sentiam.

"Você está brincando? Um buraco do tamanho do Grand Canyon se abriria em nosso coração se não pudéssemos servir dessa maneira. Nem queremos imaginar a nossa vida sem isso."

Dentro do prédio da igreja, outros servos que apareciam aos sábados pela manhã estão trabalhando.

Os voluntários que cuidam do som e da iluminação para o nosso ministério de juniores terminam de montar os equipamentos e começam a ensaiar o programa que apresentarão mais tarde nesta manhã. A música de adoração estremece o chão e o teto da grande sala de reunião. Em algum lugar, entre as pessoas que correm de um lado para o outro, gritando instruções de última hora e, por fim, orando diante das portas abertas, há um ou dois membros da equipe que são pagos. Mas a banda, as pessoas da produção e os líderes de pequenos grupos são voluntários; a idade média é de aproximadamente 18 anos. Independentemente do que eles façam na sexta-feira à noite, isso não os impede de aparecer no sábado pela manhã para fazer a diferença na vida de quase mil juniores.

Enquanto isso, no salão principal, voluntários arrastam-se para cima e para baixo entre as fileiras, limpando a parte de trás dos assentos que seguem o estilo de um teatro. Fazem isso todos os sábados de manhã para deixar o salão preparado para os cultos de final de semana. Dale, um dos que ficam de joelhos por ali, frequenta nossa igreja há quase três décadas. Ele administra as propriedades de uma grande corretora de imóveis, mas nunca falta ao seu compromisso aos sábados pela manhã. Duas coisas unem as pessoas que limpam os assentos. Elas riem muito e oram pelas pessoas que se sentarão nos assentos que elas limpam.

Além das pessoas que limpam os assentos, uma equipe conserta semanalmente os assentos que estão mancos. Toda a sujeira que essas pessoas fazem enquanto consertam os assentos logo é removida por uma equipe munida de aspiradores de pó que, fielmente, as segue para cima e para baixo entre os assentos. (E as pessoas pensam que assentos limpos e seguros "simplesmente caem do céu".)

Na livraria, Grace, de 78 anos, ocupa-se em abastecer as prateleiras e ajudar os clientes. Dave, seu marido de 83 anos, serve na produção de fitas de áudio. Juntos, eles também lideram um pequeno grupo de casais. Ambos começaram como voluntários na igreja no início da década de 1980, quando Dave ainda trabalhava em período integral

como engenheiro; eles serviram em muitos ministérios desde então. Quando começaram, o trabalho e a família de Dave preenchiam seus finais de semana, mas os sábados eram livres. Assim, por dez anos, ele passou todos os sábados à tarde esvaziando todas as latas de lixo espalhadas pelo prédio da igreja (não tínhamos uma equipe remunerada de porteiros na época). Nos domingos, enquanto esperava Grace terminar seu trabalho na livraria, ele passeava pelo berçário e pelas classes de crianças, recolhendo fraldas sujas. Ele também serviu como consultor de engenharia nos principais projetos de construção da igreja; não faz muito tempo eu o vi sentado em uma mesa de reuniões, examinando com cuidado especificações para um sistema de ar condicionado. A despeito da contínua luta de Dave contra um câncer, ele e Grace se recusam a deixar de servir. "E a coisa mais gratificante que fazemos", insistem.

Em outra sala, Jim e sua esposa, Lynn, são voluntários em um grupo de discussão mensal que ajuda as pessoas novas na igreja a se juntar a pequenos grupos e oportunidades para servir. Jim, que implementa e mantém sistemas de computadores para uma grande empresa de reciclagem durante a semana, lidera e treina os mediadores que servem nas oficinas aos sábados. Lynn, um membro da equipe da igreja, é um voluntário que oferece orientação particular para pessoas que buscam o lugar certo para se envolver. Além disso, Jim e Lynn servem ao longo do ano abrindo as portas de sua casa para visitantes estrangeiros que participam de conferências na igreja. Jim também tocou trompete na banda da igreja por quase quinze anos, e Lynn atua no ministério de oração. Quando pergunto sobre o envolvimento que eles têm com o voluntariado, Jim perde a fala. "Nunca se torna uma coisa do passado", ele diz. "Nós adoramos servir. E a nossa vida."

Por volta das 8h 15min, as salas do *Promisewtowne* ficam cheias de bebês e crianças de 1 a 6 anos de idade. Enquanto a mãe ou o pai dessas crianças é voluntário em vários ministérios aos sábados pela manhã — servindo aos juniores, ajudando em uma oficina profissionalizante, liderando um grupo de apoio para portadores do mal de Alzheimer ou orando por pedidos entregues ao ministério de oração —, as crianças aprendem e brincam em um ambiente pré-escolar dirigido por outros voluntários, muitas vezes adolescentes ou pessoas que têm filhos adultos. Esses voluntários que cuidam das crianças têm o compromisso de liberar os pais jovens para que experimentem as alegrias do servir. Aberto durante quatro dias da semana, o *Promisewtowne* tem um núcleo de oitenta a noventa voluntários que servem quase cem crianças por dia, permitindo que muitos pais jovens sejam voluntários ao longo da semana na livraria ou no centro de distribuição de alimentos, como assistentes administrativos da equipe, como líderes de grupos de apoio e, em outro lugar, influenciando cada ministério da igreja.

Quando iniciamos nossa igreja, não tínhamos capital para contratar uma equipe. Tínhamos um sonho... e, na verdade, nada além disso.

Assim, todos começamos como voluntários. A noite eu cuidava da produção no Water Street Market, em Chicago, do comércio atacadista de meu pai. Lynne dava aulas particulares de flauta e trabalhava em uma livraria cristã. Outros que faziam parte do núcleo original trabalhavam como professores na escola, motoristas de ônibus fretados, corretores de imóveis novatos. Tínhamos uma matriz, uma produtora de vídeos e uma impressora. Muitos de nós ainda estavam na faculdade. Mas estávamos convencidos de que, se oferecêssemos nosso tempo e talento como voluntários do modo mais fiel possível, poderíamos transformar nosso sonho em realidade.

Olhando para trás, nossa falta de capital foi provavelmente um grande presente. Ela nos forçou a tropeçar em uma profunda verdade: a igreja estava destinada a ser, em primeiro lugar, uma organização de voluntários. O poder da igreja verdadeiramente é o *poder de todos*, como homens e mulheres, jovens e velhos, oferecerem seus dons para o cumprimento do plano redentor de Deus.

Jesus propositalmente tomou uma decisão estratégica ao convidar Pedro, Tiago, João e outros discípulos para que o ajudassem a propagar as novas do Reino. Ele poderia ter construído seu ministério de outras formas. Poderia ter continuado a agir sozinho. Poderia ter insistido para que todos os seus seguidores fizessem um estágio em missões de tempo integral de dois ou três anos durante sua primeira década de discipulado.

Entretanto, Jesus preferiu promover sua obra contando, primeiramente, com pessoas comuns que vivem no mundo real da família, dos negócios e da comunidade. Ele acreditava que as mesmas habilidades usadas para fazer vasos de barro, arrebanhar animais e assar pão poderiam promover o Reino de Deus.

O apóstolo Paulo sentiu tão fortemente o chamado para ser um voluntário que, em 1 Coríntios 9, fez as pessoas se lembrarem de que ele mesmo era um voluntário. Ele se sustentava fazendo tendas para que pudesse servir como pastor e líder sem se tornar um dreno financeiro para a igreja.

Sou um membro remunerado da equipe. E não tenho palavras para agradecer pela equipe remunerada talentosa, trabalhadora e criativa com a qual trabalho. Mas o Reino de Deus não pode avançar só por meio dos esforços de uma equipe remunerada da igreja. Creio que a Igreja é a esperança do mundo. Mas essa esperança está na disposição de voluntários de todos os estilos de vida — médicos, professores, mães que ficam em casa, executivos, universitários, enfermeiros, avós, engenheiros aposentados,

carpinteiros, dentistas, cabeleireiros, colegiais, balconistas de mercearias — de serem mobilizados, capacitados e usados por Deus.

O POTENCIAL PARA FAZER A DIFERENÇA

Ao longo dos anos vi muitos grandes servos de Deus descreverem a si mesmos como "simples voluntários". Antes de escrever mais uma página, eu gostaria de deixar algo muito claro. O termo "um simples voluntário" não deveria ter lugar em nosso vocabulário.

A igreja que pastoreio não existiria sem os milhares de horas investidos a cada mês por voluntários entusiasmados. Não há dinheiro no mundo que pague por todas as boas obras que, desesperadamente, precisavam ser feitas em nome de Deus na minha e na sua igreja, na minha e na sua comunidade, no meu e no seu país.

Sem as horas de trabalho de voluntários, inúmeras feridas não serão cuidadas, bocas não serão alimentadas, pessoas que sofrem não serão consoladas, casamentos desfeitos não serão restaurados, pessoas solitárias não serão abraçadas, crianças não serão educadas. Inúmeros copos de água fria jamais serão oferecidos no nome de Jesus e inúmeras pessoas que buscam uma vida espiritual jamais serão amparadas e levadas a Cristo.

Quer Deus tenha abençoado você com quarenta horas por semana de tempo arbitrário, quer você mal possa usar quarenta minutos por mês de sua agenda lotada, você tem o potencial de fazer a diferença em seu canto do mundo.

O que você tem a oferecer? Mais do que você pode imaginar. Você tem os dons e talentos inatos. As paixões que o inspiram. As bênçãos da educação. As habilidades que você aprimorou enquanto trabalhava em casa ou no mercado de trabalho. As experiências de vida que o fizeram amadurecer. A dor que o abateu. O amor ao próximo que jorra do coração de Deus para o seu.

Essas são ferramentas poderosas para o bem que Deus tem dado com abundância a todos os seus filhos. Para quê? Para que possamos esbanjar bondade sobre os outros. Uma de minhas definições favoritas para Igreja é "comunidade de bênção" — uma comunidade abençoada por Deus para poder abençoar o mundo.

Uma vez decidido a investir ainda que uma pequena parte das bênçãos que Deus tem lhe dado na vida dos outros, você verá a semente de algo poderoso plantada em sua própria alma. E, algum dia, quando você estiver perto de entregar-se ao espírito e à ação

do voluntarismo, essa semente passará a ser uma compreensão maravilhosa de que é para *isso* que você foi criado!

CAPÍTULO 3

Servir: a grande jogada

Nós amamos, servimos e cuidamos dos outros porque esta é a conduta normal de pessoas que são cheias do Espírito de Deus. Somos cristãos.

Cristo foi o servo maior. Não podemos deixar de servir porque o Espírito do Servo tem enchido nosso coração. Quando servimos, estamos simplesmente sendo quem naturalmente somos.¹

STEVE SJOGREN

A MAIORIA DE NÓS DESEJA LEVAR UMA VIDA COM PROPÓSITO.

Queremos nos entregar a uma causa digna. Entretanto, os anos em que fomos bombardeados pelas mensagens de uma cultura que serve a si mesma nos deixaram confusos. *Ceda a si mesmo. Realize seus desejos. Sacie sua fome. Busque o prazer. Tudo tem a ver com você.*

Diante dessas mensagens, é fácil entender nosso medo de pensar que investir tempo e energia para servir a Deus e aos outros desvalorizará nossa vida. O que realmente acontecerá, perguntamo-nos, se deixarmos o conforto da posição de espectadores e nos sujarmos nos campos? Não ficaremos mais ocupados do que nunca e teremos de trabalhar ainda mais arduamente... sem um aumento em nossa conta bancária que valha a pena? E se for assim, isso faz sentido?

Se assumo o compromisso de servir, perguntamos, será que acabarei gostando ou tendo medo disso? A vida realmente será mais gratificante? Ou só mais exaustiva? Ela me ajudará a crescer espiritualmente ou será que as exigências extras poderiam de fato enfraquecer minha vida espiritual? Por que eu deveria me candidatar a isso? Será que isso realmente vale a pena?

Essas perguntas assustaram-me em 1972, quando percebi Deus a me incomodar para ser voluntário em um grupo de jovens colegiais em Park Ridge, Illinois. Deus me deu um professor universitário baixinho e quadrado chamado Gilbert Bilezikian para ajudar-me a encontrar as respostas.

O dr. B, um refugiado armênio que se exilou em Paris durante a juventude, dava suas aulas sobre Novo Testamento com um elegante sotaque francês, embora nada houvesse de elegante em sua mensagem. Seu chamado radical para que seguissemos a Jesus em uma vida de sacrifício e serviço abalou-me completamente.

Eu era um rapaz arrogante de 20 anos, de uma família abastada, que estava em busca de emoções. Tinha barcos, aviões particulares, carros velozes e Harley Davidsons à minha disposição muito tempo antes de ter idade para pilotá-las. Viajava muito pela

América do Sul, Europa e África. Passava férias na famosa praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Eu sabia aproveitar a vida!

Mas esse conciso professor de meia-idade pegou-me pelo cangote, estremecendo toda a certeza que havia dentro de mim.

"Alunos", ele dizia, "a verdadeira realização nunca virá por meio da satisfação própria". Enquanto meus colegas de classe dormiam, eu suava frio. Suas palavras contradiziam tudo aquilo em que eu julgava acreditar.

"A satisfação própria jamais levará à plenitude de vida que você está procurando. Ela o levará ao vazio e à autodestruição. E, ao longo do caminho, você destruirá outras pessoas." Eu mal conseguia respirar.

O dr. B explicou para aqueles que assistiam à sua aula o que a maioria das pessoas, no final, imagina ser necessário para chegar ao topo. Se elas trabalham em Wall Street, a meta é ganhar muito dinheiro. Se trabalham em Hollywood, a jornada rumo ao sucesso significa produzir filmes premiados. Se estão em Washington, D. C., o segredo é chegar o mais perto possível da Sala Oval.

"Todos queremos chegar ao topo", ele declarava, "mas Jesus disse que o caminho que leva ao topo em seu Reino é tornar-se um servo fiel para o Pai e um servo humilde para o próximo".

SERVO DE TODOS?

A decisão de se tornar seguidor de Jesus mudou radicalmente a vida dos primeiros discípulos. Eles abandonaram família, amigos e emprego para se tornar peregrinos sem lar, fiando seu futuro nas palavras muitas vezes inquietantes de um mestre revolucionário.

Por algum tempo, sem dúvida, isso pareceu uma grande aventura. Veja Pedro, por exemplo. Todos os dias, durante anos, ele ia à praia, desamarrava a corda que prendia seu barco, lançava as redes, levantava uma porção de peixes e os contava, levava os peixes para o mercado, trocava-os por algumas moedas, comprava comida e ia para casa. Dificilmente radiante.

Então ele conheceu Jesus e se tornou o braço direito do líder mais poderoso, talentoso e carismático da época. Jesus milagrosamente alimentou grandes multidões, curou os doentes e ressuscitou pessoas dentre os mortos. Quem poderia imaginar aonde

tudo isso poderia chegar? Pedro havia se apegado a uma estrela, e essa estrela estava se levantando.

Mas então as coisas começaram a ficar confusas. O hábito ousado que Jesus tinha de desafiar os valores que só serviam aos líderes religiosos e políticos gerou hostilidade. Seu implacável chamado para um caminho diferente ameaçava colocar seus seguidores em grandes apuros.

Era sempre difícil para os discípulos aceitar o chamado radical de Jesus para que servissem a Deus e aos outros. "Se alguém quer ser o primeiro", ele lhes disse, "será o último e servo de todos" (Mc 9:35).

Isso não é um pouco radical?

Então ele começou a usar uma linguagem realmente inquietante: negue-se, tome a sua cruz, dê a sua vida.

Em Mateus 19:27, Pedro finalmente faz a pergunta que todos os discípulos provavelmente gostariam de fazer: "Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós?".

Estou convencido de que ali brotou no coração de Pedro um sincero desejo de entregar sua vida à causa de Jesus. Mas ele era apenas humano. Sua velha vida, se não uma aventura, havia sido, pelo menos, previsível. Ele sabia para onde estava seguindo e o que ganharia com isso. Mas, com Jesus, ele tinha de arriscar tudo sem garantia de retorno. *Sou idiota por seguir a este homem?*, ele se perguntou.

"Em verdade vos digo", respondeu Jesus, "que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna" (Mc 10:29, 30).

Jesus prometeu para Pedro que valia a pena segui-lo. Não seria fácil — eles até poderiam enfrentar perseguições —, mas eles receberiam prêmios incríveis, tanto nesta vida como na próxima vida. Na verdade, ele prometeu que seus seguidores receberiam o cêntuplo daquilo que dessem!

Os evangelhos deixam claro que os discípulos tiveram dificuldade para crer na promessa de seu líder. Eles pareciam convencidos de que o egocentrismo, e não o serviço, oferecia o único caminho seguro para a vida de riquezas que desejavam.

Um dia Jesus fez-lhes uma pergunta: "De que é que discorriéis pelo caminho?", mas eles guardaram silêncio porque, pelo caminho, "havia discutido entre si sobre quem era o maior" (Mc 9:33, 34).

Jesus chamava seus seguidores à serventia, porém, nos momentos de descuido de suas conversas particulares, eles discutiam entre si sobre qual deles teria mais chances de ficar por cima. Quem dentre eles — debatiam — era o mais talentoso? Quem seria o mais conhecido? Quem desfrutaria do maior sucesso no futuro? Quem receberia mais convites para pregar, concederia mais entrevistas, daria mais autógrafos, exerceria o maior poder?

Sabe, somos muito parecidos com os discípulos.

0 CAMINHO PARA A VERDADEIRA VIDA

Fiquei tão fascinado com os ensinamentos do dr. B sobre o servir que lhe pedi que falasse com o pequeno grupo de colegiais que eu havia começado a liderar.

"Vocês querem de fato viver?", ele perguntou aos alunos. "Então coloquem uma toalha no braço." Dr. B tratou deste tema não só uma única vez, nem dez vezes, mas em quase todas as mensagens que ministrou naqueles primeiros anos de nosso ministério de jovens.

Ele frequentemente ensinava a conhecida história de João 13 sobre o dia em que Jesus e os discípulos tinham um jantar e a pessoa designada para lavar os pés dos convidados não apareceu. Naquele tempo e lugar, onde as pessoas muitas vezes andavam de sandálias em estradas empoeiradas e depois se reclinavam sobre mesas baixas, não ficando com os pés longe do rosto dos outros convidados, era costume que um servo à porta lavasse os pés sujos dos convidados. Mas isso não aconteceu neste jantar. Algo saiu errado. O servo que lavaria os pés não apareceu.

Imagine-se atrás de uma vidraça observando esta cena. O primeiro discípulo entra no cenáculo e descobre que não há ninguém para lavar-lhe os pés. De repente, para ele, este é um momento de decisão. Ele lava os próprios pés? Ele tira suas vestes e passa a ser um simples servo, lavando os pés das outras pessoas?

Olhe dentro de seus olhos. Ele está pensando: *Eu não. Este não é meu trabalho. Não sou um escravo. Não sou eu que lavo os pés dos outros.*

Ele tenta imaginar onde Jesus irá se sentar e escolhe uma posição vantajosa à mesa.

O segundo discípulo entra, percebe que não há ninguém para lavar seus pés e vê seu amigo já sentado à mesa. *Bem*, ele pensa, *se ele não vai descer ao nível de quem lava os pés dos outros, não sou eu que irei descer*. E segue em direção ao segundo melhor lugar da casa.

Todos os discípulos fazem o mesmo. Eles entram. Passam pela bacia de água. Escolhem o melhor lugar que resta à mesa. Reclinam-se. Põem os pés sujos no colo uns dos outros.

Por fim, entra Jesus. Observe-o. Ele olha para a água. Olha para os pés imundos dos discípulos. Você pode ver isso em seus olhos. Três anos, sermão após sermão, ilustração após ilustração, confrontação após confrontação. Você consegue ver? O que mais parece é um verdadeiro fracasso.

Ele vai até a mesa e reclina-se. Ele simplesmente se senta ali, em silêncio. *Quem sabe alguém, pelo menos, terá a humildade de lavar os pés de seu mestre*. Mas não, ninguém se manifesta.

Agora observe Jesus. Ele se levanta da mesa, vai até a bacia de água e começa a tirar suas vestes. Com cuidado ele pega a toalha e a passa por seu cinto, exatamente como faria um servo. Em seguida, ele derrama a água na bacia.

Agora observe os olhos dos discípulos. Incrédulos. Com vergonha. Assim, quando Jesus começa a lavar os pés do primeiro discípulo, você vê algo mais profundo nos olhos deles: agonia, remorso, talvez lágrimas. *O que há comigo? Como foi que não percebi isso? Todo o meu mundo gira em torno de mim. Foi péssimo eu não ter sido humilde o suficiente para lavar os pés dos irmãos. Mas eu nem mesmo lavei os pés do meu Salvador! Como pude fazer isso? O que deu em mim?*

Jesus dá a volta na mesa. Pedro resiste por um momento, mas Jesus sabe como calar a boca de Pedro. Ao terminar sua tarefa, Jesus dobra a toalha e a coloca no lugar em que estava. Veste sua túnica, volta para a mesa e se reclina. João 13:12-17 registra suas próximas palavras:

Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventura-dos sois se as praticardes.

Anos mais tarde, o apóstolo Paulo resumiu o exemplo que Jesus havia deixado para seus discípulos com estas palavras em Filipenses 2:3-8 (grifos meus):

Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, *assumindo a forma de servo*, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

Jesus, nosso Senhor e Mestre, *assumiu a forma de servo*. Aqui Paulo nos desafia a ter uma nova perspectiva. Ele nos chama não só para o entusiasmo emocional momentâneo, mas para uma compreensão concisa e intelectual do exemplo que Jesus nos dá. Ele nos pede que deixemos que o Espírito Santo renove nossa mente para que nossa reação involuntária em casa, no trabalho, na igreja e em nossa comunidade seja o servir com humildade a Deus e às pessoas.

Paulo enfatiza o fato de ele mesmo ter adotado essa mentalidade nas primeiras palavras de sua carta aos romanos, na qual ele assim se apresenta: "Paulo, servo de Jesus Cristo". E como se ele estivesse dizendo: *Queridos amigos, só existem duas coisas que vocês precisam saber a meu respeito. Meu nome é Paulo. E eu sou servo de Jesus Cristo.*

ENTRE NO JOGO

O dr. Bilezikian continua a ser um mentor importante e muito apreciado em minha vida, que usa não só suas palavras, mas também suas ações, para apontar-me o modelo servil de Jesus. Mas, voltando para a primeira vez em que me sentei para ouvir seus ensinamentos, eu era um pouco teimoso.

— Isso não faz sentido — disse para ele. — Não vejo como isso irá funcionar.

— Apenas tente — ele disse.

Em seguida, ele propôs um desafio para mim e para o nosso pequeno grupo de alunos e líderes de voluntários.

Ele leu para nós as palavras de Jesus em Marcos 8:34, 35: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á".

Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.

Então ele nos desafiou a colocar essas palavras à prova.

— Por seis meses — ele disse —, entre nesse grande jogo. Siga o modelo de Jesus com total abandono. Aproveite cada oportunidade que você tiver para servir — ainda que essa oportunidade pareça insignificante.

"Seja aquele que abre a porta para os outros. Escolha o banco de trás do carro para que seu amigo possa sentar-se na frente. Leve o lixo para fora mesmo que esse normalmente não seja seu trabalho. Seja voluntário para empilhar as cadeiras após a reunião. Segure no braço da mulher idosa que tenta descer a escadaria na loja de departamentos. Abra os olhos. Tenha à mão sua toalha de servo. Monitore a condição de seu coração, semana após semana. Depois faça esta pergunta para si mesmo: 'Estou ganhando ou perdendo?'. "

— Se quiser — ele continuou —, tente fazer as coisas de outra forma. Toda chance que tiver, coloque-se no centro, seja exigente, peça ao mundo que gire ao seu redor. Vá empurrando até chegar à frente da fila. Desapareça quando for a hora de limpar a sujeira, de fazer as tarefas degradantes. Curve-se todas as manhãs diante de um espelho de corpo inteiro. Então dê um passo para trás e faça uma honesta avaliação. Você está se aproximando mais de Deus e das pessoas ou está se isolando mais? Sua vida está mais cheia ou mais vazia? Você se sente realizado ou frustrado?

"Entre nesse grande jogo."

Aqueles de nós que estavam no centro desse pequeno ministério de jovens, chamado Son City, decidiram aceitar o desafio do dr. B. E, ao final de seis meses, passamos de alguns alunos para centenas. O mais importante é que nosso coração em relação a Deus e às pessoas aumentou consideravelmente.

Todos trabalhávamos com mais afinco do que havíamos imaginado, mas estávamos nos divertindo. Descobríamos habilidades que não sabíamos que tínhamos. Nós nos sentíamos revigorados. Víamos a mudança na vida de crianças. Aprofundávamos nosso relacionamento uns com os outros à medida que servíamos juntos, dia após dia.

Financeiramente, mal conseguíamos juntar o suficiente para viver — mas, na verdade, isso não tinha importância para nós. Quando o carro de alguém quebrava e essa

pessoa não tinha condições de consertá-lo, fazíamos uma vaquinha para isso ou dispúnhamos de nosso tempo para levá-la aonde fosse preciso.

Ficávamos até tarde conversando com os alunos sobre sua vida espiritual e levantávamos cedo para fazer programas; uma curta noite de sono parecia ser um pequeno sacrifício.

Jesus disse: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10:10). Essa abundância de vida nos era revelada à medida que aceitávamos o desafio do dr. B.

Três anos depois, o Son City chegara a contar com mil alunos, apoiando-se simplesmente no serviço fiel a Deus e no humilde serviço de uns para com os outros. O pequeno grupo de líderes e o núcleo daquele ministério de jovens, que mais tarde constituiu o núcleo de nossa igreja, não tinham diplomas de um seminário, não tinham experiência em implantação de igrejas, não tinham dinheiro, não tinham recursos e não tinham maturidade. Contudo, tínhamos um audacioso francês que nos desafiava a aceitar o paradoxo fundamental da vida cristã: que seguir a Jesus no sentido de uma radical serventia é o caminho seguro para a abundância de vida.

Mais cedo ou mais tarde, todos têm de decidir onde apostar suas fichas no grande jogo da vida. Em que você apostou as suas fichas? Em um estilo de vida egoísta? Ou no modelo de serventia de Jesus? Aonde isso o tem levado?

Se você não está satisfeito com sua resposta, pegue uma toalha de servo.

O jogo valerá a pena.

CAPÍTULO 4

A grande troca

Saber que ninguém pode sinceramente tentar ajudar o próximo sem se ajudar é uma das mais belas compensações desta vida.

RALPH WALDO EMERSON

Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber.

ATOS DOS APÓSTOLOS 20:35

A ALDEIA DE CASSANDRA FICA A QUASE QUATRO HORAS DE Distância, de carro, de Santo Domingo, a capital da República Dominicana. Em grande parte da viagem, as

ondas do oceano arrebentam em um lado da estrada enquanto as montanhas cobertas de uma exuberante vegetação surgem do outro lado. Trechos da pista seca passam correndo por plantações de bananeiras e mamoeiros, além de campos de cana-de-açúcar e café. Durante a estação das chuvas, deslizamentos de terra frequentemente bloqueiam as estradas, mas, neste dia, a poeira levantava-se enquanto Greg e seus amigos seguiam de Santo Domingo, passando pela cidade de Barahona, para a pequena vila onde planejavam fazer tetos de concreto e levantar paredes.

Durante a semana que passaram em Cassandra, Greg e seus amigos trabalharam em duas casas do projeto Moradias para a Humanidade — e também fizeram uma pequena obra em seu próprio coração. "Vi crianças sem roupas porque não tinham o que vestir, nadando em fossas onde as pessoas jogavam o lixo e dejetos", disse Greg. "Vi famílias que viviam sem água corrente e pessoas e animais amontoados em barracões onde não pendurávamos nem nossas ferramentas de jardinagem."

Greg ficou tão arrasado com aquela terrível pobreza, que levou vários dias para ver os sinais mais sutis de esperança. "Vi mães fazendo serviços tão pesados quanto os dos pais para construir as casas e, ainda assim, dispondo de um tempo para beijar um joelho cortado ou repreender um filho por um delito. Vi o peito de um pai encher-se de orgulho ao ver o filho de cinco anos pegar um balde de cimento e levá-lo para os homens que estavam assentando tijolos. Havia um homem que não podia trabalhar em sua própria casa porque havia acabado de fazer uma cirurgia, mas a comunidade se uniu e construiu sua casa. Vi gratidão nos olhos de um homem cuja esposa havia morrido dez dias antes de começarmos a construir sua casa. Vi a tolerância de nossa presença transformar-se em sorrisos, abraços e despedidas sinceras em nossa partida. Vi Deus dissipar preconceitos em corações que, em minha opinião, jamais mudariam.

"Fui para lá com a intenção de dar, mas recebi muito mais do que dei."

Enquanto Greg e seus amigos trabalhavam em Cassandra, outro grupo de voluntários permaneceu na paupérrima colônia de Santo Domingo para reformar um novo prédio de uma próspera igreja formada, em sua maioria, por ex-prostitutas e ex-viciados em drogas.

Um dos homens daquele grupo, de 50 anos, operava equipamentos de construção. Sua esposa o havia deixado fazia um ano e meio e ele estava tentando reconstruir sua vida, mas as coisas teimavam em não dar certo. Certa noite, no meio da semana, a equipe reuniu-se para comentar suas experiências. No meio da reunião, esse homem desabou a chorar. Disse que, durante os últimos dezoito meses, ele não havia visto nenhum propósito na vida. Contudo, como falava espanhol, pôde conversar com alguns dos vici-

ados nas ruas, cuja vida havia sido transformada por meio da *Iglesia Comunitária Cristiana*. Depois de passar três dias desviando sua atenção de sua própria vida e concentrando-se nos outros, ele começou, pela primeira vez desde seu divórcio, a sentir esperança.

— E isso o que acontece nessas viagens — disse o líder de sua equipe. — Quando as pessoas vão além de seus próprios problemas, o coração delas sempre muda.

Esses homens entraram no grande jogo e viram seu coração se transformar radicalmente. Essa é uma consequência comum do servir. Uma pessoa colocou a questão da seguinte forma em um *e-mail*:

Para mim, o efeito mais poderoso do servir, independentemente da qualidade de meu serviço, é desviar o foco do meu coração para o coração dos outros. Cristo foi a pessoa que mais se voltou para os outros que conheço. Não consigo me imaginar tentando andar com ele sem servir aos outros. Quanto mais sirvo, mais meu coração muda.

Outro voluntário escreveu:

A primeira vez em que trabalhei num ministério infantil na periferia, perguntei a um menino de 8 anos se havia algo que eu poderia fazer por ele. Ele me deu um tapa no rosto. Tive vontade de retribuir o gesto, mas, naquele momento, Deus colocou em meu coração uma compaixão pelas crianças sofridas que eu nunca havia sentido antes. Aquele momento mudou minha vida para sempre. Creio que a compaixão de Deus entra em nosso coração quando nos colocamos à disposição para servir.

UM BÁLSAMO PARA A DOR INTERIOR

Enquanto algumas pessoas que oferecem uma mão vêem seu coração transformado, outras descobrem um bálsamo para sua própria dor interior. Algumas pessoas mergulham em uma experiência no servir com o seguinte pensamento: *Tenho certeza de que esta será uma experiência de cura*. Entretanto, muitas chegam ao fim da experiência com a percepção de que uma cura inesperada começara em sua própria vida.

Jennifer, uma jovem recém-casada, fez essa descoberta. Enquanto ela e o marido namoravam, ela estava acostumada com suas longas separações. Contudo, depois de oito meses de "um maravilhoso casamento centrado em Deus", ele teve de fazer uma viagem de seis meses com o Corpo de Fuzileiros Navais para o meio do deserto da Califórnia. A ideia da partida e da ausência do marido foi um golpe duro para Jennifer.

Nos meses que antecederam e seguiram a partida do marido, ela orava para que Deus a ajudasse a suportar os momentos de solidão.

Após dois meses dessa longa separação, Jennifer sentiu que Deus a ignorava, que ele não se dava conta de sua depressão. Então, um dia, uma vizinha falou-lhe sobre um fuzileiro naval e sua esposa que precisavam de um lugar para morar na região de Chicago. Como previam uma estadia de apenas dois meses, eles não conseguiam encontrar nenhuma estalagem que os aceitasse.

Jennifer fez uma rápida oração e entrou na jogada. Ela disse para sua vizinha que o casal poderia ficar com ela.

— Como estava sozinha — ela disse — eu tinha muito espaço. Além disso, pensei, quem sabe eu fique animada tendo alguém por perto. O casal mudou-se na semana seguinte e, em questão de horas, eu soube que Deus havia respondido à minha oração de um modo miraculoso. Ambos formavam um casal de cristãos fiéis, cujo casamento me fez lembrar com ternura do meu próprio casamento. Por meio deles, Deus enviou-me uma clara mensagem de que, se eu o tivesse em minha mente, poderia suportar qualquer coisa. Deus chamou-me para abrir meu coração (e minha casa) e deu-me esperança e alegria em troca.

Ed também encontrou cura enquanto servia. Apesar de seus muitos anos como cristão, sua vida estava despedaçada. A esposa o havia deixado, ele perdera o emprego, tinha acabado de se mudar da Califórnia para o Meio Oeste, e sem uma casa dormia em seu próprio carro.

Em uma noite de quinta-feira, ele procurou nosso ministério com moradores de rua e uma das mulheres que serviam comida perguntou-lhe se ele gostaria de ganhar uma Bíblia. Ed aceitou a Bíblia, mas disse que, tão logo fosse possível, ele compraria sua própria Bíblia e estudaria os materiais.

Depois de encontrar um lugar temporário para morar, Ed visitou a livraria de nossa igreja. — Eu estava dando uma volta para ver todos os recursos, e simplesmente comecei a chorar. Fiquei tão triste. Uma das mulheres que trabalhavam ali veio ao meu encontro e começou a orar por mim. Depois ela me falou sobre uma mulher do ministério de distribuição de alimentos chamada Peaches, que gosta de orar com as pessoas.

Ed saiu à procura de Peaches, uma afro-americana com um sorriso perene.

— Ao ver-me caminhando em sua direção, ela disse: "O meu Deus, jovem, venha aqui". Então ela me deu um forte abraço e disse: "Pelo que preciso orar para você?".

Depois de orar por Ed, Peaches disse:

— Olhe, você é jovem. Você não se recusaria a ajudar uma velha senhora, não é?

— Não, senhora, é claro que não.

— Bem, então venha comigo. Preciso de ajuda na cozinha da igreja. Temos de preparar o almoço e o jantar para um mutirão de pessoas que estão se reunindo aqui hoje. Irei mostrar-lhe onde estão os aventais.

Assim que Ed colocou um avental, um dos chefes da cozinha perguntou se ele sabia refogar espinafre.

— Sim, senhor. O senhor o refoga com cogumelos e manteiga?
A experiência de Ed como chefe de cozinha no exército foi-

lhe muito útil. Dia após dia, toda vez que não estava trabalhando no Depósito de Construção, Ed aparecia para ser voluntário no ministério de distribuição de alimentos.

— Eu só sabia que precisava estar lá. Servir era algo que estava operando em meu coração, que estava me curando.

Ed havia começado a frequentar os cultos no meio e nos finais de semana, e decidiu tornar-se membro da igreja. Quando chegou a época de sua entrevista, ele teve força para contar sua história pela primeira vez: como havia se convertido em 1973, que havia andado com Deus por um tempo, mas depois havia se afastado, e agora estava voltando.

— Estou aqui porque orei para que Deus me trouxesse de volta para ele, independentemente do preço que isso me custaria. Queria o relacionamento com ele para o qual eu havia sido criado. Por isso, perdi minha casa, meu emprego, minha esposa — tudo o que eu tinha na Califórnia. Perdi todas as coisas que haviam me afastado de Deus.

A pessoa que entrevistava Ed disse-lhe que os membros deveriam servir ao menos um dia no mês. Ele sorriu:

— Não se preocupe, estou aqui todos os dias mesmo. Eu amo este lugar. As pessoas ainda dizem: "Obrigado por servir", e eu digo: "Não, obrigado a vocês por me darem um lugar onde eu possa servir". Acho que se Deus lhe dá um dom e você não o pode usar, você deve cavar um buraco e se jogar nele. Pois é no servir que começa o crescimento, a cura. Por isso, agora, estendo minhas mãos e digo: "Senhor, só me deixa servir. Envia-me para onde me quiseres enviar".

"Se alguém me pergunta se já mexi com equipamentos de som, digo: 'Não, mas estou disposto a aprender'. E por isso que me colocaram em uma equipe de produção. 'Ei, Ed, você já trabalhou com computadores? Poderíamos usar você aqui'. Por isso sirvo com algumas pessoas que fazem a manutenção dos computadores da igreja. Para onde elas me mandam eu vou. Eu simplesmente gosto disso."

Nas noites de quarta-feira às 18h 30min, vejo Ed em uma sala da igreja que foi transformada em um café para alunos do colégio. Não converso com ele; lá está ele ocupado, preparando café com leite e avelã. Mas sei que ele está se divertindo. E se curando.

UMA TROCA DE VOLUNTÁRIOS

Ao longo dos anos observei uma "troca de voluntários" que muitas vezes funciona em favor do voluntário. Sei que esse é um assunto delicado, que facilmente é mal compreendido. E verdade que servimos por obediência e gratidão a Cristo, para promover os propósitos do Reino e para o bem daqueles a quem servimos, e é importante que não distorçamos o dar como um meio de receber.

Mas a verdade é que o caminho do servir — como qualquer outra estrada que leva à obediência — muitas vezes jorra recompensas. E o grande paradoxo de Jesus em ação novamente: "Quem perder a vida por causa de mim achá-la-á". Isso não significa que servir é sempre agradável ou fácil ou imediatamente gratificante — às vezes o trecho "perder a vida" realmente é como uma perda, uma perda dolorosa e imperativa —, mas servir em resposta ao chamado de Deus, no final, sempre muda nossa vida para melhor.

Os seguintes *e-mails* ressaltam diversos benefícios que tocam a vida daqueles que servem.

A cura de relacionamentos

"Minha mãe e eu ficamos distanciadas por muitos anos. Ela me expulsou de casa e nós não nos falávamos. Então, no Dia de Ação de Graças de 1981, ela tentou suicídio e acabou em uma casa de repouso tetraplégica. Ela não tinha movimento, não podia conversar, mas restava-lhe certa faculdade mental.

"Eu havia acabado de me converter. Depois de ir à igreja eu ia àquela pequena casa de repouso e tentava ajudá-la. Começava com um copo de água com um daqueles pequenos canudos 'dobrados' usados por crianças. Esse único ato consumia toda a força espiritual e a coragem que eu tinha, mas eu sentia que, de algum modo, Jesus se agradaria se eu a servisse como ele serviria.

"Este ato levou a muitos outros ao longo dos três anos seguintes — pentear seus cabelos, cortar suas unhas, depilar suas pernas, escovar sua dentadura. Era muito difícil para mim servir alguém de quem eu havia me separado, mas Deus usou esses atos para trazer cura para mim e para nosso relacionamento, e para impulsionar meu processo de crescimento espiritual. Servir minha mãe dessa forma abriu uma porta para que eu pudesse levá-la à fé em Cristo. Isso acendeu em minha nova caminhada cristã uma paixão pelo Senhor e pelos perdidos."

A oportunidade de "retribuir" com gratidão pelo serviço que você tem recebido

"Com nosso casamento em crise, minha esposa e eu frequentamos por um ano inteiro sessões de *Restauração Conjugal*. Foi isso que provavelmente salvou nosso casamento, pois descobri, entre outras coisas, minha contribuição para o fracasso de nosso casamento, como 'ter uma briga justa' e como orar com minha esposa. Todos os dias agradeço a Deus, ao ministério de *Restauração Conjugal* e à minha maravilhosa esposa, pois isso funcionou.

"Ficamos surpresos quando recebemos o convite para nos tornarmos líderes auxiliares, mas nos sentimos honrados por essa oportunidade. Passamos a liderar grupos de casais com problemas desde então. Somos tão gratos a Deus por essa oportunidade de retribuir algo."

A chance de ver Deus trabalhar nos outros do modo como ele trabalhou em você

"Há quatro anos comecei a servir em semanas de trabalho no *Camp Paradise*. Sendo um homem de 49 anos, posso pensar em coisas melhores para fazer do que trabalhar como se fosse parte de uma turma de detentos que lida do nascer ao pôr-do-sol. Por que faço isso? Porque, nos nove anos anteriores ao serviço, frequentei mais reuniões de

Pai/Filho e Pai/Filha no campo do que posso contar. E toda vez que eu ia a uma delas, Deus encontrava-me ali. Ele tocava meu coração e aliviava meu espírito.

"Por isso eu me esforçarei, rastejarei, implorarei e farei tudo o que for preciso para estar lá e ver isso acontecer com outros homens da mesma forma que aconteceu comigo. Se isso não ativar seu fogo espiritual, tudo o que posso dizer é que você é um pedaço de lenha molhada!"

Uma nova perspectiva sobre sua própria vida

"Servir na *Recepção* após os cultos tem sido uma grande bênção. Muitas vezes respondemos às informações gerais. Mas às vezes pessoas com profundas feridas e necessidades passam rapidamente por ali, à procura de alguém que as ouça e ore com elas. Durante esses momentos, realmente sinto o Espírito Santo dando-me palavras para que eu possa responder com entendimento. Qualquer problema pelo qual eu esteja passando parece tão irrelevante se comparado às histórias que tenho ouvido."

A descoberta de que o serviço formal incentiva o serviço informal

"Servir é o que me mantém em contato com a razão pela qual estou viva. Meu ministério formal de mentorear mulheres em nossa igreja inspira-me e eleva os momentos informais de minha vida, estendendo o espírito do servir à minha volta para casa, à parada no mercado ao longo do caminho, à rápida conversa com minha vizinha perto da caixa de correio e até às visitas que ficam em nossa casa. É um modo cheio de alegria de viver, pois são as palavras de Jesus sendo revividas para mim."

Em um programa de entrevistas de rádio, recentemente ouvi que os homens aposentados que são voluntários em um dia por semana vivem mais que o dobro do que os homens aposentados que não são voluntários. Allan Luks, autor de *The Healing Power of Doing Good* (O Poder Curativo de Fazer o Bem), descreve os reais benefícios físicos adquiridos por aqueles que se comprometem em servir de modo consistente e frente a frente com os outros. Luks "deixa claro que quando persuadimos uma outra pessoa a ser uma voluntária na prática, estamos oferecendo um enorme presente, semelhante a um título de sócio de uma academia".² Ajudar os outros é algo que oferece benefícios a longo prazo à saúde, "incluindo o alívio de dores nas costas e de dores de cabeça, redução da pressão e dos níveis de colesterol e controle na alimentação e no consumo de álcool e drogas".³

Luks inventou a expressão "o alto astral do colaborador" para descrever o bem-estar emocional experimentado pelos voluntários. Cientistas que estudam o cérebro na Universidade de Emory descobriram uma razão científica para o alto astral do

colaborador. Ao que parece, optar por cooperar com os outros "ativava uma área do cérebro rica em dopamina, a substância química que produz a sensação prazerosa ativada por determinadas drogas e outros comportamentos compulsivos".⁴ Quando as pessoas dizem que servir aos outros "faz com que se sintam bem", sua afirmação pode ter uma base mais científica do que elas imaginam.

Não acho que isso seja uma surpresa para Deus.

Deixe-me dizer mais uma vez: Servimos porque fomos servidos e porque seguimos a um líder que é o exemplo de serventia. Mas por que o Deus que nos fez corpo, mente e espírito não nos chamaria a levar um estilo de vida Deus nos criou para uma vida de serviço — uma vida cheia de recompensas.

CAPÍTULO 5

O quê? eu, um sacerdote?

SÓ PARA ME PROVOCAR, UM AMIGO QUE É EMPRESÁRIO APRESEN-

ta-me para seus companheiros de golfe como "meu sacerdote". Suas palavras provocam uma resposta chocante por duas razões. Primeiro, não me visto conforme a imagem que se espera de um sacerdote. E, segundo, meu amigo não é tão achegado a alguma igreja para ter um sacerdote — ou algo que vagamente lembre um sacerdote.

Na realidade, meu amigo sabe que não sou seu sacerdote, nem qualquer outra pessoa. Pelo menos, não de acordo com sua visão limitada e convencional do que seja um sacerdote. Por outro lado, sem dúvida nenhuma, sou um sacerdote. E é provável que você também seja. Para alguns dos leitores deste livro, ser um sacerdote talvez seja a coisa mais remota que passa por sua mente, mas não pela mente de Deus.

A TAREFA DE UM SACERDOTE

Antes da vinda de Cristo, o Espírito Santo operava por meio de um grupo seletivo de pessoas, chamadas sacerdotes. Aarão, o irmão de Moisés, serviu como o primeiro sacerdote e seus filhos continuaram no sacerdócio.

Os sacerdotes do Antigo Testamento mediavam questões entre Deus e o povo. Para fazer algo de forma religiosa — orar, entregar uma oferta de adoração, confessar seus pecados —, a pessoa comum não podia ir diretamente a Deus; ela tinha de passar por um sacerdote.

Mas a vida e a morte de Jesus inverteram por completo o sistema religioso do Antigo Testamento. No dia que agora chamamos de Dia de Pentecostes, quando os primeiros seguidores de Cristo se reuniram no "cenáculo", eles ouviram o som de um vento impetuoso e súbito. Então línguas de fogo pousaram sobre a cabeça de todos. Não tenho ideia de como seriam essas "línguas de fogo", mas elas representavam a vinda do Espírito Santo na medida certa para a Igreja. E as línguas não pousaram sobre a cabeça de um grupo seletivo, mas sobre a cabeça de *todos*.

A partir daquele momento, em vez de alguns sacerdotes seletos cheios e capacitados pelo Espírito Santo para agir como intermediários entre os homens e Deus, de repente cada um dos seguidores de Jesus tornou-se um sacerdote.

Isso significa que hoje temos acesso direto a Deus. Não temos de chamar um sacerdote ou um pastor toda vez que queremos adorar a Deus, orar ou confessar nossos pecados a ele.

Também significa que nos tornamos sacerdotes uns para com os outros. E o que faz um fiel sacerdote para seu povo? Ele ora por esse povo. Ele o encoraja. Ele o protege. Ele o confronta. Chora com aqueles que choram. Alegra-se com aqueles que se alegram. Consequentemente, o povo sente-se amado, cuidado, seguro e abençoado.

Imagine uma comunidade em que cada membro leva seu sacerdócio com tanta seriedade quanto levavam os sacerdotes do Antigo Testamento. Uma comunidade assim viraria o mundo do avesso!

De acordo com Efésios 4:11, 12, Deus tem preparado singularmente alguns desses servos sacerdotais para que ensinem outros a servir: "E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, *com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço*, para a edificação do corpo de Cristo" (grifos meus).

Em vez do sistema de templos do Antigo Testamento, temos congregações cheias de sacerdotes com alguns mestres, líderes e pastores entre o sacerdócio, que são chamados para preparar esses sacerdotes para o ministério. Na maioria das igrejas modernas, os "servos preparados" seriam pastores e membros de equipe remunerados. Aqueles preparados para realizar as boas obras do ministério seriam os "voluntários".

Ao longo de toda a história da Igreja, toda vez que esse plano foi implementado, a Igreja deu muitos frutos. Nesse caso, todos ganham.

- Os preparadores ganham toda vez que vêem Deus usar enormemente os voluntários que eles recrutaram, amaram, treinaram e capacitaram.
- Os voluntários ganham, pois sentem a emoção de sair de sua posição de espectador e passar para o campo de ação. Eles se tornam instrumentos de cura, esperança e transformação nas mãos de Deus.
- A comunidade vizinha ganha, uma vez que conta com o serviço de uma força amorosa, unificada e com muitos dons em prol do bem.
- E, sem dúvida, o Arquiteto de todo o plano ganha, pois Deus tem prazer em ver seus filhos cumprirem seu grande propósito de consertar este mundo destruído.

0 TREM SAI DOS TRILHOS

Não sou um bom historiador para definir com exatidão como ou quando o trem chamado Igreja saiu dos trilhos, mas ele saiu. Embora a Igreja primitiva tenha começado com esse belo conceito do sacerdócio de todos os cristãos — com cada membro como um ativo ministro e com boas obras expostas em todas as direções —, durante os últimos séculos, a maioria das igrejas tem se afastado do modelo do Antigo Testamento. Veja como isso muitas vezes acontece:

Um grupo de cem pessoas se reúne, decide formar uma congregação e "contrata um ministro". Esta é a terminologia que elas usam: contratar um ministro. Então elas dizem o seguinte para seu novo ministro: "Bom, é isso o que queremos que você faça: Pregue. Ensine. Faça casamentos. Faça funerais. Faça visitas em hospitais. Visite os membros. Aconselhe os confusos. Evangelize a comunidade. Levante dinheiro. Imprima os boletins. Dê os avisos. Ore pelos doentes. Então, quando chegar o fim do ano, faremos nosso relatório e veremos se você correspondeu às nossas expectativas. Em caso afirmativo, iremos contratá-lo para o ano seguinte. Em caso negativo, contrataremos outra pessoa".

Se o ministro contratado lançar-se com disposição às suas inúmeras tarefas e a igreja começar a crescer, a congregação pode contratar um pastor auxiliar, um pastor administrativo ou um pastor de jovens para cuidar dos programas e das pessoas que estão fora do alcance do pastor veterano. No entanto, mais uma vez, a congregação paga "o pastor" para cumprir seu ministério.

Assim, a igreja acaba ficando com alguns profissionais sobrecarregados de trabalho, pagos pelos dízimos e ofertas da congregação para cumprir toda a série de funções sacerdotais, enquanto as demais pessoas continuam como observadores passivos, com seus dons e talentos atrofiando-se por falta de uso.

Esse é o paradigma ministerial mais amplamente praticado que existe hoje — e ele não tem a menor base bíblica. Tragicamente, essa abordagem tem deixado muitas igrejas contemporâneas em confusão: fracas, desorganizadas e impotentes. E, infelizmente, é uma mentalidade difícil de ser mudada.

Howard Snyder diz em *Liberating the Church* (Libertando a Igreja) que a maioria de nós, como membros da igreja, "espera médicos que tratem de nós, e não que nos preparem para tratar dos outros. Esperamos advogados que nos dêem um conselho sábio, e não que nos introduzam na fraternidade secreta daqueles que entendem como funciona o sistema legal. De igual modo, queremos pastores que nos sirvam, e não que nos edifiquem e nos preparem" para servir aos outros.⁵

Acho que uma das razões pelas quais Deus fez-me um tanto insensível é porque há muito tenho de engolir a desaprovação de pessoas que querem que eu seja como seu médico e seu advogado. Elas querem que eu desempenhe minha "função sacerdotal" por elas, sem nunca perceberem que Deus *as* está chamando para que vistam seu próprio manto da responsabilidade sacerdotal.

"Você é o sacerdote", elas protestam, "e não nós". Mas a Bíblia responde: "Não é verdade. Se você é um seguidor de Cristo, você é um sacerdote".

O coração de Deus deve ficar partido quando as pessoas vão à igreja com uma mentalidade de consumidor, satisfeitas por comer e sair correndo. "Sirva-me", elas dizem. "En-sine-me. Ore por mim. Dê um jeito nos meus filhos. Aconselhe meu cônjuge. E se você não fizer tudo isso de acordo com os meus padrões, vou sair daqui e ver se outra igreja me dará mais atenção." Descobri que você não pode edificar uma igreja que honra a Deus com uma congregação cheia de consumidores.

Nem pode edificar uma igreja que honra a Deus sem mestres, líderes e pastores comprometidos com a tarefa de preparar. Quando aqueles que são chamados para preparar pensam em si mesmos como as únicas pessoas dignas de "cumprir o ministério", quando eles examinam sua congregação de seu lugar no púlpito, convencidos de que o Espírito Santo não poderia operar por meio das pessoas que estão sentadas diante deles, eles estão desobedecendo diretamente ao seu chamado e à ordem de Deus.

Sinceramente não sei por que alguns líderes de igreja fazem isso. Desconfio de que seja por ignorância bíblica. Talvez eles nunca tenham aprendido a habilidade de delegar responsabilidade. Ou não saibam formar uma equipe. Talvez eles se sintam inseguros, com medo de que, se dividirem responsabilidades, a estatura de outra pessoa possa ofuscar sua própria estatura na congregação. Seja qual for a razão, eles vivem como sacerdotes solitários e sobrecarregados de trabalho, desgastando-se para cumprir a obra do ministério, enquanto ministros entediados que são potenciais voluntários, em obediência, se sentam na posição de observadores, semana após semana — e perdem toda a ação.

Ouvi muitos pastores dizerem: "As pessoas de minha igreja não saem da posição de espectadores para servir".

E sou obrigado a perguntar: "Você é uma inspiração para que elas saiam das arquibancadas? Você regularmente fala sobre o sacerdócio dos cristãos? Você fez as pessoas de sua igreja recentemente se lembrarem de que o Espírito Santo habita nelas?

Você deixou claro que elas não precisam ir para um seminário para fazer uma grande diferença em sua igreja? Elas estão cientes de que não precisam ter credenciais teológicas para liderar um pequeno grupo, para servir a ceia, para ensinar, para fazer visitas em hospitais ou até para iniciar um novo ministério na igreja? Você as está chamando para que façam parte da missão redentora de Deus? Ou você está apresentando o voluntarismo como um dever, um trabalho pesado que elas têm de suportar, como um pai pedindo ao filho que leve o lixo para fora?"

Lembro-me de uma época em Willow em que tínhamos pouquíssimos voluntários. Os colegas de minha equipe apro-ximavam-se de mim e diziam: "Ei, Bill, você precisa fazer alguma coisa. Estamos tentando arrastar voluntários para nossos ministérios, mas não está funcionando. Você precisa ensinar estas coisas". Assim eles me deixaram completamente entusiasmado, e eu por fim me levantei no nosso culto do meio de semana e disse: "Bom, eis o acordo. Vou falar sobre o sacerdócio de todos os cristãos. Não vou amolecer até que todos assumamos nossas responsabilidades e nos tornemos uma igreja de servos. E eu posso me demorar!"

Esse foi o começo de uma série de treze semanas. Do sacerdócio dos cristãos, passei para o conceito do Corpo de Cristo em 1 Coríntios 12. De acordo com esta passagem, o Corpo de Cristo precisa de todos os seus membros — olhos, orelhas, nariz, mãos, pés — funcionando com exatidão para que esteja plenamente vivo. "Ora, vós sois corpo de Cristo", Paulo nos diz, "e, individualmente, membros desse corpo" (v. 27). Semana após semana, enfatizei a verdade de que o Corpo de Cristo, a Igreja, não pode cumprir seu chamado a menos que se torne uma comunidade de irmãos e irmãs interdependentes e servis. E isso o que significa ser sacerdote e sacerdotisa.

Deus usou essa série para acrescentar centenas de novos voluntários aos nossos ministérios. Um membro da igreja disse recentemente para mim: "Foi há quase vinte anos, durante a décima segunda semana de nossa maratona na serventia, que percebi que Deus não havia me despertado espiritualmente para que eu apenas ficasse sentado e aceitasse as coisas. Ele havia me chamado para ser um sacerdote voluntário nesta igreja. Obrigado por você não desistir desta mensagem. Obrigado por convidar-me a entrar no jogo".

EXALTE A VISÃO

Se quisermos formar comunidades que funcionam biblicamente e maximizar o potencial de nossas igrejas, precisamos exaltar a visão do voluntariado. Deixe-me dizer uma coisa mais uma vez. Quando aqueles que são chamados para preparar realmente fazem seu trabalho, e quando voluntários aparecem para ser preparados, treinados,

capacitados e confiados ao ministério, todos ganham — os preparadores, aqueles que estão sendo preparados, a igreja e a comunidade. E Deus recebe a glória porque foi dele esta incrível ideia.

Se você estiver lendo este livro sentado no banco de uma igreja sem servir, levante-se! Deus tem honrado você ao chamá-lo (a) para ser um sacerdote ou sacerdotisa.

Aceite a honra.

Se você estiver lendo este livro e for um líder que não está preparando as pessoas de sua igreja para servir, você as está frustrando. Você pode se sair melhor! Você pode optar por fazer o melhor neste exato momento.

Erga-se para o desafio.

Imagine o que poderia acontecer em sua igreja e em sua comunidade se todo potencial ministro — sacerdote, sacerdotisa, preparador, quem está sendo preparado — de fato vivesse de acordo com a ordenança bíblica. Que extraordinário poder para o bem seria liberado!

CAPÍTULO 6

Mergulhe de cabeça

SE TIVESSE DE RESUMIR EM UMA PALAVRA A CHAVE PARA SE EN-contrar o perfeito lugar de servo, eu diria: *experiência*.

Eu não teria dito isto há vinte anos, ou mesmo dez. Naquela época eu teria dito para você começar imaginando seu dom espiritual, aquela habilidade concedida por Deus a todo seguidor de Cristo que lhe permite promover com mais eficiência os propósitos de Deus. Leia 1 Coríntios 12, seria a minha sugestão — e Romanos 12,1 Pedro 4 e Efésios 4. Depois faça um teste de avaliação sobre dons espirituais.

Aprenda e reflita, eu teria dito. Antes de começar a servir em qualquer lugar, entenda como Deus tem preparado você de modo especial. Ele lhe deu o dom de liderar, ensinar ou administrar? Você é particularmente bom para dar mostras de misericórdia, encorajamento ou hospitalidade? Você se sente unicamente capacitado para transmitir a mensagem de Cristo às pessoas distantes de Deus? Você é mais feliz quando pode usar suas habilidades artísticas ou seus talentos criativos na música, na escrita, nas artes visuais? Você se sente realizado espiritualmente quando está organizando os detalhes relacionados a uma causa justa ou ajudando de maneira prática nos bastidores? Você é conhecido por ser, sobretudo, sábio, discernente, cheio de fé ou generoso?

Primeiro responda às perguntas deste tipo, eu teria dito, e depois sirva de acordo com o que você descobrir. Meu forte desejo é começar pela questão dos dons espirituais, pois, logo no início de meu ministério, descobri o que acontece quando você não tem esse desejo.

UMA DIFÍCIL LIÇÃO

Quando o dr. B. nos ensinou coisas sobre a serventia na época do ministério de jovens, ele também nos ensinou coisas sobre os dons espirituais. Assim, enquanto servíamos juntos, nós nos perguntávamos: *Quem é você e quais são os talentos e habilidades especiais que você traz para nosso esforço comum?* Ao longo do caminho, nós nos incentivamos a passar para áreas do ministério nas quais tínhamos a sensação de ser mais eficientes e revigorados.

Contudo, implantar uma igreja para adultos sem dinheiro, sem recursos e sem uma equipe remunerada foi mais difícil do que imaginamos. Acreditávamos piamente que Deus havia nos chamado para iniciar uma igreja com o intuito de alcançar pessoas

excluídas da Igreja e ajudá-las a tornarem-se seguidores completamente fiéis a Jesus Cristo. Entretanto, tínhamos poucas pessoas e muitas coisas a fazer. As impressionantes exigências que se faziam de nosso tempo e talentos fizeram-nos voltar aos conceitos elementares da serventia. Adotamos o mantra: *Tudo o que for necessário*.

Se alguma coisa precisava ser feita, não fazíamos perguntas. Arregaçávamos as mangas e a fazíamos. Considerávamos a união entre o papel de um voluntário e os dons de uma pessoa um valioso bônus, mas isso definitivamente não era nossa prioridade.

Eu pregava, liderava a equipe (todos os voluntários no início), participava de dois grupos musicais nos cultos de final de semana, disciplinava novos convertidos, levantava dinheiro, fazia o planejamento estratégico, visitava pessoas no hospital, dirigia um pequeno grupo e fazia casamentos e funerais. Todos os outros membros do grupo principal serviam com a mesma intensidade. Quando os novos convertidos tornavam-se membros da igreja, nós os desafiávamos a servir daquela maneira também — e era o que eles faziam. Nossa igreja não teria subsistido um ano sem aquele nível de compromisso com o fazer "tudo o que fosse necessário".

No entanto, após cinco anos de serventia com total entrega, pessoas importantes começaram a desistir. Homens e mulheres de coração puro e devoção profunda diziam: "Não posso mais fazer isso. Estou exausto". Outros diziam: "Estou irritado. O que você está pedindo não é racional". Alguns deixaram a igreja tão magoados que tivemos de correr atrás do prejuízo.

O modo como muitos de nós vinham vivendo funcionou por alguns anos por causa de nossa juventude e porque nos sentíamos extremamente entusiasmados com a ideia de começar uma nova aventura. Mas isso não era saudável nem sustentável.

Todos fazíamos uma única pergunta — *O que precisa ser feito?* — e respondíamos entusiasmadamente com nossas ações. Entretanto, não fazíamos estas perguntas: *Em que você é bom? O que o deixa animado?* Nem o inverso: *Em que você não é bom? O que o deixa esgotado?* Não pensávamos que tínhamos o luxo de fazer essas perguntas.

Mas quando passamos para a década de 1980, percebemos que havia algo mais na fiel serventia do que simplesmente trabalhar com mais afinco. Tínhamos de trabalhar com mais inteligência. Era necessário recorrer ao conceito de dons espirituais que havíamos aprendido no ministério de jovens.

Começamos a ensinar o conceito dos dons de toda forma possível. Elaboramos um curso de avaliação detalhado sobre os dons espirituais chamado *Network*, que

ministramos aos sábados ao longo do ano. Ministramos uma série de nove semanas sobre os dons espirituais em nossos cultos no meio da semana. Até sugerimos uma avaliação reduzida dos dons espirituais que eu usava em nossos cultos de final de semana.

Durante a década de 1980, muitas pessoas de nossa congregação descobriram a alegria de servir em uma área perfeitamente adequada, em que sua personalidade, suas paixões e seus dons espirituais estavam de acordo com seu papel de voluntário. Mas nos deparamos com dois problemas.

Primeiro, o pêndulo oscilava muito. Uma tentativa de ajudar as pessoas a maximizar sua eficiência sem esgotar sua energia aos poucos se transformou em uma mentalidade do tipo "não posso servir até encontrar o lugar perfeito". Não que as pessoas se recusassem a servir em circunstâncias não tão ideais. Tinha mais a ver com o fato de elas pensarem que não deviam; elas pensavam que, primeiro, tinham de "entender toda a situação" para que pudessem "fazer tudo certinho". As pessoas reconheciam sua identidade como servos e queriam servir, mas saber como e onde servir tornou-se um processo muito complicado.

Segundo, presumimos por engano que a ferramenta de avaliação adequada garantiria às pessoas descobrir seus dons dados por Deus. Para algumas delas, isso funcionava; faziam o teste, determinavam seus dons espirituais e, logo em seguida, começavam a usá-los — uma simples história com um final feliz. Para muitas pessoas, no entanto, não bastava fazer um teste de avaliação. Descobrimos que a ferramenta de avaliação adequada pode ser útil se a pessoa passou por uma experiência no servir que pode ajudá-la a dar informações para sua avaliação. Mas, para um verdadeiro principiante na vida do Reino, a abordagem muitas vezes levanta mais dúvidas do que respostas.

Ainda acreditamos que nosso principal objetivo é servir na área dos dons espirituais de uma pessoa. Mas aprendemos que os dons espirituais têm menos probabilidade de ser algo que "compreendemos antes do tempo" do que algo que Deus nos revela enquanto servimos.

Assim, eis o que recomendamos para potenciais voluntários nestes dias: Abrace de todo o coração sua principal identidade como servo de Jesus Cristo. Use qualquer entendimento que você tenha de sua personalidade, paixões, áreas de interesse, talentos e preferências para conduzi-lo em uma direção geral no serviço. Observe as necessidades de sua igreja e comunidade. Depois mergulhe de cabeça com o coração disposto e a mente aberta. Coloque a toalha de servo em seu braço e mãos à obra.

A medida que continuar na estrada do servir e experimentar as alegrias do que é fazer a diferença, você poderá então começar a estudar sobre os dons espirituais e pedir a Deus que lhe revele os seus.

A chave é olhar para a descoberta, desenvolvimento e preparo de seu dom espiritual como um processo. Não se preocupe em encontrar sua perfeita aptidão de imediato. Permita-se aprender enquanto você experimenta.

UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

Em nossa igreja, esse conceito de experimentação exigiu uma mudança de paradigma, não só dos potenciais voluntários, mas também da equipe e dos líderes. Grande parte de nossas oportunidades anteriores no servir exigia um compromisso de, pelo menos, três meses — que, de modo algum, levava à experimentação!

Imagine ter de firmar um *leasing* de três meses de um carro que você está pensando em comprar diante da liberdade de tê-lo em um *test-drive* de 45 minutos. Assim, por todos os ministérios da igreja, apresentamos o conceito do *Primeiro Serviço*, antigas oportunidades de serviço oferecidas diversas vezes e usadas em uma ampla série de habilidades e áreas de interesse. Aqui está o mantra do *Primeiro Serviço*: *Venha uma vez e veja. Não há restrições.*

Algumas oportunidades oferecidas pelo *Primeiro Serviço* exigem inscrição prévia, mas muitas permitem que possíveis voluntários simplesmente apareçam. Eles recebem a informação de onde exatamente se encontrar e têm a garantia de que a equipe ou voluntários experientes irão recebê-los, ajudá-los a envolver-se e servir com eles.

Considere alguns exemplos do *Primeiro Serviço*:

Todo sábado às sete da manhã os voluntários são convidados a ajudar na preparação do auditório para os cultos de final de semana, montando os equipamentos de produção, movendo acessórios e decorando o palco. As crianças com idade inferior a 12 anos podem servir se estiverem acompanhadas por um adulto.

Aos sábados, das 8h 30min ao meio-dia, as pessoas com habilidades em carpintaria podem ajudar em projetos que exigem trabalho em madeira relacionados à manutenção do prédio ou arrumação do cenário.

Das sete às onze nos sábados, os voluntários ajudam na manutenção do sistema de condicionamento do ar da igreja.

Os indivíduos interessados em servir às crianças podem aparecer dez minutos antes do culto de final de semana e fazer uma visita de 45 minutos por todo o ministério infantil em funcionamento. Eles podem observar professores, líderes de pequenos grupos e pessoas que cuidam da programação, bem como aprender sobre os projetos de bastidores. Outras visitas estão disponíveis nos ministérios de juniores e adolescentes.

Os que são voluntários pela primeira vez podem se inscrever para limpar banheiros e esvaziar latas de lixo durante os cultos na igreja e conferências.

Os voluntários são convidados a servir no ministério de juniores cuidando da montagem da produção nas sextas-feiras das cinco às sete da tarde ou nos sábados das 5 e meia às dez da manhã.

Muitos voluntários novos começam a servir na livraria ensacando, reproduzindo fitas e CDs ou vendendo as fitas dos cultos logo após o término deles.

Outros servem ao ministério de esportes anotando os resultados dos jogos de basquete nas noites de terça-feira ou aparecendo na secretaria do ministério durante o horário comercial para fazer malas-diretas ou ligações.

O ministério de distribuição de alimentos oferece muitas oportunidades em diversos momentos, desde a preparação de sopas e molhos no refeitório à criação de mesas decorativas para eventos especiais e distribuição de comida antes e depois dos cultos.

Os adultos são convidados a receber os estudantes, distribuir prospectos e ajudar em outras necessidades logísticas nos eventos do grupo maior realizados semanalmente para alunos do colégio.

Muitas antigas oportunidades de serviço estão disponíveis por meio de nossos parceiros de ministério na área urbana e suburbana. As pessoas podem trabalhar em abrigos para moradores de rua, participar de eventos que promovem o entendimento entre as raças em igrejas urbanas, preparar comida e distribuir roupas para pessoas de rua, fazer serviços de pintura e construção para ministérios da periferia e a manutenção geral de um campo no bairro para crianças sem recursos.

Por toda a igreja, oportunidades administrativas são abertas diariamente para os que são voluntários pela primeira vez.

QUATRO PERGUNTAS IMPORTANTES

Depois de cada oportunidade de serviço, incentivamos os voluntários a se engajar em um processo de autoavaliação, fazendo-lhes uma série de perguntas.

Primeiro, o trabalho foi importante? A resposta para essa pergunta é puramente subjetiva, porém essencialmente importante. Para uma pessoa, preparar envelopes para uma mala-direta sobre uma conferência de liderança para pastores pode ser uma atividade muito importante; ela se identifica completamente com o objetivo (a conferência) e com o grupo de pessoas envolvidas (pastores), e gosta de fazer as tarefas de bastidores. Outra pessoa pode identificar-se com a ideia da conferência, mas, se ela não gostar de fazer tarefas repetitivas, sua experiência com o trabalho não será tão significativa. Ela talvez diga para si mesma que *deveria* considerá-lo significativo por causa da importância do objetivo, mas ela provavelmente não será motivada a aparecer novamente. Outra pessoa pode descobrir que realmente gosta do trabalho voltado para tarefas, mas que preferiria associar suas tarefas ao serviço de cidadãos idosos ou crianças; para essa pessoa, isso faria o trabalho parecer mais importante.

Aqui está outra importante pergunta: Sua energia emocional foi maior ou menor depois do serviço? Você se sentiu revigorado ou esgotado? Servir pode ser fisicamente exaustivo, porém é profundamente gratificante. Se consome muita energia emocional, entretanto, é provável que você esteja seguindo na direção errada. As pessoas introvertidas muitas vezes consideram as tarefas que lidam com pessoas, como a tarefa de conduzir pessoas, extremamente exaustivas, enquanto as extrovertidas têm êxito na mesma situação. Algumas pessoas sentem-se revigoradas com o caos de uma classe de crianças pequenas, enquanto outras saem da mesma situação precisando de uma soneca. O papel de um voluntário que parece ser exaustivo não será sustentável.

Outra importante pergunta (que muitas pessoas se sentem culpadas por fazer) tem a ver com as pessoas com quem se está servindo. Você gosta de servir com elas? Existe uma dinâmica de relacionamento confortável na equipe de serviço? A maioria das pessoas que, timidamente, sai da posição de espectador e passa para o campo de ação sente-se motivada pelo chamado à serventia e para usar seus dons para o bem dos outros. Entretanto, normalmente há outra dimensão para sua motivação da qual elas não têm consciência. Elas querem conhecer pessoas. Querem descobrir irmãos e irmãs com as mesmas opiniões. Querem ter o coração tocado pelo poder da comunidade. Se não sentem o potencial para isso em uma dada oportunidade de serviço, não há nada de errado em continuar a experiência.

Para algumas pessoas, as relações pessoais são mais importantes do que qualquer outro fator. Ao longo dos anos ouvi muitas pessoas dizerem: "Eu não tinha certeza se queria servir na livraria" — ou na equipe de transporte, ou na produção, ou na equipe de

construção das segundas à noite —, "mas continuei a voltar porque amava aquelas pessoas com quem servia. Na verdade, eu provavelmente faria qualquer trabalho para continuar a servir com elas!". *Bom para você*, dizemos. Deus fez alguns de nós tão relacionados que encontrar a equipe certa para servir torna-se um dos mais importantes valores na experiência do servir.

A quarta questão para auto-avaliação é observar honestamente sua agenda e seus horários para encaixar uma oportunidade de serviço. Independentemente do quanto você possa gostar de uma determinada oportunidade, se ela não se ajustar de maneira realista à sua agenda, você jamais poderá engajar-se nela de modo consistente.

Algumas pessoas experimentam o *Primeiro Serviço* e concluem no mesmo instante que descobriram o ministério perfeito para elas; após servir às pessoas de rua em Chicago por uma única vez, elas estão prontas para assumir um compromisso mensal. Outras, no entanto, descobrem que uma dimensão de uma oportunidade de serviço parece maravilhosa, enquanto outra não parece. Assim, elas usam o que aprenderam — coisas negativas e positivas — para fomentar sua próxima experiência.

Digamos que elas façam uma visita ao ministério infantil e se identifiquem com o papel de um líder de pequeno grupo, mas percebam que ficam loucas com uma sala cheia de crianças barulhentas do ensino fundamental. Por isso, em seu próximo *Primeiro Serviço*, elas exploram o papel de um líder de pequeno grupo no ministério do colégio.

Se uma pessoa experimentar dez oportunidades do *Primeiro Serviço* antes de descobrir um "lugar adequado" que a motive a assumir um compromisso maior, em nossa opinião, isso é maravilhoso. Louvamos sua persistência. E muito melhor que ela experimente e aprenda em vez de ficar presa a uma situação frustrante, insatisfatória ou exaustiva que, no final, irá levá-la a sentar-se no banco novamente.

Algumas pessoas continuam a experimentar só porque gostam de variar. Para outras, pedir a Deus que esclareça seu chamado, seus dons e sua paixão é uma oportunidade inestimável.

VOCÊ NUNCA SABE

A verdade é que quando você entra na aventura de servir, nunca sabe o que acontecerá.

Quando Jackie inscreveu-se para "suprir uma necessidade" no berçário da igreja, ela não sabia que passaria os próximos 25 anos fazendo bebês pularem nos seus joelhos — e que adoraria isso.

Quando Tom decidiu usar suas habilidades como marceneiro nas noites de terça-feira na igreja, ele não sabia que acabaria servindo com outros homens na igreja, fazendo consertos na casa de mães solteiras. "Consertar coisas" na igreja foi o primeiro grande passo, mas servir às mães solteiras permitiu-lhe combinar suas habilidades como marceneiro à sua paixão de ministrar para aqueles que estão em necessidade.

Quando Phil se encontrou comigo para almoçarmos e me passou uma posição sobre o orçamento da igreja (o qual, às pressas, escrevi no verso de um lenço de papel), ele não sabia que acabaria liderando o Comitê Financeiro de nossa igreja pelas próximas duas décadas e encontraria uma incrível satisfação nisso.

Quando Karen começou a orar pelo telefone com pessoas que telefonavam em uma situação difícil, ela não sabia que acabaria liderando uma equipe que se reúne religiosamente todas as quintas à noite para orar por pedidos individuais que são feitos à igreja por telefone ao longo da semana.

Em 1974, quando Jan concordou em acompanhar os detalhes administrativos do Son City, ela não sabia que sua estrada no serviço iria levá-la da administração a fazer cenas dramáticas — "Este definitivamente *não* é o lugar perfeito", ela diz —, a liderar pequenos grupos e, por fim, a uma posição estratégica e altamente gratificante na diretoria de nossa igreja.

Para essas pessoas, uma experiência inicial levou, por fim, a um lugar perfeito. Portanto, nosso mote é:

Mergulhe de cabeça!

Mesmo que seu primeiro passo coloque você no caminho mais fácil para um destino ideal no servir ou inicie um processo lento de autodescoberta, você terá embarcado na jornada para a qual foi criado.

CAPÍTULO 7

Usando suas habilidades para descobrir sua paixão

LÁ ESTÁ UM BUICK VERMELHO REAL EMPOLEIRADO EM UM ELE-vador hidráulico. Um estoque de ferramentas da Cornwell — também vermelhas — predomina na parede dos fundos. O cheiro de óleo de motor permeia o celeiro onde acontece uma reunião de líderes voluntários. Somente alguns detalhes referentes à "administração interna" continuam em pauta.

— Se você misturar o Vermelho da GM com o Laranja da Chrysler, não vai dar certo.

— O quê? Não há um 10-30 cheio lá fora? Sinto muito, rapazes. Vou continuar deste jeito.

— Você não precisa usar uma chave em cima daquele cilindro para rosquear aquele negocinho. Aperte com a mão.

Pete, o que está falando, é quem gerência o serviço de nossa equipe do ministério CARS: *Christian Auto Repairmen Setving* (Serviços de Mecânicos de Carros Cristãos). Os vinte, ou algo em torno disso, líderes de equipe voluntários a quem ele se dirige lideram quase noventa mecânicos voluntários que consertam cerca de vinte a 25 carros por semana para pessoas carentes de nossa igreja e comunidade.

Os carros são doados por pessoas da igreja e da comunidade, consertados e especificados em relatórios pelos voluntários do CARS e depois doados a pessoas que têm passado por dificuldades. Grande parte dos favorecidos se compõe de mães solteiras que podem levar seu carro para os voluntários do CARS para consertos ou trocas de óleo até que possam assumir a responsabilidade financeira sozinhas.

Para aqueles que estão sendo servidos, o ministério CARS faz a diferença entre depender dos outros para suas necessidades diárias e prover a independência por meio de um transporte confiável. Significa a liberdade para assumir um trabalho, levar seus filhos ao médico ou ir à mercearia.

O CARS oferece uma forma de os voluntários utilizarem suas habilidades especializadas para servir aos outros de um modo extremamente significativo. A maioria dos voluntários do CARS não é formada por mecânicos autorizados. Eles são professores, contadores e consultores financeiros que gostam de consertar carros.

"Por vocação", diz Jac, "sou um gerente de contratos, que usa camisa branca e gravata escura, de uma grande empresa voltada para a área da saúde. Mas sempre fui um pouco *mecânico*."

Muitas mães de nossa congregação e comunidade são gratas por, há mais de uma década, um grupo de mecânicos decidir encontrar uma forma criativa de usar aquilo em que são bons para ajudar os outros.

E descobrimos que há muitas pessoas talentosas e dispostas a servir com a cabeça debaixo do capô de um carro — principalmente quando já experimentam um pouco as recompensas.

Jac diz: "Quando uma mãe solteira deixa o carro conosco porque está no meio do inverno, o vidro elétrico está quebrado e ela não consegue fechá-lo nem consertá-lo, e duas horas depois ela vai embora com o vidro consertado e erguido — esta é toda a recompensa de que preciso".

"Quando chega um carro com um assento para criança no banco de trás", diz Pete, "você vê os rapazes de sua equipe olhando para aquele assento e, daí, eles simplesmente se desmancham".

Não se vê nenhuma troca de dinheiro no celeiro, mas "somos pagos a cada semana", acrescenta outro voluntário. "Certa noite, uma mulher veio buscar seu carro e ela não parava de dizer — em voz alta mesmo para que todos pudessemos ouvir — 'obrigada, obrigada, obrigada, obrigada'. Este é o nosso pagamento."

Em uma quarta-feira à noite em nosso culto de meio de semana, enfatizei o ministério CARS durante minha mensagem. Após o culto, um rapaz de aproximadamente um metro e oitenta e 108 quilos aproximou-se de mim.

"Sou um novo convertido, ou seja lá o que você quiser chamar", ele disse. "Não faz muito tempo que estou por aqui, mas já estou convencido de que jamais vou falar ou cantar no púlpito. E provavelmente eu não seria bom em visitar as pessoas nos hospitais ou dar aulas na escola dominical. Mas você poderia me dar o nome daquele rapaz que conserta carros? Seria uma honra para mim aparecer lá todas as segundas à noite. Eu nunca soube que poderia ajudar alguém com uma chave inglesa."

Mas ele pode.

Talvez você possa também.

O QUE O DEIXA ENTUSIASMADO?

Uma vez que você já leu diversas histórias, ilustrações ou *e-mails* neste livro, é possível que você tenha examinado alguns parágrafos com pouco interesse, enquanto outros o levaram às lágrimas ou fizeram-no lembrar de uma época em que você era voluntário de um modo similar — ou queria ser.

Essa energia brota da *paixão*. Existe uma paixão — uma área de grande interesse — dada por Deus lá no íntimo de cada um de nós. Um dos objetivos da experiência de um voluntário é descobrir essa paixão. Associar nosso dom espiritual a uma área de paixão é a chave para a maior eficiência e realização no serviço. E também uma das chaves para se manter a energia no servir. Quando você serve em uma área de paixão, ninguém precisa animá-lo para que você continue envolvido; você não consegue fazer outra coisa senão aparecer. E como um intervalo: quando o sino toca, você vai fazer o que mais gosta.

Muitas pessoas, como aquelas que servem no ministério CARS, descobrem uma área de paixão ao observar as habilidades pessoais que gostam de utilizar. Isso pode ser qualquer coisa, desde habilidades profissionais a *hobbies* ou passatempos - da carpintaria à jardinagem, da programação de computadores ao lançamento de argolas, da realização de pesquisas à organização de arquivos.

Roberta, uma cabeleireira, encontrou sua paixão por meio de suas habilidades profissionais. No final da década de 1970, ela ouviu por acaso uma conversa entre uma cliente e outra cabeleireira no salão onde trabalhava. Mês após mês, essa cliente, uma nova convertida, descrevia sua crescente fé para a mulher que arrumava seus cabelos. Roberta, por ficar ouvindo, tornou-se uma cristã.

"Daquele momento em diante", diz Roberta, "eu soube que vivia para um propósito maior. Não queria investir os anos que me restavam e que Deus me concedia em algo que não passasse de vaidade. Em 1980, comprei meu próprio salão. Desde o início, eu queria que o salão não só tivesse a ver com cabelo, mas com a eternidade. Isso afetou meu modo de tratar a equipe e minhas clientes. Isso também plantou em mim um sonho de que Deus usaria, algum dia, meu salão de um modo único para servir às mulheres que, em desespero, precisassem de alento."

O sonho de Roberta jamais morreu, mas ter de administrar seu próprio negócio e criar uma família impediu-a de ir atrás de seu sonho. Em seguida ela passou por um divórcio e acabou em uma palestra para recuperar pessoas divorciadas em que ela tomou conhecimento de nosso *Ministério de Cabeleireiros*.

Roberta começou a se encontrar com outros profissionais que amavam essa atividade, mas que queriam usar suas habilidades para ministrar na vida de outras pessoas. Ouviu histórias comoventes de cabeleireiros que usam suas habilidades em casas de repouso e centros para pessoas com sérias deficiências. Outros descreviam viagens a São José, na Costa Rica, para ensinar habilidades do ramo a mulheres e meninas que tentavam abandonar a vida de prostituição. Ela se convenceu de que, se essas pessoas podiam seguir seu sonho, ela também poderia seguir o seu.

Agora, várias vezes ao ano, Roberta oferece o *Dia da Beleza* em seu salão. Em cada *Dia da Beleza*, cerca de quinze a vinte cabeleireiros profissionais de diferentes salões dedicam, como voluntários, seis horas nos finais de semana para arrumar cabelos, fazer maquiagem e oferecer serviços de manicure a mulheres que estão passando por momentos difíceis. O primeiro *Dia da Beleza* serviu às mulheres de um ministério local que oferece moradias temporárias, treinamento vocacional e aconselhamento para mães solteiras que se tornaram moradoras de rua.

Roberta e seus amigos cabeleireiros pediram às clientes de seus salões que doassem roupas, sapatos e bolsas para as mulheres atendidas naquele primeiro evento. "Tínhamos mais roupas e acessórios do que podíamos comportar. As mulheres simplesmente choravam enquanto experimentavam as roupas. Elas não podiam acreditar que estavam recebendo todas estas coisas, além de um novo penteado."

As convidadas para o mais recente *Dia da Beleza* eram adolescentes de um ministério infantil cujos pais estavam passando por uma experiência de divórcio. Em outro dia, os cabeleireiros atenderam adolescentes grávidas.

Um típico *Dia da Beleza* começa com oração, uma vez que os cabeleireiros se reúnem para pedir que Deus use suas habilidades e suas palavras para encorajar as mulheres a quem estarão atendendo. Em seguida, eles afetuosamente cumprimentam as mulheres e explicam como pretendem "paparicá-las". (Enforquem-se comigo aqui, rapazes.) Do meio até o final do dia, as mulheres apreciam um belo almoço doado por comerciantes locais. Teresa, a voluntária que iniciou o *Ministério de Cabeleireiros*, encerra o dia com uma breve mensagem baseada em Jeremias 29:11-13:

"Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito", diz o Senhor; "pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais. Então, me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração."

"Gosto de compartilhar esses versos com as mulheres", diz Teresa. "Nós as incentivamos a buscar a Deus para que tenham orientação quando a vida ficar difícil ou quando elas se sentirem sozinhas. Pois elas sabem que nos preocupamos com elas; elas ouvem o que dizemos."

Roberta, que lutava para encontrar valor e um sentido de confiança enquanto crescia, gosta de ver suas convidadas sendo animadas no decorrer do dia. "Não posso descrever o que significa para mim poder compartilhar com essas meninas e mulheres, por meio de toques, palavras e serviços, que elas têm valor."

"Levou vinte anos para que meu sonho se tornasse uma realidade. Quando isso finalmente aconteceu, explodi de alegria — e ainda é assim. Ao final de cada *Dia da Beleza*, todos os cabeleireiros estão em lágrimas, gratos por poderem usar as habilidades que Deus nos tem dado para fazer uma verdadeira diferença na vida de mulheres."

As experiências daqueles que participam do Ministério CARS e do *Ministério dos Cabeleireiros* têm inspirado outras pessoas de nossa igreja. Um grupo composto de pilotos profissionais e amadores, junto com outros que trabalham no ramo da aviação, decidiu imaginar uma forma de usar seus aviões, suas habilidades e seus contatos para os propósitos do Reino.

Em uma recente reunião do *Ministério de Aviação*, Chuck, um vendedor de aviões, avisou que soubera de um avião de carga vazio que estava voando para Johannesburgo, na África do Sul. Um membro da equipe em Willow que ouviu esse aviso "sabia" de uma garagem cheia de computadores que esperavam ser despachados para uma agência missionária africana. Dentro de duas semanas, os computadores estavam no avião de carga, junto com nove caixas de roupas e brinquedos de criança, e foram levados para uma escola de treinamento vocacional cristã em Johannesburgo. E um grupo formado de profissionais da aviação e pilotos agradecidos percebeu que juntos eles haviam feito a diferença. "A última vez que computadores foram enviados para esta missão", diz Chuck, "quinze sul-africanos receberam treinamento para usá-los e nove acabaram encontrando um emprego".

Eu nunca me canso de ver Deus orquestrar planos ministeriais criativos por meio de pessoas que, com humildade, colocam suas habilidades à disposição. Mike, outro voluntário, é um talentoso linguista. Todo domingo, após um de nossos cultos, ele dá aulas de idiomas para frequentadores estrangeiros, em sua maioria estudantes de universidades locais. Ao enfatizar expressões idiomáticas usadas no sermão daquela manhã, ele ajuda a aumentar as habilidades linguísticas de seus alunos ao mesmo tempo que explica a Palavra de Deus.

Aqui está mais uma história de que gosto sobre habilidades. Em 1980, Scott, um voluntário em Willow desde a época do ministério de jovens, decidiu levar seu barco para esqui aquático até o campo de nossa igreja em Michigan e ensinar os alunos da sétima e da oitava série a esquiar. "Havia alguma coisa com aquele grupo", ele diz. "Você podia ver. Quando eles conseguiram esquiar, sua confiança aumentou. Anos mais tarde, vi alunos me dizerem que aprender a esquiar na água lá no campo foi um momento marcante de suas vidas."

Voltado para o voluntário desde o começo, o "ministério de esqui aquático" ainda segue forte. Nossos alunos da sétima e da oitava série não mais frequentam o campo de Michigan, por isso, em vários sábados durante o verão, voluntários com barcos para esqui aquático levam grupos de estudantes para lagos particulares do local onde oferecem uma experiência de incentivo à confiança que a maioria deles jamais teria de outra forma. Como um bônus extra, voluntários e alunos igualmente se divertem muito.

EXPERIMENTANDO ALGO DIFERENTE

O interessante é que alguns voluntários gostam de servir de um modo muito diferente do modo como servem no mercado de trabalho.

Um novo convertido chamado Rich administrava uma empresa de alimentos de um bilhão de dólares. Todo dia ele precisava tomar decisões financeiras importantes e solucionar problemas complexos. Ele se saía muito bem em ambas as tarefas, por isso pensei que seria perfeitamente razoável convidá-lo para participar de nossa diretoria, na qual precisávamos urgentemente de seu nível de conhecimento empresarial. Ele ficou muito feliz em participar — mas não da diretoria. Ele não sabia o que queria fazer, mas tinha a certeza de que não queria que sua experiência como voluntário repetisse sua vida profissional.

Rich, por fim, encontrou seu lugar ao instituir nosso conselho filantrópico, usando suas habilidades para solucionar problemas com o intuito de ajudar aqueles que estavam em extrema necessidade financeira. Em vez de ficar tomando decisões de milhões de dólares amplamente voltadas para a igreja que impactariam milhares de pessoas, ele preferiu lidar com as necessidades práticas do dia-a-dia de um único indivíduo ou família. Eu muitas vezes o vi passando pelo saguão da igreja com uma mãe solteira e seus filhos, que o chamavam de "Tio Rich". Ele se sentia realizado e útil em seu ministério, embora isso não fosse o que seus amigos (e pastor!) esperavam dele.

O seguinte *e-mail* enfatiza uma razão que algumas pessoas procuram para servir fora de sua área de conhecimento profissional:

Durante a semana, faço grandes negócios de capital estrangeiro no mercado. Aos domingos, sirvo em uma sala cheia de crianças de três aninhos. A simplicidade de ensinar lições — e trocar por vezes fraldas sujas — mantém-me centrada quando começo a ficar com a cabeça quente por ter de cortar negócios de centenas de milhões de dólares no trabalho. Servir às crianças é o que mantém meu coração generoso e meus pés no chão.

Um voluntário do *Amigos Especiais*, nosso ministério para crianças e adultos deficientes, expressou a mesma motivação. Eu o encontrei em uma sala da igreja decorada com balões, lantejoulas e luzes coloridas, onde 25 crianças deficientes e quase isso de voluntários sorriam, brincavam e cantavam à sua maneira por meio de uma festa cristã. De aparência distinta e vestindo um terno escuro, ele disse: "Todas as semanas eu entro no *Amigos Especiais* abatido pelas preocupações com os negócios, os clientes e a eficiência. Todas as semanas eu saio do *Amigos Especiais* caminhando nas nuvens. Esta é a coisa mais importante e gratificante que faço".

EXPERIMENTANDO ALGO FAMILIAR

Enquanto muitas pessoas encontram satisfação no servir descartando seu papel profissional, outros voluntários gostam de servir a Deus, à igreja e às outras pessoas com as habilidades que passaram aprimorando ao longo de dez, vinte, trinta anos no mercado.

Randy é porta-voz de uma empresa voltada para a saúde. Dale é analista de uma instituição nacional voltada para a saúde. Becky é consultora de recursos humanos, Rich é advogado e Rose é generalista de recursos humanos. Dave cuida dos pagamentos de uma importante companhia aérea. O que todos eles têm em comum? Eles formam uma equipe de profissionais que dedicam seu tempo como voluntários para orientar o departamento de recursos humanos em Willow.

Quando os custos altos na área da saúde apontavam a necessidade de redistribuir o dinheiro orçado para o ministério, pedimos a Randy, um membro de Willow, que ajudasse nossa equipe a formar uma estratégia para lidar com esses custos elevados. Randy fazia parte da equipe mencionada anteriormente; alguns moram no local e frequentam as reuniões em Willow, enquanto outros moram em partes distantes do país e fazem viagens de avião a cada três meses para reunir-se com a equipe.

Além de agendar e planejar as reuniões, Randy combinou com os presidentes das empresas de planos de saúde que apresentassem opções ao grupo. Sua liderança permitiu-nos explorar possibilidades que teriam sido impossíveis se deixadas tão-

somente nas mãos de nossa equipe. E a sensível perspectiva compenetrada e espiritual que esses homens e mulheres fiéis trouxeram ao desafio profissional levou a soluções que claramente refletem a sabedoria e a intervenção divina.

Randy e sua equipe têm dedicado seu tempo, despesas com viagens, conhecimento profissional, centenas de *e-mails* e conversas ao telefone, e orações nos bastidores aos desafios dos recursos humanos em Willow. Uma vez que eles têm feito isso, nossa equipe passou a ter um papel lateral, permitindo que Randy conduza de fato o processo.

Aqui está outro exemplo. John era piloto de helicóptero e instrutor de ciências políticas na Academia Naval antes de obter seu diploma de mestrado em administração de empresas da Escola de Comércio de Harvard. Em seu atual papel profissional, ele é responsável por liderar mudanças e melhorar a eficiência do processo em uma grande empresa. Querendo "devolver algo" para Deus e para a igreja, ele atua na área de formação espiritual, usando suas habilidades de pensamento estratégico, liderança, ensino e aperfeiçoamento do processo para ajudar a identificar e tratar dos grandes desafios do crescimento espiritual. "Tem sido uma experiência muito abençoada", ele diz, "que só me encoraja a alçar os dons que Deus tem me dado em seu serviço".

Dave, outro jovem profissional de nossa congregação, é especialista em estrutura organizacional. Quando ele quis se envolver mais no ministério de voluntários, juntou-se a vários outros líderes empresariais de nossa igreja para fundar e organizar O *Depósito*, um ministério no centro de Chicago que oferece materiais de construção para casas de baixo valor. Como um ministério da World Vision, O *Depósito* conta com materiais doados por fábricas e fornecedores, e, em seguida, os disponibiliza para agências de casas de baixo valor por uma taxa de manuseio simbólica.

Usar suas habilidades profissionais no ministério de voluntários parecia tão gratificante para Dave a ponto de ele desejar que outros tenham a mesma experiência. "Há tantas pessoas ativas e profissionalmente habilidosas pelas igrejas, querendo se envolver, mas a Igreja não está vendo o que elas têm a oferecer. São pessoas excelentes e empreendedoras que estão prontas, dispostas e aptas para oferecer as melhores práticas do mercado por amor à excelência do ministério, sob a soberana orientação de Deus."

Dave está certo. E tempo de os líderes da Igreja reconhecerem os profissionais inaproveitados de nossas igrejas e buscarem parcerias estratégicas com profissionais como Randy, John e Dave. Vejo dois aspectos importantes para essas parcerias.

Primeiro, homens e mulheres com habilidades profissionais especializadas precisam ser firmes ao oferecer seus serviços. Dave diz: "Você provavelmente se sentirá rejeitado a princípio porque os líderes da igreja não entenderão o que você estará oferecendo ou de que modo irão usá-lo. Mas não poupe esforços para se fazer compreendido. E continue a se mexer. Se você não encontrar uma oportunidade para servir em uma área do ministério, procure outra área. Não desista".

Segundo, a equipe e os líderes da igreja precisam continuar abertos no sentido de dividir o controle. Precisam aceitar voluntários em níveis estratégicos de ideias e tomada de decisão. Por exemplo, Tammy, nossa diretora de recursos humanos, participa das reuniões da equipe de voluntários, mas visivelmente pede a Randy que oriente o grupo, pois é ele quem traz o conhecimento necessário. Portanto, isso é de fato uma parceria, que tem beneficiado em muito nossa igreja e satisfeito os voluntários envolvidos.

UMA ABORDAGEM SENSATA

A liderança de nossa igreja nunca se pôs a criar ministérios em torno das habilidades de mecânicos de carros ou cabeleireiros, fanáticos por esqui aquático ou pilotos. E nunca pensamos que nosso departamento de recursos humanos seria consideravelmente influenciado por uma equipe de voluntários. Entretanto, sempre aceitamos a abordagem sensata de que o ministério deveria fluir dos dons, interesses e habilidades das pessoas que Deus tem trazido para nossa congregação.

Em meados da década de 1970, quando iniciamos o ministério de jovens que nasceu em nossa igreja, não começamos usando o teatro, a bateria e a dança — nem outra "forma contemporânea de comunicação" que parecia tão chocante para muitas pessoas da igreja naquela época. Mas Deus trouxe até nós um grupo de crianças com habilidades de comunicação criativas; assim, a dimensão do alcance de nosso ministério naturalmente refletiu esses dons e paixões.

A liderança de cada congregação local deve observar a ordenança bíblica para a igreja e orar para que Deus traga a ela o equilíbrio de dons necessário para se criar um corpo completo e saudável. Mas, além disso, creio que toda congregação local deve ter um "tempero" único com base na combinação por vezes peculiar de dons, paixões e experiências de vida de seus membros.

Eu não me atreveria a oferecer um modelo sobre como "moldar" uma igreja local. Cada congregação precisa responder a várias perguntas importantes: Quem Deus tem trazido para nós? Quais são as contribuições singulares dessas pessoas? De que modo o Espírito de Deus está conduzindo? O que diz o bom senso?

Garanto que, independentemente da forma de ministério ou serviço que uma congregação local ofereça, existe alguém nessa congregação ou na comunidade que desesperadamente precisa ser servido exatamente dessa forma.

Graças a Deus pelos voluntários que optam por usar a riqueza e a variedade de seus dons e paixões para suprir essas necessidades.

CAPÍTULO 8

Apaixão motivada por pessoas

CARRIE, ENGENHEIRA DE UMA COMPANHIA AÉREA, É JOVEM, LOU-

ra — e fascinada por uma inexplicável paixão. "Sempre gostei da cultura hispânica", ela diz. "Não sei por quê. Não tenho nenhuma gota de sangue hispânico, embora gostaria de ter!" Carrie tem facilidade com línguas, por isso, estudou e tornou-se fluente em espanhol.

Quando nossa igreja iniciou o *Casa de Luz*, um culto de final de semana alternado que oferece ensino e adoração em espanhol, Carrie, uma talentosa cantora, começou a cantar com o grupo de adoração. Quando foi convidada para ser a produtora técnica do *Casa de Luz*, ela se convenceu de que esse era o propósito para o qual Deus a havia preparado.

"Não posso acreditar que tenho esta oportunidade de combinar meus dons na música, no idioma, na liderança e na administração com meu amor pelo povo hispânico. No *Casa de Luz* temos porto-riquenhos, dominicanos, guatemaltecos, venezuelanos, mexicanos — pessoas de toda a América Latina. Creio que Deus nos chama para que nos juntemos como uma força unida para ministrar à crescente população hispânica de nossa comunidade. Sempre me perguntei por que eu tinha essa paixão. Agora eu sei!"

ATRAÍDO A UM GRUPO DE PESSOAS

Embora as pessoas em destaque no capítulo anterior tenham descoberto seu lugar ideal no ministério em relação a habilidades específicas, outras se sentem atraídas, em primeiro lugar, a um grupo específico de pessoas. Veja mais uma vez as palavras de Carrie: *Sempre tive uma paixão pela cultura hispânica. Não sei por quê.*

Para pessoas como Carrie, a paixão que as instiga a servir é um mistério até para elas. Se você lhes perguntar onde elas gostariam de servir, elas são capazes de começar a responder assim: "Bem, *por alguma razão*, sempre tive interesse em...".

Elas não podem descrever exatamente essa razão. Mas não podem negar a paixão que as leva a servir a um grupo específico de pessoas: crianças, cidadãos idosos, mendicantes, casais, famílias sem recursos, estrangeiros, mães adolescentes, deficientes ou um grupo cultural específico. Como um rio que despenca por uma cascata na encosta de uma montanha, elas vêem seus interesses e energia naturalmente fluírem na direção desses grupos de pessoas.

Em uma manhã de sábado, um furgão cheio de adultos deixou o estacionamento de nossa igreja com destino ao centro de Chicago para ajudar uma família de refugiados da Somália a se instalar em seu primeiro apartamento nos Estados Unidos. Nenhum deles se indispôs pelo fato de que passariam o dia com pessoas que nunca haviam visto e com quem nem sequer compartilhavam o mesmo idioma.

Todos falavam ao mesmo tempo: "Vamos ao centro da cidade para ajudar essas pessoas a se instalar. Temos de levar comida e roupas para elas. Temos de limpar o apartamento. Talvez teremos de aprender algumas palavras de seu idioma". A paixão que Deus deu a essas pessoas pelos refugiados transforma um sábado de serviço em uma emocionante aventura.

Outras pessoas descobrem sua paixão quando respondem a uma área específica de necessidade ou a uma questão social: crise conjugal, dor, desafios profissionais, vícios, abuso, injustiça, pobreza, divisão racial. Muitas vezes sua resposta a essas questões é estimulada por suas próprias experiências do passado, muitas vezes experiências de dor.

Sharon ficou arrasada com a morte súbita do marido, um membro do conselho de nossa igreja. Quando soube que um ministério de apoio aos aflitos estava começando, ela foi participar da primeira palestra. As vinte pessoas que participaram com ela haviam perdido cônjuge, pais, irmãos e filhos. "As pessoas estavam passando por uma experiência de tanta dor", diz Sharon. "A morte de um ente querido vem com muitas faces: um trauma súbito, uma longa enfermidade, a perda de um filho que estava para nascer, suicídio. Mas dor é dor. Quase no final da primeira palestra, eu soube que o Senhor havia tocado em meu coração para ajudar essas pessoas."

Sharon juntou-se ao centro de líderes do *Apoio aos Aflitos*, no qual ela tem servido há mais de dez anos. Na primeira palestra, a música vinha de um aparelho de som. Os participantes empenhavam-se em mesas de discussão informal com base em um livro que haviam lido antes de virem para a palestra. Hoje, o aparelho de som foi substituído por musicistas, programadores e técnicos de som voluntários que aparecem todas as segundas-feiras para servir aos aflitos. Os professores da semana vão de terapeutas profissionais a membros da equipe e pastores da igreja. Cento e cinquenta pessoas participaram da última palestra. Todos os quinze líderes das mesas de discussão eram antigos participantes que gostariam de servir.

"O mais emocionante", diz Sharon, "é observar as pessoas que nos procuram com dor, talvez recomendadas por um amigo, colaborador ou antigo participante. Muitas delas nunca frequentaram uma igreja, mas elas vêm e iniciam a importante busca pela

cura — e por Deus. Nossa esperança é que essas pessoas desesperadamente aflitas encontrem um lar para seu coração. Há necessidade por toda parte. Estamos fazendo a pequena parte que está ao nosso alcance para servir."

Rita, Laurel e Gail começaram um tipo diferente de grupo de apoio: voltado para famílias que sofrem com o impacto de uma doença mental. As três sofreram com o terrível distúrbio bipolar de um filho, o confinamento de um filho por causa de uma doença mental, uma terrível depressão pós-parto e o suicídio de um filho ou irmão. Sabiam que não estavam sozinhas em sua dor. Rita, uma enfermeira pastoral de nossa igreja, tinha o pleno conhecimento de que muitas famílias de nossa congregação e comunidade lidam com problemas de autismo, depressão clínica, esquizofrenia, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e diversos distúrbios de ansiedade.

Elas se reuniram há dois anos, pedindo a Deus em oração que as capacitasse para ministrar a outras pessoas. O resultado de suas orações foi o *Mental Health: It's a Family Affair* (Saúde Mental: Uma Questão de Família), um seminário de um dia e uma série de grupos de apoio que têm como objetivo ministrar para aqueles que cuidam de entes queridos que sofrem de todas as formas e com a gravidade de uma doença mental. "Você não está sozinho", elas dizem aos participantes. "Jesus Cristo usa as tempestades de nossa vida para construir pontes."

O tema bíblico deste ministério é 2 Samuel 22:17: "Do alto, me estendeu ele a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas". E isso o que Rita, Laurel e Gail têm experimentado e que agora compartilham com outros.

Recebi inúmeros *e-mails* relatando histórias semelhantes de pessoas que transformam sua própria dor em um bálsamo de cura para outros. Uma mulher escreveu:

Em 1999, eu me aconselhava e estava realmente destruída. Minha conselheira sugeriu que eu participasse de um grupo de apoio para mulheres da igreja que haviam sofrido abuso sexual e, com relutância, foi o que fiz. Cresci muito e na verdade acabei por tornar-me uma líder. Como tal, descobri que tinha o dom espiritual de ensinar. Falar a verdade para outras mulheres que haviam passado pelas mesmas coisas que experimentei, de certo modo, redimia uma grande parte de meu passado. Embora nunca tivesse colocado a culpa em Deus e dito que ele me havia feito experimentar o que experimentei para que, um dia, eu pudesse ajudar outras pessoas que sofriam, definitivamente creio que ele tomou algo terrível e fez uso disso para benefício de seu Reino.

Outra mulher conta uma extraordinária história deste ministério que está muito além de qualquer coisa com que ela tenha sonhado:

Cerca de sete anos atrás, vi um anúncio no jornal para mentores de mães adolescentes. Como eu só tinha 17 anos quando minha filha nasceu, pensei que isso seria uma forma de retribuir a Deus e agradecer-lhe pelas pessoas maravilhosas que ele havia colocado em minha vida.

Durante dois anos passei a reunir-me com um grupo de adolescentes todas as semanas para que tivéssemos momentos de comunhão e instrução. Era como ter 25 filhas adolescentes ao mesmo tempo! Eu não fazia ideia do quanto iria apegar-me a elas, das inúmeras ligações desesperadas que receberia no meio da noite e de como eu me sentiria impotente toda vez que elas cometessem um erro.

Eu as ajudava a encontrar um abrigo quando o namorado as espancava. Comprava-lhes coisas para comer quando o salário simplesmente não dava. Cuidava de seus filhos enquanto elas procuravam emprego. Mas, sobretudo, eu acreditava nelas.

Como se tratava de um programa governamental, eu não podia compartilhar abertamente minha fé. Mas não demorou muito e as meninas começaram a fazer perguntas sobre minhas crenças, por que eu era diferente, como conseguia continuar casada com o mesmo homem por tantos anos, e assim por diante. Tive muitas oportunidades para compartilhar minha vida e testemunhar para elas. Quando nossos dois anos chegaram ao fim, algumas das garotas perguntaram se podíamos iniciar um estudo bíblico. Uau! Nós nos reuníamos uma noite por semana em minha casa, e meu marido cuidava de todas as crianças em outra sala. Por fim, alguns dos namorados começaram a frequentar as reuniões. Não posso dizer que todos se entregaram ao Senhor, ou que foi fácil. Entretanto, foi uma das experiências mais profundas de minha vida.

0 ELEMENTO DE SURPRESA

Enquanto algumas pessoas entram em uma área de serviço por causa de uma paixão inegável, outras sentem que Deus as chama para uma área de serviço pela qual elas acreditam não ter interesse. Contudo, quando optam por servir por total obediência a Deus, elas descobrem que ele sabe mais a respeito delas do que elas próprias. Foi exatamente isso o que aconteceu na seguinte história.

Renetta se descreve como uma garota da cidade — "muito, muito, muito cidadina" — moderna, ativa o tempo todo, que trabalha em três empregos, auto-suficiente — do

tipo "Por favor, não preciso de nada". Ela é uma negra alta que chama a atenção. Seu apelido é Bolha.

Renetta e seu marido, Larry, um farmacêutico, vinham frequentando nossa igreja havia muitos anos e trabalhando como voluntários nos *Ministérios de Serviços* — que inclui contadores, porteiros, recepcionistas e coletores de ofertas —, quando sua equipe decidiu aproveitar a oportunidade de servir em um sábado em uma vizinhança sem recursos. Com dois ônibus lotados de pessoas de nossa igreja na periferia, eles foram para a Quinn Chapei, uma igreja episcopal metodista de africanos, localizada no limite entre a periferia e a cidade.

"Todos no ônibus eram brancos, exceto Larry e eu, e Garnett, irmão de Larry", diz Renetta. "As pessoas riam e se divertiam, mas era uma risada nervosa. Dizíamos a elas para não se preocuparem, mas isso só ajudava até certo ponto, pois elas não sabiam em que estavam se metendo. Mas quando descemos do ônibus, Ruth, uma mulher da Quinn Chapei, abraçou cada uma das pessoas como se as conhecesse havia dez anos e lhes disse como estava feliz por elas terem vindo. Isso fez uma grande diferença. Então as pessoas da Quinn serviram-nos um tradicional café da manhã afro-americano. Larry, Garnett e eu estávamos no sétimo céu, rapaz. Tínhamos cereais!"

Para Renetta e Larry, estar em Quinn junto às pessoas com quem haviam servido em Willow foi uma profunda experiência. Pintar uma capela para um de nossos parceiros de ministério foi uma causa digna, porém muito mais do que uma capela foi transformado naquele dia. "Eles nos levaram para conhecer a igreja, e havia tanta história afro-americana ali, fotos e artefatos. As pessoas começaram a fazer perguntas para nós: "Vocês realmente fazem isso? Vocês sabiam disso? Vocês comem cereais o tempo todo?". Eles realmente tinham curiosidade sobre nosso mundo. Para nós, este foi o começo. Eles abriram seus olhos e nós abrimos os nossos, e todos abrimos o coração e nos tornamos amigos naquele dia. Foi uma experiência maravilhosa."

Mais tarde, no ônibus de volta para Willow, Larry e Renetta se encontravam nas alturas — "Foi um dia novo para nós" —, mas estavam tão exaustos que decidiram ir direto para casa depois do relatório dado na igreja.

Somente uma coisa continuava no caminho.

"De repente, esta mulher caucasiana entrou na sala e literalmente bloqueou a entrada."

A mulher estava decidida a convidar Larry, Renetta e Garnett para uma discussão em grupo que tinha por tema *Bridging the Racial Divide* (Cruzando a Divisão Racial), que acontecia à noite em sábados alternados.

A despeito da contínua euforia da tarde, uma pequena e intensa experiência em grupo que envolvia questões raciais não tinha espaço na agenda deles. Evasivamente, eles concordaram em participar algum dia, talvez, se ela os informasse quando seria a próxima reunião.

"Bem, na verdade estamos nos reunindo neste exato momento."

"Todos ficamos em total silêncio", diz Renetta, "mas, no fundo do meu coração, eu sabia que aceitaríamos. Estávamos mortos de cansaço, mas era óbvio que nosso coração estava mudando. Não nos sentimos necessariamente obrigados a ir, mas um pouco coagidos."

No grande círculo formado na sala de reuniões estavam sentados uma mulher negra e onze brancos, mais os três recém-chegados. A despeito de sua relutância, Larry, Renetta e Garnett falaram abertamente, convencidos de que qualquer tentativa autêntica para cruzar a divisão racial somente viria pelo reconhecimento de que isso era um fato e pela disposição em falar sobre questões embaraçosas.

Contudo, a noite não transcorreu tranquila. Quando uma mulher no grupo perguntou do que "seu povo" prefere ser chamado, isso exaltou os ânimos dos afro-americanos na sala. "Rapaz, fiquei pensando: *me segurem, me segurem, me segurem*", disse Renetta. Eles se seguraram por fora, mas por dentro Larry, Renetta e Garnett chegaram à conclusão de que já tinham ouvido o suficiente. Não foi a pergunta que os irritou, mas a expressão "seu povo".

"Ela tem uma conotação negativa", explica Renetta. "E como se você juntasse todos nós em um grupo, colocando-nos em uma seção diferente e dizendo: 'Vocês ficam por aí e nós ficamos por aqui, e se estendermos a mão e trouxermos vocês para o nosso lado, então vocês podem ser aceitos. Do contrário, fiquem aí'. Isso é uma tremenda exclusão. Para mim é mais uma forma de nos isolar, de nos manter a distância."

Nas reuniões subsequentes, eles descobriram que a mulher que havia feito a pergunta não tinha a intenção de prejudicar ninguém; ela estava de fato tentando aprender. Mas Renetta saiu da primeira reunião convencida de que não haveria outras reuniões. "Por que preciso voltar lá e falar sobre coisas que me machucaram, que

feriram meu passado? Por que tenho de colocar as cartas na mesa e deixar que os brancos discutam isso?"

"Com o passeio à igreja naquele dia, nossos amigos brancos haviam deixado sua zona de conforto e entrado em um mundo no qual nós já nos sentíamos à vontade. Por um instante as coisas mudaram para nós. Mas a reunião do *Bridging the Racial Divide* trouxe tudo de volta à realidade. Eu era solicitada para entregar uma parte de mim que estimava muito. Uma parte que, dentro de nossa cultura, não tem necessidade de ser discutida, pois todos nós a temos compartilhado."

"Apesar de Larry, Garnett e eu termos crescido em partes muito diferentes do país — Chicago, Oklahoma e Indiana —, ainda há uma linguagem entre nós que não precisa ser dita. Todos temos experimentado os mesmos tipos de insultos. Entendemos isso. Mas agora você está me pedindo que me sente em um ambiente em que eu sou a estranha, e não só tenho de ficar entusiasmada com isso, mas você está me pedindo que exponha uma parte de mim e a entregue a você. E por quê? O que você fez para merecer essa minha parte íntima? Sou totalmente a favor do bem maior de se cruzar a divisão racial, mas isso significa ter de expor e revelar quem eu sou para você? Esta é uma perspectiva insensível, mas é a realidade."

Com isso, eles não fizeram planos de voltar - mas "sabe, Deus é maior do que nós". Na semana seguinte eles voltaram. E, também, duas semanas depois.

"Havia sempre algo que tirávamos disso ou que a outra parte tirava. Ficar sabendo de onde alguns dos membros brancos vieram realmente abriu nossos olhos. Isso nos ajudou a ter mais paciência.

"Falávamos sobre coisas engraçadas, como, por exemplo, do cabelo. 'Não, não posso molhar o cabelo. Você lava seus cabelos para tirar o óleo, eu coloco óleo nos meus.' E falávamos sobre algumas das feridas no mercado de trabalho e na comunidade. 'Você se levanta de manhã e vai a uma loja chique em Barrington, e ouve um bom-dia. Nós somos perseguidos se estivermos perto da loja.'

"Algumas pessoas ficavam fascinadas, pois nunca haviam ouvido os detalhes das coisas que acontecem no dia-a-dia. Elas são da opinião de que as coisas mudaram. E elas mudaram fisicamente — ninguém mais nos mantém escravos —, mas ainda há a angústia mental de se passar por certas situações e se sentir pouco à vontade. Vocês vão a um restaurante para jantar, vocês são o único casal de negros ali, e vocês olham ao redor e vêem todos os olhares voltados para vocês."

Não era fácil ficar no grupo. Larry e Renetta continuaram a sentir que ofereciam mais do que os brancos, simplesmente porque havia tantas coisas sobre sua história que os brancos não entendiam e queriam saber.

"As vezes", diz Renetta, "eu só queria dizer: 'Não tentem fazer com que eu seja amiga de vocês para que possam me analisar!'. E assim que nos sentíamos, mas fomos em frente."

Quando a líder do grupo passou por uma experiência de morte na família, ela pediu a Renetta que liderasse o grupo em sua ausência. Renetta concordou, mas com muita relutância. Na verdade, no carro, a caminho da reunião, Renetta deixou claro para Larry que esta seria a última reunião da qual participaria. "Vamos lá e fazer isso, mas depois vamos dizer: 'E isso aí'."

Mas a noite seguiu bem.

Mais tarde, Larry disse: "Preciso lhe dizer o que estou sentindo. Isso tem a ver comigo, e você pode dizer que é só porque sou seu marido. Mas creio que Deus está me pedindo que lhe diga isso: ele precisa de você para fazer isso. Se você deixar que ele o faça por seu intermédio, ele assumirá o controle."

Relutante, Renetta conduziu a próxima reunião do grupo, e a próxima. "Deus foi bom, pois quando eu chegava lá e sentia aquela atitude negativa, ele fazia algo para despertar meu coração e deixar-me com vontade de ficar. Um passo de cada vez."

Ao longo do curso no ano seguinte, Renetta deixou de substituir a líder para ser uma líder auxiliar. O grupo continuou a crescer e, por fim, teve de gerar vários novos grupos. Renetta e Larry tornaram-se líderes do grupo, e Renetta, por fim, tornou-se a coordenadora de todo o ministério *Bridging the Racial Divide*.

Embora Renetta continue a servir como voluntária, nem sua condição de "não-remunerada" nem sua relutância inicial impediram-na de ter um grande sonho. "O sonho que Deus tem me dado", diz ela, "vai além de negros e brancos. Tem a ver com hispânicos, indonésios, asiáticos, africanos, aborígenes, libaneses, pessoas das índias Ocidentais — com todas essas culturas. Todas elas estão aqui. Não sei como Deus vai fazer isso, mas estou aberta para seu chamado."

ABERTO PARA O CHAMADO DE DEUS

Cada história deste livro fala de alguém que está "aberto para o chamado de Deus". O que essas pessoas teriam perdido se não continuassem abertas? Um desafio? Uma

aventura? Uma oportunidade? Um chamado? Um propósito encontrado na dor? Um meio para seu crescimento pessoal? Uma jornada no sentido de fazer a diferença?

Cada história também nos faz lembrar das grandes necessidades de nosso mundo — da reconciliação racial ao consolo dos que sofrem, da educação de crianças ao restabelecimento de casamentos, do servir aos que não têm um teto ao encorajamento dos desanimados. Que necessidades ainda não teriam sido supridas se as pessoas deste capítulo não tivessem deixado Deus agir por meio de sua paixão, sua dor — e até de sua relutância — para tocar a vida de outros?

Que paixão Deus está despertando em você? Há um grupo de pessoas ou uma questão social que não sai de sua mente? Você já experimentou uma área de dor que comove seu coração para com outros que estão sofrendo da mesma forma? Você sente um impulso espiritual que o leva a uma área de serviço com a qual nunca sonhou? Não ignore o que está acontecendo em seu coração neste exato momento. Deixe que Deus fale com você. Ouça. Depois aja. Dê um passo. Experimente.

Tome uma atitude!

CAPÍTULO 9

Não se esqueça de pedir

S E VOCÊ PERGUNTAR AO VOLUNTÁRIO COMUM POR QUE ELE CO-

meçou a servir em determinado momento e lugar, a maioria deles balançará os ombros e dirá: "Porque alguém me pediu". Creio que nas igrejas espalhadas por todo o mundo há pessoas que amam a Deus, a igreja e as outras pessoas, mas que nunca cruzaram a linha da serventia voluntária simplesmente porque ninguém nunca pediu isso a elas.

MUITAS FORMAS DE PEDIR

Há muitas formas de pedir. Às vezes, "o pedido" vem na forma de um sermão desafiante no qual os possíveis voluntários ouvem o chamado para que saiam dos bastidores — e percebem que, para eles, *chegou a hora*. Eles talvez não saibam exatamente como ou onde, mas precisam começar o processo de experiência.

Outros talvez fiquem sabendo de uma necessidade específica que, de modo tão visível, vem ao encontro de sua área de paixão a ponto de *não* poderem contestar — e sabem exatamente como e onde.

Em nossa igreja, trabalhamos arduamente para fazer com que as necessidades sejam conhecidas. A cada semana fazemos uma lista de oportunidades de serviço no programa impresso que distribuimos nos cultos do meio da semana. Nos finais de semana, enquanto as pessoas entram ou saem do auditório, muitas vezes passamos videoclipes que destacam várias oportunidades de serviço. Realizamos feiras ministeriais e festas abertas. No último verão, o ministério CARS realizou uma festa aberta no celeiro onde eles trabalham com veículos quebrados. A festa exibia carros clássicos cujos donos eram voluntários do CARS e um autêntico carro de corrida da NASCAR, doado por um amigo do ministério CARS. O objetivo da festa era atrair possíveis voluntários. Em um final de semana, eles conseguiram 23 novos recrutas!

Mas, a despeito de nossos esforços para comunicar publicamente as necessidades e pedir às pessoas que sirvam, o pedido pessoal é de longe o mais eficaz — e quanto mais pessoal, melhor. Na verdade, são os voluntários que se tornam os melhores recrutas de voluntários.

Um anúncio em um boletim que informa a necessidade de que mais pessoas "adotem" canteiros de flores para plantio na primavera pode inspirar alguns loucos por jardins. Mas um voluntário entusiasmado que plantou e fez a manutenção "desse maravilhoso canteiro de petúnias roxas próximo ao prédio da equipe" será um recruta muito mais eficiente. "São apenas algumas horas no sábado. Venham. Será divertido. E toda vez que vocês passarem de carro pelo campus, saberão que desempenharam um papel na criação de um lindo e acolhedor ambiente externo."

Os voluntários tornam-se os melhores recrutas de voluntários, mas, a menos que os líderes da igreja e coordenadores de voluntários mostrem a importância de se pedir, ninguém irá fazê-lo.

Quando preciso recrutar um novo membro para o conselho, sempre começo por alguém que conheço. Há anos, a igreja tem falado sobre "evangelismo relacional". Não saímos pela comunidade e escolhemos aleatoriamente pessoas para tentarmos levar a Cristo, pois sabemos que temos muito mais credibilidade com pessoas com quem já temos um relacionamento estabelecido. O mesmo aplica-se à questão de recrutar voluntários.

Se procuro um possível membro para o conselho, penso em todas as pessoas qualificadas que conheço que não estão em serviço. Quando chego à conclusão de que uma delas é um possível candidato, dou o próximo passo: eu a convido para almoçar e apresento as necessidades de nosso conselho. Se ela não tiver interesse, não há problema. Talvez só o fato de iniciar a discussão a motive a pensar em alguma outra coisa que ela realmente gostaria de fazer e em cuja direção eu possa ajudá-la a seguir.

APRESENTANDO A VISÃO

O objetivo de uma reunião entre duas pessoas é apresentar a visão da oportunidade do voluntariado. Essa visão oferece uma convincente descrição do impacto e da experiência que o potencial voluntário teria se decidisse servir. Mais uma vez, os voluntários são as pessoas que melhor apresentam a visão.

"Fred", um voluntário poderia dizer para seu amigo, "trabalho no ministério infantil e gostaria de que você soubesse uma coisa. Os noventa minutos que passo a cada semana com as crianças em minha sala são a melhor experiência de minha semana. Quando ensino uma criança de uma família excluída da igreja a orar ou digo a uma criança de um lar desfeito que Deus a ama, você não sabe o quanto essas palavras fazem bem para mim. Eu estava pensando se, quem sabe, você gostaria de me acompanhar um dia para ver o que Deus está fazendo no ministério infantil."

Em minha opinião, normalmente não é prudente pedir a um possível voluntário que assuma um compromisso de longo prazo abertamente; o melhor é simplesmente convidá-lo a ter um processo de experiência. Entretanto, não estou sugerindo que devemos deixar de apresentar a visão! Nunca hesito em dizer aos possíveis membros do conselho o quanto gosto de fazer parte do conselho, o quanto é maravilhoso o grupo de pessoas com o qual trabalho, a importância do que fazemos e que acredito que elas gostam do conselho também.

As pessoas merecem uma visão clara e convincente.

Se um membro de nossa equipe de transporte deseja recrutar um amigo para ajudá-lo, ele não diz: "Ei, Fred, você gostaria de ajudar a dispor duzentos cones laranjas no domingo às seis horas? É um trabalho terrível, mas alguém precisa fazê-lo". Ele diz: "Fred, estou na equipe de transporte do final de semana. Ajudamos a criar a primeira impressão para centenas de pessoas que estão visitando nossa igreja. Acreditamos que podemos melhorar o impacto espiritual dos cultos recebendo com delicadeza as pessoas no estacionamento e conduzindo-as, com eficiência, a vagas no estacionamento. Você gostaria de aparecer para nos ajudar a criar uma boa primeira impressão?".

Quando nosso diretor de adolescentes tenta recrutar pessoas para o ministério de jovens, ele não diz: "Eu sei que todos os adolescentes ficam com o cérebro congelado por três anos, usam roupas esquisitas e normalmente são detestáveis. Mas eles precisam de um adulto para supervisioná-los. Por isso, você engoliria o medo e me daria uma ajudinha?". Ele diz: "Tenho comprometido minha vida com um grupo de pessoas que estão naquela fase dos três anos mais importantes da vida. A MTV está na cola delas. Grande parte do marketing de produtos excêntricos e estilos de vida destrutivos está voltada para elas. Elas ainda não desenvolveram a estrutura necessária para fazer suas próprias escolhas, por isso são muito impressionáveis. Se você quiser causar um grande impacto em crianças vulneráveis, cujo futuro depende das decisões que elas tomam hoje — se você realmente quiser fazer diferença com sua vida! —, então junte-se ao nosso ministério de jovens".

Uma visão assim quase faz com que eu me inscreva no ministério de jovens (quase!).

UM BOM CASO DE ESTUDO

Uma vez por semana nosso ministério colegial reúne um grande grupo em nossa igreja. Mas, nas noites de domingo, de trinta a quarenta alunos de cada colégio local reúnem-se em uma casa em particular para confraternizar-se, aprender e fazer pequenas discussões

em grupo. Uma das chaves para o sucesso dos grupos caseiros são os líderes de pequenos grupos que conduzem as discussões e se envolvem pessoalmente na vida dos alunos; eles vão ao café da manhã com eles, comparecem aos seus eventos esportivos, conhecem seus amigos, ouvem, conversam e oram com eles.

Ruth, a líder de um dos grupos caseiros, decidiu recrutar três rapazes de vinte e poucos anos, Todd, Jimmy e Michael, para serem líderes de pequenos grupos. "Ei, meninos", ela disse, "conseguimos alguns excelentes líderes em nosso grupo caseiro, mas precisamos urgentemente de alguns rapazes mais velhos para serem líderes". Ela cuidadosamente explicou o papel específico de um líder de um grupo pequeno. Então acrescentou: "Conheço vocês, rapazes — vocês são divertidos, ativos, legais, tiveram experiências de vida com as quais as crianças se identificariam. Vocês simplesmente são o que precisamos. Acho que vocês, rapazes, poderiam virar aquela escola inteira do avesso — e vocês adorariam fazer isso! Por isso, pensem e orem a respeito. Volto a falar com vocês".

Por quase dois meses, os rapazes pensaram e oraram sobre o assunto. Começaram a brincar entre si sobre como "mudariam o mundo". Mas a visão que Ruth havia apresentado estava criando raízes profundas: se eles se comprometessem com esse ministério, talvez pudessem de fato tornar a vida diferente para algumas crianças do colégio. Talvez eles pudessem até ajudar essas crianças a crescer na fé para poderem impactar outras crianças em sua escola.

Ruth telefonou para lembrá-los de que o convite ainda estava aberto. "Ainda estamos pensando no assunto", disseram. Ela lhes deu algumas outras questões nas quais eles deveriam pensar, descrevendo os contatos positivos que havia estabelecido com a equipe e com os administradores da escola, e sugeriu formas pelas quais eles pudessem desenvolver esses contatos. Ela também orava — com diligência e todos os dias — para que Deus trabalhasse no coração desses jovens e para que, se ele realmente os estivesse chamando para o ministério no colégio, eles respondessem.

A visão criou raízes profundas. Os rapazes ficaram sentados nos cultos da igreja nos finais de semana, ouvindo os sermões que tinham por tema "fazendo sua vida ter valor... usando seus dons... assumindo riscos... evangelismo... discipulado... propósito", e todos pensavam na mesma coisa: grupo caseiro.

Ruth aproximou-se deles mais uma vez e os convidou para jantar com os outros líderes e, depois, visitar o grupo caseiro. Eles foram. Descobriram duas coisas naquela noite. Primeiro, que realmente gostaram dos outros líderes. E, segundo, que a única maneira de fazer os meninos do colégio discutirem questões com alguma profundidade

era eles mesmos mergulharem de cabeça na discussão. "Assim, aqui está a ação que vou tomar nesta semana", eles disseram para os mais jovens. "Que passo vocês vão tomar?"

Dois dias depois, Ruth encontrou-se com eles no café da manhã para discutir sobre a reunião do grupo caseiro: "Como foi? Foi um bom negócio? Foi possível se identificar com as crianças? De que modo vocês vêem seu envolvimento no futuro? Existe alguma forma pela qual eu possa ajudá-los a explorar esta oportunidade no futuro?" (Não foi nada mal ela pagar o café da manhã!).

Não é nenhuma surpresa para mim o fato de aqueles três rapazes acabarem se tornando líderes entusiastas e eficientes de pequenos grupos. Ruth fez tudo certo. Por meio de um amigo comum, Ruth conheceu os rapazes bem o suficiente para saber que eles, na realidade, seriam grandes líderes para as crianças do colégio. E ela os conhecia bem o bastante para se aproximar deles pessoalmente.

Assim ela pediu. E pediu. E toda vez que pedia, ela apresentava um pouco mais da visão. Ela os convenceu de que lhes estava pedindo que fizessem algo realmente importante. Não só isso, eles se saíam bem e gostariam da tarefa.

Com sabedoria, Ruth também lhes ofereceu uma descrição específica do trabalho. Ela não disse simplesmente: "Ei, vocês gostariam de trabalhar com crianças do colégio?". Ela pediu que servissem como líderes de pequenos grupos de adolescentes de um colégio particular em uma determinada casa em uma determinada noite da semana. Em seguida, enunciou claramente as responsabilidades dos líderes. Eles não teriam de dar sermões, mas teriam de liderar os grupos de discussão. Não teriam de passar todas as noites da semana com os alunos, mas esperava-se que agendassem reuniões durante o café da manhã ou eventos ocasionais à noite para conhecer melhor seus rapazes.

Ruth sabia que todo voluntário potencial precisa saber com exatidão o que lhe está sendo pedido para fazer. A hesitação de um recruta está diretamente relacionada à falta de informação. As pessoas precisam saber exatamente quais são suas responsabilidades, quando precisam aparecer, quem estará presente e quanto tempo isso levará. Elas não podem dizer *sim* para um bando de desconhecidos. E elas precisam ter convicção de que o pedido que lhes está sendo feito é razoável.

De volta a Ruth. Quando os rapazes mostraram interesse pelo ministério, ela os convidou para jantar com os outros líderes de pequenos grupos. Ela sabia que se eles quisessem passar, no mínimo, uma noite por semana servindo com sua equipe, seria melhor para todos descobrir naquele momento se eles tinham um entrosamento com aquilo que poderiam desenvolver.

NÃO NEGLIGENCIE AS PERGUNTAS

Após o primeiro grupo caseiro, Ruth prosseguiu com a parte mais negligenciada — e indiscutivelmente a mais importante — do processo de recrutamento: as perguntas. Quase sempre o padrão de recrutamento segue assim: Você pede. Você finalmente consegue que alguém apareça. Então você cruza os dedos e espera que a pessoa tenha gostado e que volte.

Por que não se sentar com o novo recruta e discutir como foi para ele a experiência de servir? Precisamos nos lembrar de que recrutar voluntários não é só colocar as pessoas nas brechas e ter as necessidades de nosso ministério supridas. Tem a ver com dar às pessoas permissão para experimentar e aprender. Tem a ver com conduzir as pessoas ao longo de um caminho de crescimento espiritual e ajudá-las a descobrirem seus dons espirituais e suas paixões.

Assim precisamos fazer perguntas. Se os voluntários disserem que gostaram de cada minuto da experiência, podemos nos alegrar com eles e incentivá-los a continuar. Se eles expressarem reservas com relação a voltar, precisamos descobrir a razão.

Houve uma falha no sistema? O líder dos voluntários não foi pontual? O voluntário acabou trabalhando sozinho, e não com uma equipe? O treinamento necessário foi negligenciado?

Ou houve uma descoberta pessoal? O voluntário percebeu que não gosta de crianças pequenas? Ele não gosta de tarefas administrativas? Ele não consegue chegar às sete horas no sábado?

O trabalho poderia ser aprimorado para ele se adaptar melhor? Como o voluntário imaginava que seria seu papel? Há uma forma de modificar o papel desse voluntário a fim de criar uma situação vantajosa para ambos os lados?

Um dos membros de nosso conselho que havia servido fielmente por muitos anos descobriu que teria de se mudar para outra parte do país ou aceitar viajar de segunda a sexta por quase todas as semanas. De um modo ou de outro, esse homem teria de abrir mão de sua posição no conselho - ou assim ele imaginava. Mas quando perguntei-lhe se havia alguma maneira pela qual poderíamos ajustar seu envolvimento no conselho para tornar viável a continuação de seu serviço, ele apareceu com uma opção que consideramos fácil de ser implementada, que exigia apenas uma pequena mudança em termos de responsabilidade e compromisso com o tempo.

Mais tarde ele me enviou uma carta de agradecimento. "Foi muito bom para mim", ele escreveu, "saber que você valorizou minha contribuição como membro do conselho a ponto de adequar a posição às minhas novas circunstâncias". Ele não precisava me agradecer. Fazer esse ajuste permitiu-me manter os serviços de um valioso voluntário. Após vários anos, sua situação vocacional mais uma vez mudou e ele pôde retomar seu nível anterior de envolvimento no conselho.

TRÊS LIÇÕES IMPORTANTES

Desenvolver um grande voluntariado não acontece por acaso. Sempre exige maior investimento por parte da equipe da igreja. Quero concluir este capítulo com três lições que os líderes de igreja precisam ter em mente.

1. Um voluntário novo é um voluntário frágil

Um voluntário antigo pode lidar com um contratempo ocasional no voluntariado. Mas um voluntário novo é extremamente vulnerável ao desânimo e à desilusão. E esta primeira experiência do voluntário pode muito bem determinar sua atitude para com o ministério pelo resto de sua vida.

Todos já vimos isso: uma nova voluntária aparece para servir e um descuidado líder de igreja a coloca em uma posição que não condiz com seus dons, interesses ou habilidades. O líder não aprova o valor da experiência oferecendo uma saída fácil — "Ei, se isso não funcionar para você, encontraremos outra opção" —, com isso, a voluntária aparece fielmente durante um ano, sentindo-se o tempo todo inútil, frustrada e esgotada. Ela trabalha com afinco, mas nunca se sobressai. Quando ela tenta desistir, o pastor ou diretor do ministério diz: "Vamos lá. Tenha compromisso. Não desista. Não decepcione a Deus".

Mas muitas vezes não é uma questão de compromisso. Quando as pessoas deixam a posição de espectador e vestem a camisa do servir, normalmente é porque Deus tocou no coração delas e porque querem fazer a diferença no Reino. Mas uma experiência no servir que sempre parece frustrante pode levar as pessoas a aceitar a culpa por desistir, a voltar à posição de espectador, a cruzar os braços e a desafiar outro líder de igreja para que as faça ir para o campo.

Muitas vezes ouço as seguintes palavras: "Bill, eu gostaria de servir, mas não posso neste momento. Minha esposa e eu precisamos dar um tempo. Por dez anos dirigimos o ministério de pequeno grupo em nossa antiga igreja. Contudo, investimos muitas horas, nunca recebemos o treinamento de que precisávamos e nosso supervisor nunca atendeu

aos nossos pedidos de ajuda. Estamos cansados. Não podemos mais fazer isso. Precisamos nos recuperar dessa experiência".

Que triste! Às vezes, nossa igreja precisa ser um hospital para servos feridos de outras igrejas — e às vezes para aqueles de nossa própria igreja. Cometemos muitos erros que têm machucado as pessoas, e precisamos deixar que elas tenham um tempo de cura.

Como podemos evitar isso? Mais uma vez a resposta é vergonhosamente simples. Pergunte. Escreva um bilhete. Telefone. Leve um voluntário novo para almoçar e faça algumas perguntas básicas para avaliá-lo: "Como foi a experiência? Ela animou você? Você está ansioso para fazer isso novamente?". E, ao longo do caminho, faça o mesmo com voluntários veteranos: "Como vão as coisas? Você ainda está satisfeito em sua posição? Há algum ajuste que precisamos fazer?".

2. A maneira mais fácil de destruir um voluntário é desperdiçando seu tempo

As pessoas responsáveis por coordenar os voluntários, em particular, precisam ter esta lição em mente.

Eis como tudo acontece: um pastor fala sobre servir, comunica de modo criativo as necessidades e faz convites pessoais. As pessoas inscrevem-se para o serviço. Nos melhores casos, elas até são direcionadas para áreas em que têm dons e paixão.

Sendo assim, o voluntário sai cedo do trabalho, consegue uma babá, dirige por 45 minutos e aparece disposto para servir — e então descobre que sua presença não é necessária. Simplesmente não há trabalho suficiente; o projeto poderia facilmente ter sido concluído sem ele. Ou todos estão ocupados com o trabalho. As habilidades específicas oferecidas por ele não são exigidas para esse trabalho. Ou, pior ainda, o projeto não ficou pronto em tempo. O voluntário fica por ali por vinte minutos, esperando que alguém apareça com as cartas que ele deveria colocar nos envelopes. Desperdiçar o tempo de um voluntário é a melhor garantia de que ele nunca mais aparecerá novamente.

Por outro lado, corremos o mesmo risco quando sobrecarregamos um voluntário com responsabilidades. Um jovem casal se oferece para ajudar o pastor com o grupo de jovens e, três semanas depois, o pastor diz: "O grupo é todo seu. Vocês agora são os responsáveis pelos jovens. Estas 25 crianças são de vocês!".

Se a responsabilidade dada aos voluntários não corresponde ao seu estágio de vida, à sua energia ou ao seu nível de habilidade, não leva muito tempo para eles desistirem.

E a culpa não é deles. A equipe e os líderes da igreja têm a responsabilidade de ajudar os voluntários a descobrir uma janela adequada de responsabilidade na qual não sejam nem mal aproveitados nem sobrecarregados.

De que modo você encontra este lugar exato no conjunto contínuo do servir? Mais uma vez, nas perguntas. Pergunte. Ouça. Conheça seu voluntário. Cuide. Lembre-se de que você não está só preenchendo uma lacuna para suprir uma necessidade; você está conduzindo um discípulo de Cristo de coração disposto ao longo do caminho que leva a um estilo de vida gratificante e frutífero no servir.

3. É preciso lembrar os servos constantemente de que o que fazem não é em vão

Deve-se frequentemente lembrar os voluntários de que eles são valiosos; que o que fazem é parte do drama redentor que vem acontecendo por toda a história humana; que o papel que desempenham não é insignificante; que Deus aprecia cada tarefa que eles desempenham, cada hora de serviço que eles investem.

Mateus 6:4 diz: "teu Pai, que vê em secreto, te recompensará". Nem um único ato de serviço feito em nome de Cristo passa despercebido ou deixa de ser recompensado. Nem sequer uma palavra boa ou um sorriso animador são perdidos. Cada ação de caridade, cada gesto de misericórdia, cada carta de inspiração, cada hora dedicada ao servir seu cônjuge, seus filhos, seus pais, seu patrão, o diretor de seu ministério, um estranho na rua - cada ação de serventia é notada e será recompensada por Deus. Cabe a nós lembrar as pessoas disso.

Em I Coríntios 15:58 lemos: "sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão". Este é o verso da minha vida. Quando fico desanimado ou cansado, eu o repito de um modo um pouco diferente: *Nunca é em vão, não há nada que eu faça em nome de Cristo que seja em vão*. Embora ter visibilidade seja compensador, na maior parte dos dias saio de meu escritório pensando que mais frustrei as pessoas do que as encorajei, ou que minha liderança ou ensino não surtiram efeito. Tenho de lembrar-me de que, pelo menos, apareci, tentei e que Deus viu isso. E isso não pode ser tirado de mim.

Se eu tiver de passar por esse tipo de disciplina mental para me manter motivado e fiel, o que dizer da pessoa que fica lá fora, a uma temperatura abaixo de zero, colocando carros nas vagas do estacionamento, ou que limpa mesas sujas no refeitório ou que passa o aspirador de pó no auditório no sábado de manhã? Também é preciso lembrá-las de que Deus vê e valoriza o que elas fazem, que há testemunhas no céu que as encorajam, que o impacto de seu serviço irá se propagar por toda a eternidade.

E preciso lembrar os voluntários de que eles *não são loucos*. Sei o quanto aprecio quando sou confirmado e ouço dizerem que o que estou fazendo é importante. Creio que a maioria das pessoas se sente assim. Todos trazemos as mesmas dúvidas lá no íntimo. Precisamos criar uma cultura de encorajamento reservando um tempo para olharmos nos olhos uns dos outros e nos lembrarmos de que o que estamos fazendo é importante. *Deus o vê, por ser importante e, eu o vejo também. Sua fidelidade tem valor. Seus dons têm valor.*

Não é preciso usar muitas palavras para encorajar alguém. Você pode aproximar-se de uma pessoa no saguão, colocar sua mão no ombro dela e dizer uma única frase: *Estou feliz por você estar na equipe... Este ministério não seria o mesmo sem você... Sou grato a Deus pelo que você está fazendo.*

Certa noite de sexta-feira, eu falava em um culto de consagração do novo prédio de uma igreja em outro estado. A caminho do auditório, passei pelo berçário e vi uma mulher com um bebê em cada braço. Eu estava preocupado, tentando encontrar minhas anotações em minha pasta, mas fui claramente impulsionado — pensei ser pelo Espírito Santo — a parar e agradecer à mulher por servir no berçário.

Eu disse: "Sei que a senhora provavelmente preferiria estar no auditório com o restante da igreja, celebrando a inauguração do novo templo. Mas aqui está a senhora com um bebê em cada braço. Parabéns por seu espírito de serventia e sua disposição em possibilitar que outras famílias aproveitem o culto desta noite. Continue assim!".

Mais tarde, recebi um bilhete daquela mulher. "Querido pastor", ela escreveu, "trabalho nos berçários da igreja há 22 anos. Quando o senhor parou para conversar comigo, aquela foi a primeira vez que um líder da igreja me agradeceu."

Li aquilo e pensei: *Por que fazemos isso com os voluntários? Por que dizer um obrigado aos heróis ocultos da igreja local é um dos últimos itens de nossa lista?*

Se você é um voluntário fiel, constante e humilde, eu gostaria de agradecer-lhe neste exato momento por você aparecer e fazer a diferença. Seus dons têm valor. Sua paixão tem valor. Seus trabalhos oficiais no culto têm valor. Seus atos de bondade não vistos têm valor.

Seu trabalho não é em vão! Continue assim!

CAPÍTULO 10

A longo prazo

E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo
ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto
tivermos oportunidade, façamos o bem a todos.

GÁLATAS 6:9-10

SERIA DIFÍCIL ENCONTRAR UM RESTAURANTE PIOR DO QUE O *Tasty's Diner*. O atendimento era péssimo, a comida era péssima, a decoração era péssima, a iluminação era péssima. Tudo o que tinha a ver com ele era péssimo, exceto uma coisa: ele ficava aberto a noite toda.

Nos primeiros dias do Son City, quando todos trabalhávamos com tanto afinco como voluntários a ponto de nos sentir tentados, a cada semana, a desistir, encontrávamo-nos no *Tasty's Diner* após o evangelismo na quinta-feira à noite. Sentados uma mesa de canto com estofado de vinil, revíamos o que havíamos feito naquela noite. Normalmente começávamos com reclamações. Começamos a reunião quinze minutos atrasados, mais uma vez. Uma criança do teatro esqueceu uma fala importante. Uma das lâmpadas explodiu durante a mensagem.

Reclamávamos por alguns instantes e então começávamos a rir. Sabíamos que tínhamos de rir ou chorar, e optávamos pelo primeiro.

Assim que a comida era servida, maneirávamos e começávamos a compartilhar histórias sobre as conversas importantes que havíamos tido com as crianças naquela noite. Aos poucos passávamos a falar sobre nossa própria vida, sobre como nos esforçávamos ou crescíamos ou o que se passava com a família ou os amigos. Quando os ponteiros do relógio passavam da meia-noite, nossa conversa ficava mais profunda. Finalmente, alguém olhava para seu relógio e abria a boca, nosso sinal de que era hora de ir embora. Lamentávamos pelo fim da conversa, mas estávamos tão cansados que mal conseguíamos chegar ao carro.

A caminho do estacionamento, nós, um a um, dizíamos: "Ei, vejo você na próxima semana".

Sem dúvida, todos apareciam na semana seguinte. Amávamos uns aos outros e gostávamos de servir juntos. A comunhão que partilhávamos sob as luzes fluorescentes daquele restaurante escuro era uma de nossas maiores compensações pelo sangue, pelo suor e pelas lágrimas que derramávamos no ministério. Amávamos a Deus e queríamos servir aos alunos em seu nome. E a comunidade que cercava nosso servir ajudava a renovar nossas forças para que pudéssemos continuar nesse propósito.

E O TEMPO PASSA

Linda foi cantora na banda do Son City durante aqueles primeiros anos, e nunca parou de cantar. Professora por vocação, ela ainda serve fielmente à nossa congregação com seu talento musical. Há quase trinta anos, ela aparece nos cultos no meio e nos finais da semana, e nos feriados — e nos milhares de ensaios necessários — para servir como cantora reserva, humildemente conduzindo nossa congregação à adoração ou ajudando a criar um "momento" no programa que toca na alma das pessoas. Durante muitos desses anos, era ela quem fazia sinais para os surdos, interpretando canções e peças teatrais durante os cultos no meio e nos finais de semana.

Laurie tinha 17 anos quando começou a servir no Son City como líder da equipe de seu colégio. Aos 22 anos, ela se tornou uma presbítera de nossa igreja. Nos próximos 25 anos, enquanto ocupava uma posição de gerência em uma corretora de imóveis, ela participou literalmente de centenas de reuniões de presbíteros até altas horas da noite para tomar importantes decisões espirituais em nome de nossa igreja, orar pelos doentes, discutir questões de disciplina da igreja e prover direção à nossa equipe. Agora afastada do "presbitério", Laurie busca uma nova paixão. Com o mesmo fervor que dedicou para ajudar a liderar nossa igreja, ela agora assiste aos refugiados africanos à medida que eles voltam a se estabelecer na região de Chicago.

Quigley também tem servido à nossa igreja fielmente há quase três décadas. Fazia um ano que ele havia se convertido quando se tornou voluntário para ajudar a encontrar um local onde nossa nova igreja pudesse ser construída. Estávamos nos reunindo no espaço de um cinema e desejávamos um estabelecimento onde não tivéssemos de lidar com exhibições obscenas e realizar nosso ministério infantil em uma sala suja que cheirava a pipoca velha. Quig descobriu que seu médico era proprietário de uma parte de um terreno na esquina da Barrington com a Algonquin. Nós nos mudamos para um prédio naquele local em 1981 e ainda estamos lá. Quig também foi presidente de nossa diretoria desde o começo; ele presidiu a todas as reuniões que tivemos. Sobre seu papel como voluntário, ele diz: "Obrigado por me darem o papel mais importante e gratificante de minha vida. Pretendo fazer isso até que eles tenham de me carregar em uma caixa!".

Essas pessoas assumiram o compromisso de ser voluntários no Reino de Deus por toda a vida. De acordo com a Bíblia, isso deveria ser uma regra. Jesus ensinou que a serventia não tem a ver com dar o melhor de si por dois anos e depois perder o interesse, ou com servir com total entrega por cinco anos e depois dar um basta. Servir é o principal chamado de nossa vida. Entretanto, trabalhar regularmente como voluntário na igreja é difícil. Por isso, precisamos entender o que sustenta a força de um voluntário a longo prazo.

CHAVES EM QUE SE APOIAR

A primeira chave é algo que discutimos nos capítulos anteriores: alinhar-se cada vez mais a áreas de paixão e a dons espirituais. A segunda maneira é servir dentro do contexto da comunidade.

Nos primeiros estágios do serviço, o "alto astral do colaborador" pode parecer tão forte a ponto de se tornar quase tentador. *Uau, isso enriquece minha vida! Isso faz com que eu me sinta tão bem!* Mas qualquer pessoa que serve regularmente sabe que a euforia provavelmente não durará para sempre. Em um determinado momento, você percebe que servir não tem a ver com você. Tem a ver com Deus e com as necessidades daqueles aos quais você foi chamado a servir. Às vezes suprir essas necessidades parece bom; outras vezes, não passa de um trabalho simples, chato, exigente.

Caminho por nossa igreja e vejo centenas de voluntários aparecendo semana após semana para fazer tarefas desagradáveis e repetitivas. Vejo outros com níveis de responsabilidade que provavelmente excedem as que têm em sua atividade profissional. Vejo alguns abrirem mão de horas "rentáveis" no trabalho para terem mais tempo para servir de graça na igreja. Vejo outros que — literalmente — são voluntários em tempo integral.

Muitas vezes eu me pergunto como é que eles continuam a fazer isso. Sei que são humanos. Sei que às vezes ficam cansados e desanimados. Sei que alguns deles provavelmente não descobriram seu "lugar" perfeito em termos de dons e paixão, por isso seu serviço é mais difícil do que deveria ser. Como eles mantêm a energia para continuar a aparecer?

Então passo pelo pátio de nossa igreja e vejo grupos reunidos em torno de mesas antes ou depois de servir. Eles expõem sua vida uns para os outros, rindo, orando e chorando uns com os outros.

Então eu me lembro do *Tasty's Diner*.

Tenho dito muitas vezes nos últimos anos que há duas metas para o resto de minha vida. Primeiro, quero fazer a obra que Deus pede que eu faça. Nunca tive alegria fora do chamado de Deus para minha vida. Toda vez que desviei ainda que cinco graus desse curso, perdi o sentido do sorriso de Deus, sem o qual não posso viver.

Segundo, quero fazer a obra que Deus me chama a fazer na comunidade com pessoas a quem amo. Embora a maioria dos círculos de pessoas que estão em serviço, entre os quais me sento agora, não inclua voluntários, o mesmo princípio se aplica.

Em uma recente reunião da equipe de administração, experimentei os altos e baixos da comunidade. Algumas pessoas compartilharam histórias hilariantes de momentos familiares cheios de alegria que haviam ocorrido durante a semana; mas outras falaram com lágrimas. Depois eu me sentei à minha mesa e pensei: *nada se compara a ser convidado a participar das alegrias e tristezas das pessoas com que sirvo e tê-las participando das alegrias e tristezas de minha vida. Eu nem sequer gostaria de fazer a obra de Deus longe da comunidade.*

Sei que isso parece servir a si mesmo. A verdade é que se Deus me chamasse para servir no total isolamento de uma caverna escura, eu esperaria poder cumpri-lo. E, sem dúvida, para todos nós, alguns aspectos de nosso serviço exigem um foco solitário. Mas não creio que o plano de Deus seja nos chamar para sermos servos solitários.

Se quisermos um modelo disso, precisamos simplesmente olhar para Jesus. Embora tenha passado tempo orando e refletindo sozinho, ele não andou ensinando às grandes multidões e dormindo nas encostas das montanhas sozinho. Durante a maior parte de seu ministério público, ele serviu em uma comunidade de doze pessoas, e ainda mais intimamente no círculo íntimo de três.

Em nossa igreja, temos o compromisso de oferecer aos voluntários exatamente o que acreditamos ter Deus em mente: a oportunidade de servir fielmente no contexto de uma comunidade tão rica capaz de tocar-lhes o coração, dar-lhes alegria e revigorá-los para que continuem o serviço.

Nem sempre fazemos isso. Por exemplo, estamos habituados a contar com voluntários solitários para cortar a grama do terreno da igreja. Um rapaz aparecia, tirava o cortador do celeiro, ligava-o, cortava a grama por algumas horas e então ia para casa. Ele não tinha contato com ninguém — e nos perguntávamos por que as pessoas que cortavam grama tinham pouca motivação e sempre mudavam de área! Quando finalmente compramos mais cortadores de grama e criamos uma equipe para essa tarefa,

a motivação e a longevidade foram lá para cima. O *e-mail* a seguir descreve o poder de se trabalhar em uma equipe:

Gostaria de falar sobre o trabalho no *Equipe de Base*. A equipe reunia-se aos sábados das sete da manhã às três da tarde, com um intervalo para o café às dez e o almoço ao meio-dia. Não sei o que eu mais desejava, se os intervalos ou o trabalho. Ambos eram igualmente gratificantes. Durante o intervalo da manhã, nós nos sentávamos em um círculo e tomávamos suco ou café servido com rosquinhas ou bolo de café. Dávamos a volta no círculo e cada um falava por cinco ou seis minutos sobre coisas pessoais. Podíamos compartilhar qualquer coisa durante aqueles momentos. Às vezes, coisas pesadas; outras vezes, coisas mais leves. Passávamos a nos conhecer muito bem. Havia algo de especial quando uma tarefa era designada e depois quando nos dávamos as mãos para orar por um dia produtivo e seguro...

Sei que os relacionamentos que se desenvolveram naquele grupo não foram por acaso. Sempre pensei que quando Dan, o líder, nos designava projetos, como arrumar o gramado ou plantar arbustos ou tulipas, ele provavelmente pensava: *Agora, Garyse beneficiaria em trabalhar com quem hoje?* Naquele grupo aprendi o que era ser uma comunidade.

Estou no ramo do varejo e tenho de trabalhar aos sábados agora, por isso estou servindo em um outro ministério, mas, todos os sábados, a caminho do trabalho, passo pela igreja e me lembro dos dias em que passei no campus podando, cercando, plantando e andando ao lado de um amigo cristão com um desejo comum... servir ao Senhor... juntos.

Doreen escreveu o seguinte sobre sua experiência de servir na comunidade:

Venho servindo no ministério infantil há mais de vinte anos. Tive experiências incríveis, não só com as crianças, mas também com as equipes com as quais servi. Minha atual equipe é uma família para mim tanto quanto minha família biológica. Quase todos os sábados à noite, depois de trabalhar com as crianças, saímos para comer e conversar até fecharmos o restaurante. Ajudamos uns aos outros, vamos ao casamento uns dos outros e levamos uns aos outros ao aeroporto.

Nós também nos sentamos juntos na maioria dos cultos. Sei que eles sentiriam minha falta se eu não aparecesse, por isso trata-se de uma forma de responsabilidade. O verso que fala "como o ferro com o ferro se afia" de fato

descreve-nos; todos crescemos em nossa fé como consequência de levarmos a vida juntos.

Esta igreja pode parecer muito grande. Superei isso quando me juntei à tarefa de servir.

COMO MANTER A MOTIVAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

A comunidade claramente desempenha um grande papel no sustento da serventia. Na última parte deste capítulo, eu gostaria de mencionar vários outros fatores que mantêm a motivação dos servos.

1. A energia para servir aumenta à medida que vemos transformação na vida daqueles a quem servimos

Paulo escreve para a próspera igreja em Tessalônica: "porque, agora, vivemos, se é que estais firmados no Senhor" (1 Ts 3:8). Ele descreve o ímpeto espiritual que os servos desfrutam quando vêem as pessoas a quem serviram crescendo espiritualmente e levando uma vida capacitada por Deus.

O apóstolo João escreve: "Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade" (3 Jo 1:4). Ele fala sobre filhos espirituais, pessoas a quem serviu e em quem investiu.

Todo servo consagrado de Deus que conheço passou por algumas experiências no deserto enquanto servia aos outros. Um pequeno grupo que ele liderava se dividiu. A pessoa a quem ele mentoreava voltou a ter um estilo de vida destrutivo. "De que serve isso?", ele pergunta. "As pessoas não se importam. Elas não mudam. Minha contribuição não serve para nada. Estou perdendo meu tempo."

Entretanto, ele continua a amar, a orar, a ensinar e a oferecer atos de serviço tangíveis, e parte desse esforço toca nos corações e produz mudanças permanentes. Na igreja, na mercearia ou no estacionamento do bairro, ele se depara com alguém que diz: "Ei, quero que você saiba que seu modo de viver segundo o espírito de Cristo, trazendo-me refeições quando eu estava doente, me fez querer ser um discípulo de Cristo também". Ou: "Quando você compartilhou a história de seu processo de cura em nosso grupo de apoio, você me deu esperança para continuar a perseverar em minha própria dor. Obrigado por sua sinceridade". Ou: "Talvez você não se lembre, mas você era líder do pequeno grupo de meu filho no primário. Ele está na faculdade agora e ainda está andando com o Senhor. Obrigado por investir nele".

De repente esses servos compreendem a que Paulo se referia quando disse que impactar uma pessoa espiritualmente fez com que ele "realmente vivesse".

Considere um *e-mail* que recebi de um jovem que serviu por dez anos em nosso ministério de basquete, que alcança pessoas de nossa comunidade.

A temporada que recentemente chegou ao fim foi a mais gratificante que tive. Há quatro anos herdei um time de basquete de rapazes mais jovens. Relacionar-me com eles foi um pouco difícil no começo porque eu não conhecia ninguém, mas, aos poucos, reduzimos essa distância. Agora, não somos mais "só" um time de basquete. Somos um grupo de rapazes que gosta de estar um com o outro, dentro e fora de quadra. Outros vêem como nos divertimos juntos e querem se juntar ao nosso "Merry Band" de irmãos. Tem sido gratificante perceber que outras pessoas podem ver uma dimensão da vida cristã por meio de jogadores que estão correndo, fazendo lances e suando a camisa em um piso duro de madeira.

Mas o que fez desta temporada algo tão marcante foi que um dos integrantes de meu time tornou-se um cristão... e ajudei a conduzi-lo ao longo desse caminho! Que honra foi poder dizer a alguém que eu conhecia e amava havia quatro anos que houve uma festa no céu em sua homenagem. Foi tão humílimo para mim. Com todos os erros que cometo, o Espírito Santo usou-me para alcançar uma alma perdida e trazê-la para a família de Deus. Este é provavelmente o aspecto mais incrível de ser um discípulo de Cristo... como Deus pode pegar um indivíduo extremamente falho e usar a disposição de seu coração e seus dons para alcançar outros indivíduos falhos. Posso dizer-lhe do fundo do meu coração que não há nada mais gratificante para mim do que aquilo que aconteceu no meu time de basquete neste ano.

Os cultos de batismo são uma forma de os voluntários se juntarem à celebração da transformação que Deus faz em vidas humanas. Creio que toda pessoa conduzida à fé por meio do ministério de uma igreja é uma testemunha da contribuição de cada voluntário.

Talvez, em algum momento, as palavras ministradas por um de nossos professores "deram um estalo" e o ouvinte soube que a mensagem da graça de Deus era para ele. Mas essa mensagem jamais teria sido ouvida sem os voluntários da produção que aparecem cedo para montar as aparelhagens e equipamentos técnicos enquanto o restante de nós dorme. E a mensagem talvez não tivesse alcançado o coração do ouvinte sem a canção entoada por uma voluntária cantora que ora para que, toda vez que cantar,

Deus use a letra e a melodia de sua música para quebrar as barreiras emocionais e espirituais. E os voluntários que passam o aspirador no auditório todos os sábados pela manhã sabem que também fizeram parte de toda a decisão espiritual tomada naquele salão.

Todo culto de batismo celebra uma vida transformada, mas também celebra o Corpo de Cristo. Celebra mãos, pés, olhos, ouvidos e corações que trabalharam em conjunto segundo o desígnio de Deus. E o pequeno surto de energia que enche a alma de todo voluntário que assiste a um batismo é uma dádiva do Espírito Santo, que diz: "Você participou da transformação de uma vida humana. Tome posse disso. Alegre-se por saber que você foi usado para cumprir os propósitos de Deus. Tenha ânimo. Aceite a recompensa".

2. A longevidade no servir exige um cuidado com a própria saúde

Muitos servos fiéis ficam de fora por causa de um simples problema: servir em demasia. E isso mesmo que você ouviu, amigo — servir em demasia. Muitos novos convertidos extremamente motivados duvidam de que seja possível servir em demasia. Eles citam o autor do Salmo 116:12: "Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?". E eles respondem: "Quanto mais, melhor".

"Eu preferiria ficar esgotado a ficar enferrujado", eles dizem. E muitas vezes é exatamente isso que eles fazem. Eles se esgotam e acabam ficando de fora; seu serviço já era.

Esse cenário expõe uma terrível divergência entre a comunidade cristã. A frase "As muitas atividades implicam em santidade" resume isso muito bem. Os que compartilham desta mentalidade estão convencidos de que Deus favorece aqueles que vivem à beira da exaustão e de que estar na igreja sete noites por semana é um sinal de espiritualidade.

Se um amigo de seu bairro ou um conhecido do trabalho chamar uma dessas pessoas para uma reunião social, elas não podem participar. "Sinto muito", elas dizem, "tenho estes oito trabalhos da igreja para fazer e simplesmente não posso perder tempo com coisas pequenas". Coisas pequenas - como amigos, vizinhos, cônjuge, filhos, exercícios, sono, lazer, saúde.

Entendo. Já passei por isso.

Em minha juventude, eu tinha uma tendência à ambição própria que precisava ser quebrada. Sou agitado por me voltar muito para objetivos, e tinha muitos objetivos

traçados - metas profissionais, metas acadêmicas, metas financeiras. Sabia o que queria, e não tinha intenção de deixar que Deus ou qualquer outra pessoa se colocasse em meu caminho. Algo tinha de pôr fim a essa tendência a ter vontade própria que havia em mim.

Deus usou os versos de autonegação e do servir a Deus e às outras pessoas que o dr. B. havia me ensinado na época do Son City para iniciar esse processo. Memorizei aqueles versos. Eu os repetia todos os dias. Foi preciso aquele tipo de aplicação decidida da Palavra de Deus para transpor a mentalidade do "eu primeiro" que me consumia.

Entretanto, eu não reconhecia a diferença entre autonegação e autodestruição. Autonegação tem a ver com a negação do pecado, a autodecepção e o egoísmo. Tem a ver com negar tudo aquilo que Deus nos pede que neguemos, seja por meio de ordenanças bíblicas ou por meio da direção mais personalizada do Espírito Santo.

Autodestruição, por outro lado, tem a ver com negar sentimentos autênticos, necessidades legítimas, atividades saudáveis e relacionamentos revigorantes dos quais Deus nunca nos pediu que abrísssemos mão.

Aos poucos, ao longo dos anos, passei de uma autonegação saudável para um ritmo de vida autodestrutivo que me empurrava tanto para um desgaste que eu temia a possibilidade de ter de deixar o ministério.

E eu não era o único a sofrer por causa de meu ritmo de vida. Trago comigo a dolorosa lembrança de que, durante a época do serviço extremamente desequilibrado da década de 1970, alguns casais jovens de nossa igreja acabaram divorciados por imitarem o ritmo de vida doentio do qual fui exemplo. Tenho comigo que Deus me perdoou, mas jamais superarei a tristeza que acompanha essas lembranças. Não percebi então que todos prestaremos contas diante de Deus tanto do modo como servimos em casa quanto do modo como servimos na igreja ou na comunidade, e que cuidar daqueles a quem amamos é um componente necessário da longevidade no servir.

Lembre-se de que a vida de serventia não é uma corrida de curta distância, mas uma maratona. Além de acompanharmos nossos passos a longo prazo e cuidarmos de nosso casamento e família, precisamos prestar atenção em nossa dieta, exercícios e descanso. Aprendi pelo caminho difícil que, se não estiver me alimentando, fazendo exercícios e dormindo adequadamente, apresentarei cansaço físico. E, se não estiver desfrutando de momentos de lazer e relaxamento, apresentarei cansaço emocional.

"Servi ao Senhor com alegria", diz o salmista, "apresentai-vos diante dele com cântico" (SI 100:2). Se você estiver fazendo o possível para cumprir esse desígnio, mas sua alegria na vida estiver sendo consumida por uma crescente amargura contra o Deus que você declara amar, isso pode ser um aviso de que você está negando mais do que ele lhe está pedindo que negue ou acompanhando seus passos de um modo pouco realista.

Muitos cristãos só vêem duas opções: egoísmo ou abnegação. Mas qualquer pessoa que é realmente abnegada o tempo todo provavelmente acabará em uma instituição. O meio-ter-mo no cuidarmos de nós mesmos é essencial para preservarmos nossos dons, nosso equilíbrio mental, nossos relacionamentos e nossa saúde, para que possamos nos engajar em um contínuo serviço.

Para isso, não existe uma fórmula que se aplique a todos, mas o Espírito Santo está à nossa disposição para nos guiar todos os dias enquanto meditamos e oramos entregando nossa vida a Deus e pedindo sabedoria e direção.

Um amigo disse: "Sacrificar-se radicalmente exige cuidar radicalmente de si mesmo". É verdade. Se você estiver negligenciando a si mesmo, pensando que pode ser um herói e desafiar as realidades da vida, você está em solo perigoso. Cuidar de si mesmo não é uma opção, é o antídoto para a exaustão, os relacionamentos rompidos e a fadiga, e um componente necessário na vida de um servo de Cristo alegre, eficiente e antigo, que um dia ouvirá as palavras: "Muito bem, servo bom e fiel".

3. A constante serventia flui da plenitude espiritual

Em outras palavras, nosso serviço precisa ter o estímulo adequado. Precisamos dar uma atenção especial ao que nos está motivando espiritualmente. E a culpa? E uma tentativa de conquistar o favor de Deus? E uma resposta às expectativas de outros? Uma necessidade de causar impressão? Uma necessidade de ser útil? Nesse caso, o servir irá, por fim, tornar-se um trabalho penoso, uma obrigação, uma pressão.

A serventia sincera e revitalizada deve fluir de uma experiência constante e diária com a presença e o amor de Deus. Disciplinas espirituais como solitude, silêncio, meditação nas Escrituras, reflexão e oração nos mantêm alicerçados não só na verdade intelectual do amor de Deus, mas em sua realidade experimental. Tais disciplinas abrem nosso coração para que o amor de Deus possa falar conosco, consolar-nos, desafiar-nos e encher-nos. Então a abundância desse amor pode jorrar em forma de atos de serviço e amor pelos outros. Se estivermos servindo a Deus de maneira insana, mas nunca

reservando tempo para termos comunhão com ele, podemos largar na frente, mas nunca conheceremos a alegria de terminar a maratona do servir para a qual Deus nos chama.

Não sei quanto tempo me resta nesta terra. Mas sei o que quero fazer com esse tempo. Quero servir a Deus com pessoas que amo. Quero celebrar o milagre de vidas transformadas. Quero cuidar bem do meu corpo e da minha alma. Quero amar minha família. E quero, todos os dias, estar cheio do amor de Deus até transbordar. Então, quando chegar minha hora de passar para o outro lado, quero agradecer a Deus por ter me dado uma vida muito melhor do que a que eu merecia... uma vida que eu não trocaria pelo mundo.

CAPÍTULO 11

O poder de fazer o bem

Consideremo-nos também uns aos outros, para
nos estimularmos ao amor e às boas obras.

HEBREUS 10:24

E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem. 2
TESSALONICENSES 3:13

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

MATEUS 5:16

Fiel é esta palavra, e quero que, no tocante a estas coisas,

faças afirmação, confiadamente, para que os que têm crido em Deus
sejam solícitos na prática de boas obras.

TITO 3:8

BOAS OBRAS, ESTIMULEM UNS AOS OUTROS ÀS BOAS OBRAS, NÃO se cansem de fazer as boas obras. Assim brilhe a sua luz por fazerem boas obras. Façam boas obras para todas as pessoas. Que os que crêem em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Boas obras.

Na primeira carta do apóstolo Paulo a Timóteo, ele fala aos ricos que não depositem sua esperança na riqueza, mas "praticuem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir (...) a fim de se apoderarem da verdadeira vida" (1 Tm 6:17-19).

No evangelho de Lucas, Jesus ordena que tratemos nossos inimigos fazendo-lhes o bem (Lc 6:31-35).

Paulo diz aos romanos: "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber (...) Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12:20-21).

Vence o mal com o bem.

Não preciso desperdiçar palavras, justificando o mal em nosso mundo. Pela destruição. Pela dor. Pelas guerras. Pela pobreza. Pela fome. Pelo ódio. Pela avareza. Pelas famílias destruídas. Pela negligência para com os velhos. Pela falta de algo tão básico como água limpa para grande parte da população mundial. Pela solidão. Pelo abuso para com o meio ambiente. Pela tragédia da Aids. Pelo vazio espiritual.

Isso é justificado diariamente nos noticiários — e diariamente nos homens, mulheres e crianças cujo caminho cruza o nosso, se quisermos enxergar.

Este livro, por fim, tem a ver com o outro lado da história. O poder de fazer o bem.

Considere uma simples história que fala desse poder em ação.

Depois de morar em uma pequena cidade por cinco anos, Jeff e sua esposa, Karen, precisaram se mudar para começar uma família. Infelizmente, não conseguiram encontrar nada de que gostassem que estivesse na faixa de preço de suas possibilidades. A situação ficou complicada porque Jeff trabalhava em um grande projeto de consultoria, cujo pagamento só seria feito ao término do trabalho. Para piorar as coisas, a associação do condomínio em que eles moravam acrescentou uma despesa considerável ao seu orçamento, fazendo-os trocar os portões de sua garagem.

Ambos ficaram eufóricos quando Jeff finalmente concluiu o trabalho de consultoria; agora eles poderiam trocar os portões da garagem e comprar uma casa. "Mas", explicou Jeff, "cremos que os 'primeiros frutos' são do Senhor e ele colocou em nosso coração também comprar os portões para a garagem de dois de nossos vizinhos que estavam lutando para ganhar a vida. Um deles tinha câncer; o outro simplesmente tinha dificuldade para pagar as contas do mês. Quando falamos sobre os portões da garagem para nossos vizinhos, também compartilhamos a história da bênção do Senhor em nossa vida."

Foi então que o Senhor "abriu a despensa" para Jeff e Karen. "Ficamos cheios até transbordar com a resposta de nossos vizinhos e com o despertar espiritual em nosso coração também. Quando você está no serviço de Deus com sinceridade, você tem um sentimento que não se compara a nenhum outro e que o deixa com mais fome."

Em uma semana, eles encontraram sua futura casa. Karen comentou: "Deus queria que fizéssemos algo antes de nos mudarmos". Era uma poderosa lição.

"Agora perguntamos com liberdade", ela diz, "*O que Tu queres que façamos?* Sabemos que Deus tem um plano e que somos parte desse plano."

Uma coisa simples. Nenhum plano complicado. Nenhuma estrutura organizacional. Só uma cutucada do Espírito Santo. Um ato de generosidade. Você pode imaginar o que é estar no lugar daquele vizinho que lutava contra um câncer? Ou daquele que nunca tinha o suficiente para cobrir as contas?

Portões de garagem.

Boas obras.

Ou que tal esta história?

Bob, com seus setenta e poucos anos, é voluntário no nosso ministério infantil. Em uma manhã de domingo, os pais de uma garotinha não apareceram depois do culto. Enquanto Bob esperava, a criança pediu que ele lesse para ela uma história do Ursinho Pooh. Quando ele terminou de ler, ela lhe pediu que lesse a história de novo. Ele ficou intrigado quando a menina pediu que lesse a história pela terceira vez, mas, mesmo assim, começou a lê-la, a despeito de sua crescente preocupação com o atraso dos pais. Finalmente ele avistou a mãe assim que ela entrou na sala. Ela ficou em pé em silêncio atrás deles até ele terminar a leitura.

Depois que eles terminaram mais uma rodada da história do Ursinho Pooh, a mãe desculpou-se pelo atraso e lhe agradeceu. Depois acrescentou: "Eu estava observando, mas não quis interromper. O senhor foi o único homem que leu para minha filha desde a morte de meu marido há dois anos".

Um senhor idoso lendo a história do Ursinho Pooh. Bálsamo para a alma de uma garotinha.

Boas obras.

Você acha que, em um mundo tão carente como o nosso, uma pessoa não pode fazer a diferença? Pelo contrário, todos os dias temos a oportunidade de criar um mundo que corresponda mais com os valores que estimamos.

Não só cada uma de suas ações tem um impacto dire-to no mundo, mas também cada escolha que você faz envia uma mensagem para aqueles que estão ao seu redor... Criamos força uns para os outros... Não deixe que ninguém o convença de que você não tem poder —juntos, temos o poder de transformar o

mundo. Todas as mudanças significativas no mundo começam lentamente, em um simples momento e lugar, com uma simples ação. Um homem, uma mulher, uma criança se levantam e se comprometem a criar um mundo melhor. A coragem deles inspira outros, que começam a se levantar. Você pode ser essa pessoa.⁶

Você pode ser essa pessoa. Você acredita nisso?

Scott ficou comovido com a situação difícil das famílias de refugiados bantos da Somália que estavam se mudando para a região de Chicago. Após dez anos nos campos de refugiados quenianos, as famílias de refugiados muçulmanos chegavam ao Aeroporto O'Hare de Chicago com as roupas do corpo e literalmente sem nada. Scott e sua esposa, Laurie, decidiram "adotar" uma família em particular — a família Muya — Juntando roupas, sapatos, casacos de frio, roupas de cama, suprimentos para a cozinha, móveis — tudo para que pudessem iniciar a vida em um apartamento no subúrbio de Chicago.

Assim que as notícias sobre a família Muya começaram a circular, outras pessoas se envolveram. Uma família ofereceu sua casa aos Muya — a todos os onze — por duas semanas até que o apartamento ficasse pronto. Outros voluntários com-prometeram-se a ajudar "dia e noite" os Muya a navegar em um mundo novo de encanamentos, luzes elétricas, máquinas de lavar, mercearias e língua inglesa. Alguns dias depois da chegada dessa família, mais de trinta pessoas haviam se juntado ao "Time de Bantos". Agora, com a família Muya instalada em dois apartamentos geminados, os membros do "Time de Bantos" a visitam a cada semana para dar aulas, levá-los à lavanderia e fazer compras no mercado. Outros os estão ajudando a encontrar empregos.

Scott e Laurie agora limpam uma sala de sua casa para poderem juntar e armazenar itens, de modo mais proativo, para outros refugiados que chegam. Sob sua liderança, o "Time de Bantos" continua a crescer, uma vez que outros entendem sua visão de ser amigos que refletem Cristo e andam ao lado de refugiados africanos.

Um casal fez uma simples ação. Eles começaram ajuntar suprimentos necessários para uma família. Eles não sabiam aonde chegariam com isso. Sabiam que não tinham espaço em casa para hospedar uma família. Sabiam que, como pessoas que trabalhavam em tempo integral, não poderiam assumir a responsabilidade de suprir todas as necessidades diárias de uma família que estava chegando. Por isso, eles fizeram o que podiam fazer. Juntaram suprimentos. Mas essa ação estimulou outras pessoas a fazer boas obras.

Quem sabe quantas famílias de refugiados e quantos voluntários serão impactados — transformados — por esta simples cadeia de ações de amor?

Boas obras.

"Sou um homem velho agora", escreveu Kevin para mim,

mas passei os últimos 45 anos de minha vida servindo aos pobres e compartilhando o amor de Jesus com as pessoas tristes e aflitas do mundo. Andei pelas ruas de Calcutá, do Cairo, de Chicago e de muitas outras cidades, alimentando os pobres e levando esperança àqueles que não tinham esperança. Eu não faria diferente do que fiz nem por um milhão de dólares. Diga às pessoas que vale a pena cada caloria de energia gasta, cada dólar dado, cada sofrimento experimentado para ver pessoas transformadas pelo poder do evangelho.

As boas obras vêm em todas as formas e tamanhos. Às vezes incluem portões de garagem. Outras vezes, giram em torno do Ursinho Pooh. Às vezes estão voltadas para a África. Outras vezes, chegam a todas as partes do mundo. Mas, em todos os casos, exigem uma coisa essencial: um voluntário disposto.

Por que você não é esse voluntário?

O título deste livro convida a uma revolução no voluntariado. Toda revolução exige revolucionários, pessoas dinâmicas que sonham com o dia em que as coisas serão diferentes, melhores. Mas os revolucionários vão além de sonhar. Eles dão o melhor à causa. Servem implacavelmente ao esforço coletivo.

Imagine o que aconteceria em nosso mundo se centenas de milhares de pessoas — e, por fim, milhões — decidissem dedicar apenas algumas horas por semana para criar uma onda de boas obras que colocariam a fé em ação, espalhariam boa vontade e aliviariam o sofrimento.

Imagine se cada igreja e cada instituição de caridade, de repente, fossem inundadas de voluntários entusiastas, habilidosos e amorosos que fizessem planos, servissem e orassem para ver um pouco mais do céu no planeta Terra. Apenas imagine!

Tudo o de que se precisa é um grupo de revolucionários animados que acreditam que isso pode acontecer e estão dispostos a dar o primeiro passo. "Faça algo, em algum lugar, agora", diz meu amigo Jerry. Acho que este é o grito de guerra perfeito para a revolução no voluntariado.

Faça Algo, Em Algum Lugar — Agora!

Estou certo de que há uma boa obra bem aí com seu nome escrito nela.

Notas

1. SJOGREN, Steve (editor). *Seeing Beyond Church Watts*. Loveland, Colo.: Group Publishing, 2002, p. 39.
2. Os editores. *Spirituality and Health*, maio-junho de 2003, p. 29.
3. LUKS, Alan. *Spirituality and Health*, maio-junho de 2003, p. 34.
4. KIESLING, Stephen. *Spirituality and Health*, maio-junho de 2003, p. 36.
5. SNYDER, Howard. *Liberating the Church*, Downers Grove, 111.: InterVarsity, 1983, p. 169.
6. JONES, Ellis; HAENFLER, Ross & JOHNSON, Brett com KLOCKE, Brian. *The Better World Handbook*. Gabriola Island, British Columbia, Canadá: New Society Publishers, 2001, p. 6.